



**Design**  
com alma

### LEONEL ALVES

O macaense ilustre e figura política da RAEM. A história de uma vida e um olhar sobre o futuro

### FÓRUM E MIF

China e países de língua portuguesa encontram-se em Macau, em Setembro

### FLORA GOMES

Entrevista com um nome grande do cinema africano



### **Director**

Victor Chan Chi Ping

### **Director Executivo**

Louie Wong Lok I

### **Editor Executivo**

Fernando Sales Lopes

### **Propriedade**

Gabinete de Comunicação Social  
da Região Administrativa Especial de Macau

### **Endereço**

Avenida da Praia Grande, nºs. 762 a 804  
Edif. China Plaza, 15º andar, Macau  
Tel: +(853) 332 886 Fax: +(853) 355 426  
e-mail: info@gcs.gov.mo

### **Produção, Gestão e Distribuição**

Delta Edições, Lda.  
Telefone: +(853) 323 660 Fax: +(853) 323 601  
e-mail: info@deltapublishing.com.mo

### **Editor**

Luís Ortet

### **Direção Gráfica**

José Manuel Cardoso  
Graffiti - Arte & Comunicação

### **Colaboradores Permanentes**

Ina Chiu, Luis Pereira e Patrícia Lemos

### **Colaboraram nesta edição**

Alfredo Vaz, Ana Isabel Dias, Augusto Vilela, Carlos Picassinós, Carmo Correia (fotografia), Fernando Madeira (fotografia), Gilberto Lopes, Harald Bruning, Jorge Martins (fotografia), José Carlos Matias, Lina Ferreira, Luís Almoster (fotografia) Maria Caetano, Mariana Koenders, Mito.

*Ilustração da capa: James Chu (direção gráfica), Chau Siu Leong (design)*

### **Administração, Redacção e Publicidade**

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E  
Edf. Centro Comercial "First International"  
14º andar, Sala 1404  
Telefone: +(853) 323 660 Fax: +(853) 323 601  
e-mail: contacto@revistamacau.com  
www.revistamacau.com

### **Impressão**

Tipografia Welfare, Macau

### **Tiragem**

3 500 exemplares

ISSN: 0871-004X

**A**brimos esta edição com um trabalho em que traçamos o perfil de Leonel Alves, uma das referências do cenário político da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). Iniciou a sua carreira pública pela mão do antigo presidente da Assembleia Legislativa, Carlos Assumpção, em 1984, e hoje não só conserva esse lugar como tem igualmente assento no Conselho Executivo, órgão que tem por missão coadjuvar o Chefe do Executivo na tomada de decisões.

A sua figura ganhou um relevo particular durante o processo de estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau, nos anos que precederam o acto da transferência da administração de Macau em 1999, ao integrar, a convite das autoridades chinesas, a Comissão Preparatória da RAEM. Nesse órgão, Leonel Alves deu o seu contributo activo, em especial na área jurídica e nas questões relacionadas com o estatuto na RAEM dos naturais de Macau de ascendência portuguesa, isto é, os macaenses. Durante esse processo, sobretudo em torno do dossier da nacionalidade dos macaenses, coube-lhe o mérito de mobilizar a comunidade portuguesa de Macau e exortá-la a desempenhar um papel activo na construção da nova região administrativa especial.

Outra vertente desta edição é o enfoque dado aos eventos que vão animar o território a partir de Setembro. Em primeiro lugar, o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa reúne-se na segunda metade do mês, paralelamente à Feira Internacional de Macau (MIF), o que foi pretexto para entrevistas ao secretário para a Economia e Finanças, Francis Tam, e ao secretário-geral do Secretariado Permanente do Fórum, Wang Chengan.

Por outro lado, em Outubro, a par da celebração da vigésima edição do Festival Internacional de Música de Macau (FIMM), terão lugar os primeiros Jogos da Lusofonia, que atrairão à RAEM atletas e dirigentes desportivos dos diversos países de língua portuguesa.

Finalmente, o cinema africano está também em evidência nesta edição, na pessoa do realizador Flora Gomes, que numa entrevista concedida à **MACAU** passa em revista a sua vida e a sua obra, tendo como pano de fundo as potencialidades e o futuro de um continente em que acredita. ■

*Luís Ortet*

## CAPA



O *design* manifesta-se em quase todas as facetas da actividade humana. Por

isso, quando a realidade muda de forma acentuada, como está a acontecer presentemente na China, todas as manifestações do *design* entram em turbulência criativa. A **MACAU** falou com os profissionais do ramo e visitou ateliês.

## LEONEL ALVES



Filho de um macaense de raízes transmontanas e de uma

chinesa com sangue paquistanês, Leonel Alves nasceu em Macau há quase meio século e assume que quer continuar a servir a sua terra natal, esperando reformar-se mais cedo da advocacia do que da política.

## CROUPIERS



Do outro lado das cartas, nas mesas de jogo dos casinos, estão esses

prestidigitadores da boa e da má sorte e psicólogos de ocasião sem os quais os casinos seriam impensáveis. Aprendem muito com a experiência da vida, mas isso não chega. Em Macau há agora escolas para os formar.

### ■ Entrevista

Leonel Alves:  
Corredor de fundo, 4  
*Gilberto Lopes*

### ■ Literatura

O fio da escrita, 20  
*Maria Caetano*

### ■ AULP

Universidades comunicantes, 28  
*Ana Isabel Dias*

### ■ Universidade de Macau

História de um jubileu, 34  
*Ana Isabel Dias*

### ■ Jogos da Lusofonia

Quatro continentes, uma língua, 40  
*Alfredo Vaz*  
O homem dos grandes eventos, 48  
*Alfredo Vaz*

### ■ Cooperação

Uma porta aberta, 54  
*José Carlos Matias*  
“China está mais próxima”, 61  
*José Carlos Matias*  
“Atenção aos recursos humanos”, 63  
*José Carlos Matias*

### ■ Criatividade

Design com alma chinesa, 68  
*Patrícia Lemos*

### ■ Croupiers

O outro lado das cartas, 83  
*Carlos Picassinos*

### ■ China

Algarve na China profunda, 90  
*Ina Chiu*

### ■ Identidade

Património Cultural celebrado, 94  
*Lina Ferreira e Ina Chiu*

### ■ Perfil

África positiva, 98  
*Augusto Vilela*

### ■ Cinema

Cultura bonita, 102  
*Augusto Vilela*

### ■ FIMM

Vinte anos de música, 108  
*Patrícia Lemos*

### ■ Pintura

Um gigantesco centro comercial, 117  
*Mito*

## SECÇÕES

- CASAS DE MACAU, Pag. 15
- NOTICIÁRIO, Pags. 51 e 93
- CARTAZ, Pag. 118
- CONVITE PARA ESCREVER, Pag. 131
- RETRATO, Pag. 132

# Macau 2005 Livro do Ano



**MACAU 2005** Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistematizada o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial

**MACAU 2005** Livro do Ano, meio essencial para todos quantos desejam estudar e compreender melhor a realidade da RAEM, publica-se nas versões chinesa, portuguesa e inglesa ao preço de capa de 120 patacas

*As edições chinesa, portuguesa e inglesa podem ser adquiridas em Macau nos seguintes locais: Plaza Cultural, Livraria Seng Kwong, Livraria Portuguesa, Livraria Wan Tat, Elite Bookstore, Livraria Uma, Livraria Universal e, ainda, na loja da Divisão de Filatelia (Sede) e estações dos serviços de correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo, do Aeroporto e da Urbanização Nova Taipa, na Imprensa Oficial (Sede) e Loja da Imprensa Oficial sita na Rua do Campo Edifício Administração Pública; e em Hong Kong na Commercial Press (HK) LTD e Cosmos Books LTD.*



Corredor de fundo

Jan

*A sua sagacidade política e capacidade de negociador hábil não podem ser dissociadas do que aprendeu nos tempos quentes de 1974-1975 na Faculdade de Direito em Portugal. Com assento no Conselho Executivo e na Assembleia Legislativa, Leonel Alves assume-se agora como um experimentado maratonista, que se prepara para alcançar novas metas*

O lha com emoção para os tempos de estudante universitário. “Influenciaram a minha maneira de ser e de pensar”, observa aquele que é hoje o político, oriundo da comunidade macaense, mais influente na Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

As agitadas reuniões gerais de alunos (RGA) e toda a efervescência que então se vivia na universidade, e em Portugal, fazem parte de um passado que lhe deixou boas recordações. Durão Barroso, António Vitorino, Santana Lopes, José Lamego e Ana Gomes são alguns dos colegas da Faculdade de Direito que desempenham ou exerceram funções de relevância política no Mundo e em Portugal. De Macau, lembra-se de José Manuel Rodrigues e Artur Robarts.

Em Outubro de 1974, Lisboa vivia dias de grande movimentação e agitação política. Os primeiros meses foram de análise, expectativa, embate perante uma nova conjuntura. “Integrei-me com muita facilidade no meio universitário e comecei a ler os livros da moda (Lenine, Marx e outros grandes pensadores)”. Em Março de 1975, a audácia revolucionária que Leonel Alves então evidenciava obrigou o pai a ordenar o regresso a Macau, já que o patriarca não concordava com as ideias que o filho defendia.

Menos de um ano depois regressa à Faculdade de Direito. Para recuperar o tempo perdido pede à primeira colega

com quem se cruza os apontamentos das primeiras aulas. Começava ali uma ligação que ainda hoje se mantém, pois antes de voltar a Macau casa com Maria do Céu, uma setubalense de personalidade vincada e fortes convicções. Dessa união nascem Duarte e Bernardo. Não sabe se os filhos, que estudam em Inglaterra, vão ou não regressar a Macau. Tem, no entanto, uma certeza: é fundamental que aprendam mandarim.

Alunos de todos os quadrantes políticos frequentavam então a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Participou em muitas reuniões, comícios ou manifestações organizadas pelos partidos e movimentos de esquerda, mas nunca se filiou em nenhum deles. «Uma experiência aliciante, que influenciou a vida de toda uma geração», reconhece.

A caminho dos 50 anos, que completa em Abril próximo, Leonel Alves lembra com satisfação a infância, que viveu na avenida da República, perto da Meia-Laranja (próximo do Palácio de Santa Sancha) um local por onde ainda hoje passa quando tem necessidade de se “inspirar, de reflectir, para ganhar alento para o dia de trabalho que se segue”. Mais tarde, foi viver para o antigo bairro Albano de Oliveira (“uma zona muito tranquila, com espaço para andar de bicicleta e jogar à bola”) que o antigo governador Almeida e Costa decidiu demolir para dar lugar a um auto-silo.

Em 1963 e 1964, viveu em Lisboa. O pai, funcionário dos Serviços de Saúde, foi a Portugal gozar a chamada licença graciosa. “Fiz parte da instrução primária na Escola do Restelo. Esses anos e, sobretudo, a viagem, que demorava um mês e meio para ir e o mesmo tempo para voltar, foram muito marcantes”, recorda.

De novo em Macau frequenta a Escola Comercial e o Liceu e no ano da Revolução dos Cravos volta à capital portuguesa para frequentar a Faculdade de Direito. “Para a juventude era extremamente emocionante, pois tínhamos acesso a toda a literatura política e, finalmente, podíamos ver os filmes proibidos. Permitiu a abertura da mente, que marcou a minha geração.”

Concluído o curso, é convidado para monitor da Faculdade de Direito e frequenta o estágio de advocacia. Em 1983 regressa, definitivamente, para trabalhar no Banco Comercial de Macau. A 2 de Maio abre o seu escritório.

As polémicas entre o antigo governador Almeida e Costa e parte da comunidade portuguesa mobilizava então a Cidade do Nome de Deus. “Não participei nesse conflito, pois era muito novo, mas penso que era tudo bastante escusado. A dissolução da Assembleia Legislativa visou atingir determinadas pessoas da comunidade portuguesa de Macau. As feridas estão hoje mais do que saradas, mas não esquecidas. Cada um mantém a sua posição”, nota, sublinhando que a confrontação devia ter sido evitada. De Almeida e Costa ficaram algumas medidas estruturais, como o lançamento de projectos essenciais ao desenvolvimento de Macau, nomeadamente o Aeroporto Internacional e a viabilização da CEM.

Em Outubro de 1984 entra pela mão de Carlos Assumpção, na Assembleia Legislativa. Com o então líder da comunidade portuguesa vive o que classifica como o melhor período da sua vida política. “Não é possível encontrar um sucessor do dr. Carlos Assumpção. Não vivemos a mesma época, a conjuntura é diferente. As qualidades intelectuais de Carlos Assumpção não são superáveis por qualquer macaen-

se da minha geração», afirma com convicção. Trabalhar com Carlos Assumpção foi um privilégio. «Aprendi muito com ele, como jurista, político e homem. Não tenho dúvidas, como, de resto, reconhecem muitos portugueses e chineses, que o período de transição teria sido diferente se Carlos Assumpção não tivesse morrido tão cedo.”

Quase sete anos depois da transferência de administração assume as responsabilidades que tem perante a comunidade. No actual quadro político de Macau, “tenho a obrigação de transmitir os anseios e defender as perspectivas desta nossa comunidade específica. Sinto esse encargo e tento cumprir com lealdade e transparência essa tarefa”.



Fotos cedidas pela família



Com sete anos de idade no estaleiro de construção do Estádio do Benfica.

Com o pai a assistir a uma partida de futebol.



Quanto ao futuro, é hábil na resposta. “Em 1984 entrei para a política com a missão de ajudar a minha terra e por um período de quatro anos apenas, mas várias circunstâncias obrigaram-me a continuar. Não tive, nem tenho ambições políticas. Estou disponível para trabalhar em qualquer cargo que os governantes e as pessoas de Macau entendam ser útil. Tenho total disponibilidade para contribuir para o bem da Região Administrativa Especial de Macau.”

No seu escritório trabalham hoje cerca de 30 pessoas. “Não pretendo que se transforme numa firma de advogados”, frisa, admitindo que espera reformar-se mais cedo da advocacia do que da política.

Nos últimos meses tem participado num dos casos mais mediáticos do actual momento da vida local: o diferendo entre Stanley Ho e Winnie Ho. Leonel Alves confessa ser amigo pessoal dos irmãos Ho e, por isso, espera que o conflito entre Stanley e a irmã acabe em breve. “Não esperava que houvesse esta evolução. Te-

nho enorme admiração por Stanley Ho e espero que ambas as partes cheguem a acordo com celeridade».

Benfiquista desde que nasceu, “é congénito, aqui não tive a possibilidade de ter outra opção”, comprou algumas acções da SAD com o objectivo de ajudar os encarnados a regressar aos bons velhos anos de glória e fama.

Quase não tem tempos livres, pois a actividade profissional e a política obrigam-no a trabalhar muitas horas por dia. Desde que entrou para a Assembleia Legislativa que não se lembra de tirar um mês de férias completo. Contenta-se com uns fins-de-semana na Malásia ou na Tailândia ou pequenos périplos pela Europa.

Amante de carros desportivos, tem um Ferrari e um BMW M3, mas falta-lhe tempo para acelerar. O que de vez em quando faz do outro lado da fronteira, nas avenidas da vizinha Zona Económica de Zhuhai.

Em Macau, as corridas são outras, mas Leonel Alves não revela o percurso que o vai conduzir até à meta. ■

*Família: Leonel Alves com a esposa, Maria do Céu e os filhos, Bernardo (à esquerda) que terminou recentemente o bacharelato em Banca e Finanças Internacionais, na City University (Londres), e Duarte que empunha o seu mestrado em Engenharia Mecânica Automóvel pela Universidade de Bath, Inglaterra.*

# O “lusso-chinês” da política de Macau

Com mais de 20 anos de actividade política, assume que quer continuar a servir Macau. Apontado como o delfim do antigo líder da comunidade portuguesa, Carlos Assumpção, está há mais de duas décadas na Assembleia Legislativa e integra desde 2005 o Conselho Executivo, órgão que se destina a coadjuvar o Chefe do Executivo na tomada de decisões.

Leonel Alves clarifica a opção pela nacionalidade chinesa (que era uma condição para poder integrar o Conselho Executivo) e garante que não se sente hoje menos português. “Continuo a sofrer e a vibrar com as derrotas e as vitórias do Benfica, a emocionar-me com os êxitos da selecção de futebol, a pensar em português, mas se a minha escolha foi continuar a viver em Macau é lógico e natural que queira ser um cidadão de pleno direito. É verdade que tenho o *handicap* de não saber ler e escrever chinês e não conhecer muito bem a cultura chinesa, mas a opção não podia ser outra, pois, desde que nasci, a 5 de Abril de 1957, que em face da legislação sou um cidadão chinês.”

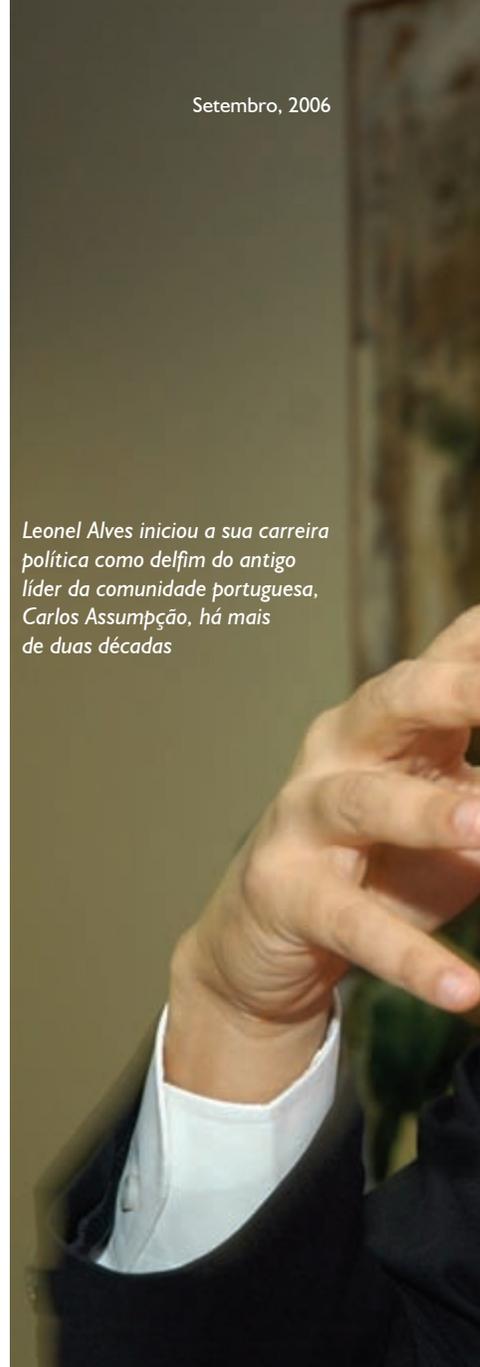
A mãe de Leonel Alves é chinesa, com sangue paquistanês, enquanto que o pai é já fruto da miscigena-

ção, pois o avô paterno era oriundo de Trás-os-Montes e casou em Macau com uma residente natural de Cantão.

A entrada no Conselho Executivo não foi decisiva. “Independentemente do cargo teria feito essa opção com naturalidade”, assegura, revelando que a mulher e os filhos aceitaram a decisão, “apenas estranharam porque demorei tanto tempo a formalizar a questão”, mas confessa que foi obrigado a dar explicações a alguns dos irmãos. De resto, responde com um sorriso quando o jornalista lhe chama o “Deco da política de Macau”. “Ele é melhor no futebol do que eu na política, mas é verdade que sou lusso-chinês”, diz no seu escritório, situado no coração da cidade, poucas horas antes de partir para a Europa para assistir à graduação do filho mais velho (Duarte).

“Não tenho dúvidas que em termos de sangue e culturalmente sou um lusso-chinês”, afirma com precisão. E, em jeito de brincadeira, deixa escapar outro comentário: “Os amigos tratam-me por Neco, o que acaba por ser muito parecido com Deco...”. O actual primeiro secretário da Assembleia Legislativa (AL) é um dos deputados mais antigos do

*Leonel Alves iniciou a sua carreira política como delfim do antigo líder da comunidade portuguesa, Carlos Assumpção, há mais de duas décadas*



Hemiciclo, uma vez que iniciou a carreira política em 84, na primeira eleição depois da polémica dissolução da AL. A lista da União Eleitoral, liderada por Carlos Assumpção, integrava Mesquita Borges (recentemente falecido), Lau Cheoc Va (hoje vice-presidente do órgão legislativo), Anabela Ritchie e Morais Alves. “Conseguimos 18 mil votos



e elegemos quatro deputados”, lembra.

Do seu percurso político nota ainda para a participação na Comissão Preparatória, o órgão que ajudou a lançar a RAEM. «Nas reuniões das comissões dos assuntos jurídicos e assuntos políticos houve um diálogo muito enriquecedor, que permitiu ficar a conhecer melhor a

Lei Básica».

Leonel Alves destaca o debate com os legisladores de Pequim e sublinha que o contributo dos membros oriundos da comunidade portuguesa (Raimundo do Rosário, Philip Xavier e ele próprio) foi decisivo para encontrar algumas soluções, como na questão da nacionalidade dos macaenses. “O importante era

que de 19 para 20 de Dezembro não houvesse perturbação social, ansiedade ou intranquilidade psíquica. Que as pessoas não fossem obrigadas a optar entre a pátria e a matéria. A opção da nacionalidade não foi exigida a ninguém, o que acabou por ser uma deliberação que agradou a todos os membros da comunidade”. ■

# “Macau reforçou o estatuto de local de encontro”

*Leonel Alves considera que, com o lançamento da política de cooperação com os países de língua portuguesa, Macau reforçou o seu estatuto de local de encontro e de plataforma de negócios*



**– Como classifica a sua experiência no Conselho Executivo?**

– Tem sido uma óptima experiência, pois representa uma nova vertente da actividade política na Região Administrativa Especial de Macau. A participação no Conselho Executivo possibilita um diálogo diferente, outra análise da vida de Macau. Tem sido muito útil para compreender melhor Macau, as aspirações da população da RAEM.

**– O modelo de desenvolvimento económico está a levantar algumas incertezas em certos quadrantes da população...**

– No início do século, Macau atravessou um período crítico na sua economia e as bases para um novo ciclo foram lançadas em 2002 e 2003. O processo de liberalização da principal indústria foi bem sucedido. O carácter capitalista liberal da economia acentuou-se.

Há que saber resolver as contradições que existem. Uma parcela da comunidade tem revelado dificuldades de adaptação às novas contingências do desenvolvimento económico e social. Não está, de facto, preparada para o actual quadro de crescimento de Macau.

O Governo deve apostar, como aliás tem feito, em políticas educacionais e sociais, de modo a preparar o embate que este ciclo de desenvolvimento vai provocar.



**– Como perspectiva o futuro da comunidade portuguesa?**

– Com a ligação aos países de língua portuguesa, Macau reforçou o estatuto de plataforma de negócios e local de encontro de pessoas de várias nacionalidades. A comunidade portuguesa terá um papel importante em Macau nas próximas décadas.

**– Que balanço faz da actividade da Assembleia Legislativa?**

– Penso que deve existir um diálogo mais profícuo entre os deputados e o Executivo. A Assembleia Legislativa não deve abdicar da sua função de produção legislativa.

Como cidadão espero que a vertente legislativa ganhe preponderância ou pelo menos não ceda muito espaço à vertente política.

Para o equilíbrio dos poderes e o normal funcionamento de Macau no quadro da Lei Básica gostaria que a AL pudesse desempenhar melhor o seu papel de órgão legislativo.

**– Que matérias devem passar nos próximos tempos pelo Hemiciclo?**

– A Lei Eleitoral para as eleições do futuro Chefe do Executivo, a regulamentação do artigo 23º e a revisão de matérias que integram os Grandes Códigos. Não devemos caminhar pela revisão glo-

bal dos Grandes Códigos, mas é prioritário introduzir mexidas.

O Direito de Família tem que ser revisto, assim como o regime de arrendamento, pois para combater a especulação imobiliária é necessário salvaguardar os interesses das pessoas que não têm residência própria.

Ao nível do Código de Processo Penal é também adequado melhorar as garantias dos direitos e liberdades da população.

**– Como é que perspectiva o desenvolvimento da vida política?**

– Temos que olhar para a população de Macau e perceber a sua génese. Como todos sabem há uma enor-

*“É fundamental contar com o contributo das pessoas experientes e que conhecem bem Macau para que a RAEM continue a desenvolver-se tranquilamente”*

Foto: Fernando Madeira

me percentagem de novos imigrantes e não podemos pensar em introduzir alterações no modelo vigente porque é moda alterar o que está em vigor. Temos que saber se a população está preparada para um novo enquadramento da estrutura política. É fundamental que Macau continue a ter capacidade para progredir e autogerir-se. Não quer dizer, contudo, que não possam ser encontradas soluções de melhor auscultação da opinião pública. É prioritário que exista uma melhor interacção entre o Governo e a população.

**– Como está a funcionar a Justiça em Macau?**

– Não há rupturas no sistema judicial, o que não representa que não haja necessidade de melhorar. O que é preciso é encontrar alternativas à justiça clássica. Temos que olhar para a experiência de outros países e apostar, por exemplo, em centros de arbitragem. O Tribunal de Pequenas Causas tem dado resultados positivos e, portanto, o caminho a seguir é encontrar fora dos tribunais soluções que permitam que os conflitos sejam resolvidos de forma mais eficaz e rápida.

**– Como vai ser Macau depois de 2009, ano em que**

**vai escolhido o novo Chefe do Executivo?**

– As pessoas de Macau demonstraram, de Dezembro de 1999 até agora, que têm capacidade de se governar a si próprias, como estipula a Lei Básica. 2009 marca o início de um novo ciclo político. É fundamental contar com o contributo das pessoas experientes e que conhecem bem Macau para que a RAEM continue a desenvolver-se tranquilamente. Macau sempre se pautou por uma vida tranquila e temos que perspectivar que o futuro de Macau seja vivido com tranquilidade, sem interrupções, sem quebras de continuidade. ■



1981-2006  
UM 澳門大學

# 澳門大學 25週年

25<sup>o</sup> ANIVERSÁRIO DA UNIVERSIDADE DE MACAU



澳門大學  
UNIVERSIDADE DE MACAU

銀禧展翅 奮發飛騰  
*Flying Higher on Silvery Wings*

中國澳門乙仔徐日昇寅公馬路 Av. Padre Tomás Pereira, Taipa, Macau, China

電話 Tel: (853)831622

傳真 Fax: (853)831694

網址 Website: <http://www.umac.mo>



## Novo presidente da Casa de Macau em Portugal

Álvaro Andrade é, desde 27 de Março do corrente ano, o novo presidente da Casa de Macau em Lisboa, sucedendo no cargo a Vítor Serra de Almeida. O novo presidente já integrava a Direcção anterior, como vice-presidente. Nascido em Macau em 1941, Álvaro Andrade deixou a sua terra natal em 1964 para prosseguir os seus estudos em Lisboa. Regressou a Macau em 1985, onde exerceu as funções de chefe da Divisão de Informática na Direcção dos Serviços de Economia e, mais tarde, de director do Banco Nacional Ultramarino, integrando a equipa liderada por Abílio Dengucho. Retornaria a Portugal em 1993 para, mais tarde, se reformar como quadro da Caixa Geral de Depósitos. Ainda em Macau foi presidente do Rotary Club Amagao e sócio fundador da Associação dos Antigos Alunos do Liceu de Macau sendo ainda hoje Irmão da Santa Casa da Misericórdia de Macau.

## ■ Quatro décadas

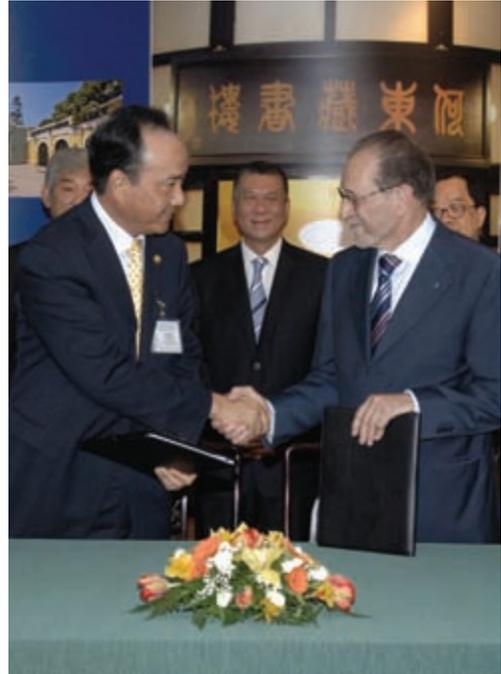
Entretanto, a Casa de Macau em Portugal celebrou, no passado dia 24 de Junho, dia de S. João, padroeiro da cidade de Macau, o seu 40º aniversário, com a organização de um Chá Gordo que reuniu mais de duas centenas de pessoas, entre sócios e convidados. O programa teve início com uma missa campal no jardim da Casa, celebrada pelo Pe. Rios, à qual se seguiu uma singela homenagem aos seus sócios fundadores, em particular, aos dois únicos que ainda se encontram entre nós - Maria do Céu Saraiva Jorge e Mariano Tamagnini Barbosa. Marcaram presença nas cerimónias Ambrose So, cônsul honorário de Portugal em Hong Kong e presidente da Assembleia Geral da Associação dos Macaenses, e José Manuel Rodrigues, presidente do Conselho das Comunidades Macaenses e da Associação Promotora da Instrução dos Macaenses, bem como alguns dirigentes das Casas de Macau radicadas nos EUA. A juventude macaense também não faltou, fazendo-se representar por bolseiros a estudar em Portugal. Álvaro Andrade, na qualidade de presidente da Casa de Macau em Lisboa, afirmou que o evento se traduziu “numa verdadeira festa macaense, por todos vivida com alegria e emoção, contribuindo para a afirmação desta comunidade que todos queremos ver unida e vibrante”.





## ■ Junho, mês das festas

Por seu turno, a diáspora macaense radicada no estado norte-americano da Califórnia celebrou as datas de 10 de Junho, Dia de Portugal, e 24 de Junho, dia de S. João, padroeiro da cidade de Macau, com um desfile organizado pela cidade de São José. Enquanto as três Casas de Macau radicadas nos Estados Unidos – Lusitano Club of California, a União Macaense Americana e a Casa de Macau (USA) – davam mostras dos seus dotes culinários aos mais de sete mil participantes nas festividades que decorrerem ao longo do dia, a promoção da RAEM como destino turístico ficou a cargo da Associação dos Empresários Macaenses da Califórnia. Também em Toronto, no Canadá, a data de São João Baptista foi assinalada com uma confraternização que reuniu mais de 125 associados. Depois de realizada uma missa, em nome da grande família macaense espalhada pelos quatro cantos do mundo, seguiu-se a festa, onde não faltaram os pratos tradicionais macaenses e as danças folclóricas.



## ■ Diáspora alarga rede comercial

A rede de associações de empresários macaenses na diáspora, iniciada no Brasil e nos Estados Unidos da América, foi reforçada com a criação da Associação Económica e Empresarial Macaense de Portugal. A cerimónia de instalação coincidiu com a visita do Chefe do Executivo da RAEM, Edmund Ho, a Portugal, tendo a presidência da Comissão Instaladora ficado a cargo de Rui Amaral, que é presidente da Mesa da Assembleia Geral da Casa de Macau em Portugal. Com o intuito estatutário de promover as relações económicas e comerciais entre Macau e Portugal, a recém-criada associação encontrou na Associação Comercial de Macau, com quem celebrou um protocolo de cooperação, o seu parceiro estratégico na RAEM. Depois do repto lançado em S. Paulo e repetido pela diáspora macaense radicada no estado norte-americano da Califórnia e em Portugal, decorrem negociações para alargar a rede ao Canadá. Entretanto abordado, o Clube Lusitano de Hong Kong, demonstrou também interesse em aderir à iniciativa comercial da diáspora.



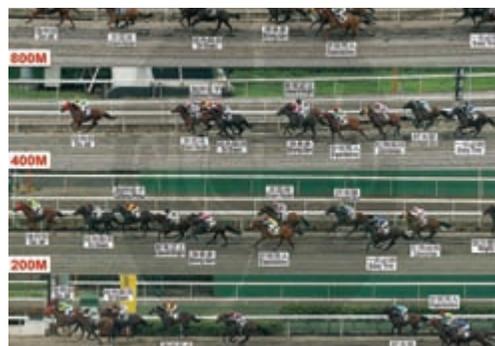
### ■ Encontro das Comunidades em preparação

Os dirigentes das Casas de Macau reúnem-se em Novembro próximo em Macau tendo em vista a preparação do Grande Encontro das Comunidades Macaenses em 2007. A Comissão Organizadora do Encontro, patrocinado pela Fundação Macau, convidou as recém-criadas associações comerciais da diáspora a participarem no debate do programa do evento.

A preservação do património cultural macaense através das novas gerações tem-se assumido como a principal preocupação da comunidade. Na mesma ocasião será ainda aprovado o Orçamento do Conselho Permanente das Comunidades Macaenses – organismo que reúne as doze Casas de Macau na diáspora e as principais instituições macaenses da RAEM.

### ■ Prémio milionário na Taça Clube Lusitano de Hong Kong

A já tradicional Taça Clube Lusitano de Hong Kong, disputada anualmente a 10 de Junho no Hong Kong Jockey Club, valeu um prémio de um milhão de dólares de Hong Kong (125 mil de dólares norte-americanos) ao cavalo nº 2, “Our Jet”. Embora não se contasse entre os favoritos na corrida nº 668 da temporada, o “Our Jet” bateu os seus pares concorrentes ao percorrer os 1200 metros na pista de terra batida do Hipódromo de Sha Tin em um minuto, dez segundos e dez milésimos. Em representação do Clube Lusitano para entregar o troféu esteve Sir



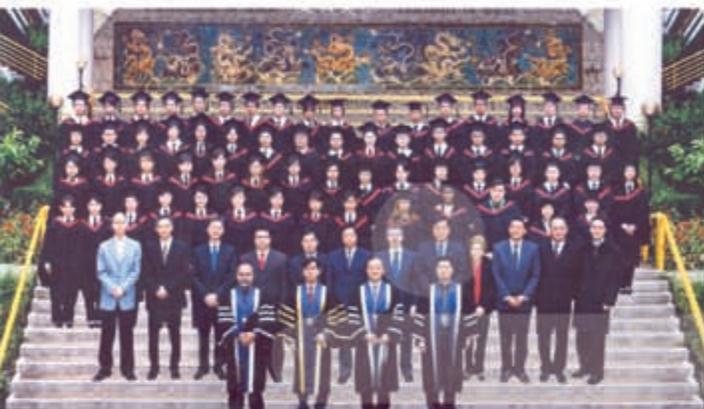
Roger Lobo, cavaleiro da Coroa Britânica e antigo deputado do Conselho Legislativo de Hong Kong.

# 法學碩士課程

## Mestrado e Pós Graduação em Direito



A leccionação do Curso de Mestrado em Direito em Língua Portuguesa teve início em 1995.



### *Objectivos*

Facultar uma formação especializada a juristas para a prática do ensino e da investigação na área do Direito e promover o estudo e o desenvolvimento do Direito em Macau, no contexto regional e internacional.

### *Estrutura do Curso*

O grau de Mestre em Direito é concedido nas seguintes áreas de especialização:

- Ciências Jurídicas
- Ciências Jurídico-Políticas

### *Requisitos de Admissão*

Os candidatos titulares do grau de Licenciatura em Direito com a classificação final de Bom (14 valores) podem ser admitidos directamente. Os candidatos com nota inferior a 14 poderão ser admitidos de acordo com o regulamento aplicável, após entrevista pelo júri, que pode recomendar a admissão, designadamente em face de curriculum, de trabalhos publicados e de conhecimento de língua estrangeira que considere de particular valia.

### *Duração do Curso*

O Curso de Mestrado terá a duração de dois anos.

As disciplinas do curso são ministradas no período de um ano. A apresentação e defesa da dissertação devem ter lugar no prazo de 12 meses após o termo da parte curricular ou no prazo que vier a ser fixado de acordo com o respectivo regulamento.

**Para informações**

**Email:** [fll.enquiry@umac.mo](mailto:fll.enquiry@umac.mo) - **Phone:** (853) 3974797 **Fax:** (853) 3974798

[www.umac.mo/fll](http://www.umac.mo/fll)



Helena Rodrigues



Gustavo Infante

## O fio da escrita



Carlos Venâncio



Henrique Senna Fernandes

*Como o fio invisível que segura o colar de missangas, na imagem de Mia Couto, assim diferentes vozes do mundo de língua portuguesa percorreram em Macau os caminhos da escrita*

“Chega de conversa mole. Vamos fazer coisas!”, desabafa Fernanda Cavacas, especialista em literaturas africanas, num comentário à política da língua que tem vindo a ser desenvolvida no quadro dos países e comunidades falantes do português.

A oradora, convidada a participar no colóquio “Lusofonia: Os Caminhos da Escrita”, que se realizou em Macau em Junho, numa iniciativa do Instituto Por-

tuguês do Oriente (IPOR) não hesita ao concluir que muito pouco ou nada tem sido feito neste domínio pelos poderes constituídos com o propósito de dar vida formal ao “fio de afectividade” que une à partida nações e culturas diversas ao redor da mesma língua. O fio que ninguém nota no colar vistoso de missangas e que costura o tempo, ao parafrasearem-se as palavras de Mia Couto, escritor dos mais difundidos da lusofonia e cuja imagem



Liao Zixin



Ondjaki



Paulina Chiziane



Fernanda Cavacas



David Brookshaw



Fernando Sales Lopes



Carlos Pinto Coelho



Stella Lee

foi escolhida para inaugurar este colóquio. “Já passaram várias décadas e a política não tem conseguido ultrapassar pequenas barreiras à constituição de facto de uma comunidade. Não me venham dizer que é difícil. A União Europeia fez-se e são países muito diferentes uns dos outros!”, argumenta Fernanda Cavacas, a quem propostas não faltam,

assim como a indignação por não as ver já concretizadas.

“Estamos a fazer um apelo aos poderes políticos que se calhar não estão tão motivados quanto nós”, admite também José Carlos Venâncio. O sociólogo, também orador convidado, considera que deveria ser possível “instrumentalizar a lusofonia no sentido de uma melhor posição a granjear no mundo, no quadro das relações internacionais”.

## “Ainda não chegámos lá”

“A história está ainda muito próxima”, justifica Fernanda Cavacas sobre o processo de reconciliação dos vários mundos em português com um “mundo português”. Referindo-se a Angola e Moçambique, faz notar que “há ainda muitas tensões” ao cabo de trinta anos de história de independência. “Nós – cada um dos países africanos – não tivemos o engenho e a arte para fazer esta descolonização de uma forma pacífica, de entendimento, de partilha”, reflecte Fernanda Cavacas. “Também não é pacífico porque os próprios países têm também em si várias nações e grupos étnicos que não se entendem entre eles. É um percurso, ainda não chegámos lá”, conclui.

A própria escritora moçambicana Paulina Chiziane, cuja obra conheceu destaque neste encontro, confienciava com o público ao segundo dia do colóquio que não ficara imune durante algum tempo à mágoa associada a uma língua que só mais tarde concluíra que era a sua. “Temos a nossa independência há trinta anos, e essa é uma das razões pelas quais temos toda esta discussão à volta da língua”, explica, ressaltando porém que esta é uma discussão antiga do pós-independência que ficou em suspenso após o início da guerra civil.

Agora, defende, é tempo de reatar o diálogo entre a língua portuguesa e as línguas nacionais em Moçambique (divididas em oito agrupamentos, das quais as mais faladas são macua e tsonga). “Agora que voltámos a serenar, se calhar esta é a altura óptima para retomar todo o projecto linguístico que estava a ser desenhado para Moçambique”, considera.

Também, por isso, a dificuldade em achar consenso em torno do termo lusofonia. Para outro dos convidados, o escritor angolano Ondjaki, o termo “remete demasiado para um dos países da dita lusofonia”, pelo que prefere falar de uma “comunidade de língua portuguesa”. “Esta comunidade é plural, feita de muitos países, e de muitas comunidades.



## Uma questão de sotaques

“Há ainda alguma arrogância por parte de alguns que se acham donos da língua”, defende Fernanda Cavacas, cujas lições de bom português são conhecidas do programa televisivo “Acontece”, da responsabilidade de Carlos Pinto Coelho, que esteve também em Macau na apresentação do seu livro ‘A Meu Ver’.

“Todos nós temos sotaque. A língua é feita de todos estes sotaques, não podemos correr o risco de perder nenhum porque essa é a nossa riqueza” – defende Fernanda Cavacas, explicando que ainda não foi atingida a maturidade necessária para compreender e aceitar o fenómeno linguístico que resulta da apropriação da língua portuguesa no quadro das diversas comunidades de falantes.

*Carlos Pinto Coelho apresentou em Macau o seu último livro, intitulado ‘A Meu Ver’.*

## Eu, o Outro

O que têm em comum a obra do escritor de Macau Henrique Senna Fernandes e a do escritor angolano Luandino Vieira?

O traço de unidade foi encontrado por José Carlos Venâncio, que deu a conhecer um trabalho de investigação no campo da sociologia literária sobre os reflexos de uma pós-colonialidade nas expressões criativas produzidas nos países e territórios onde é falado o português.

“Dominação Colonial” é a obra onde o sociólogo angolano descobre uma marca comum que atravessa continentes e que designa como “alogeneidade”. O autor exemplifica, citando dois escritores da lusofonia: “É uma não pertença. Há uma preocupação em traduzir o outro para o conhecer, para com ele se identificar. Isto, no caso de um escritor como Senna Fernandes em relação aos chineses, como no caso de Luandino Vieira em relação aos angolanos etnicamente integrados, os angolanos dos musseques.”

Ainda no colóquio, a inquietação identitária foi vista à luz das obras “Contos Chineses”, de Deolinda da Conceição, e “As Alucinações de Au Ge”, de Zixin Liao, sendo que esta última, já com edição em francês, deverá conhecer em breve tradução para a língua portuguesa através do IPOR.

## Literatura macaense?

Mas que lugar para a literatura macaense no quadro das várias escritas da lusofonia? “Muito reduzido”, admite o editor Rogério Beltrão Coelho, da Livros do Oriente, editora que já publicou diversas obras de autores de Macau.

Presente e interventivo entre o público que assistiu ao colóquio, Beltrão Coelho pensa até que é bastante problemático o recurso à expressão “literatura macaense”, considerando que será mais correcto falar de uma literatura de Macau: “Para dizer que existe uma literatura macaense era preciso definir quais as balizas, quais os padrões em que essa literatura



se poderia inserir. Isso faria com que os autores tivessem que ser estudados, que houvesse entre eles um fio condutor que os identificasse como uma corrente literária e que fossem discutidos, que houvesse massa crítica.”

Além disso, admite, os livros de Macau “enfrentam um problema de afunilamento do interesse do leitor devido ao facto de ser um tema muito específico”, que, para além disso, não tem merecido grande atenção dos meios académicos. Apesar disso, há a registar a existência de uma tese de mestrado sobre a obra de Rodrigo Leal de Carvalho e de uma tese de doutoramento sobre a literatura de Macau que está a ser desenvolvida também por uma investigadora portuguesa.

Além disso, a literatura local enfrenta também os obstáculos que se colocam à generalidade dos países da lusofonia na hora de usarem os canais de distribuição: o livro é caro e não circula.

Propondo soluções para a difusão do livro, Fernanda Cavacas no decorrer do colóquio interrogava-se, e interrogava responsáveis da comunidade de falantes de português: “Porque é que não pensam em pequenas coisas como o desalfandamento dos livros, a criação de uma união de livreiros e editores para nos podermos conhecer?” ■

## Paulina Chiziane

*“Descrever o mundo não significa absolutamente nada, não significa que se seja machista ou feminista. Escrevo porque acho que devo. Só isso.”*



Primeira romancista moçambicana com “Balada de Amor ao Vento” (Caminho, 2001), Paulina Chiziane não se dá bem com a ideia de uma escrita no feminino. Apesar de a mulher ser protagonista nos quatro romances que escreveu, e estar habituada a que a sua obra seja identificada com este meio universo, a escritora explica antes que o mote para a literatura nasce de uma sensibilidade particular e não de uma afirmação feminista.

“Sinceramente, enquanto mulher, às vezes emocio-no-me com a nossa condição de vida e vou rabiscando algumas linhas que acabam por ser um livro”, conta tolerante com quem coloca uma etiqueta na sua escrita: “as pessoas gostam de achar que é, talvez porque a voz do feminino esteve sempre ausente da literatura”.

Emocionou-se com o universo da mulher, tal como com a guerra civil em Moçambique, após o que iniciou uma actividade literária regular, já com quatro títulos publicados pela editora portuguesa Caminho. A sua obra mais recente, “Niketche. Uma História de Poligamia” (Caminho, 2004), escreveu-a no entanto por outras razões. São “estórias de marido e mulher”, explica, que foi recolhendo ao longo dos tempos e que “castigam” pelo riso a poligamia masculina em Moçambique. “Escrevi para me divertir. Saiu um livro meio maluco, mas foi bonito”, conta de sorriso aberto. Para além das duas obras mencionadas Paulina Chiziane publicou, ainda, “Ventos do Apocalipse (Caminho, 1999) e “O Sétimo Juramento” (Caminho, 2000). ■

## Ondjaki

*“Todo o trabalho literário tem que ser honesto. Isso nota-se”.*



Com apenas 23 anos, Ondjaki foi para muitos leitores uma espécie de revelação oriunda de uma Angola jovem, disposta a brincar com as palavras. Foi essa a idade com que se deu a conhecer com a publicação do romance “Bom Dia Camaradas” (Caminho, 2003), no mesmo ano em que recebia uma menção honrosa no prémio literário António Jacinto com a sua poesia (“Acto Sanguíneo”).

Formou-se em Portugal, com uma licenciatura em Sociologia, mas de chofre logo confessa que pouca afinidade tem com o diploma. Interessam-lhe as pessoas, as letras, as artes plásticas ou o teatro e

lança-se apaixonadamente no debate sobre a língua – tendo trazido a propósito uma comunicação sobre as relações entre oralidade e escrita, em língua portuguesa, ao colóquio do IPOR.

Também pintor, Ondjaki concebe uma escrita plástica, trabalhada a partir do registo próprio da oralidade, que permita ao leitor “dançar com as palavras quietas”, e que bebe de outros autores como Manuel Rui, Ruy Duarte de Carvalho, Manuel de Barros ou Jorge Guimarães Rosa.

Esta escrita, reinventada a língua, autoriza depois o novo léxico produzido pelos escritores a sair à rua, a cair na boca do mundo, e acontece sobretudo nos países africanos de expressão lusófona. “Não significa que sejamos detentores de um esquema de reprodução de palavras. Não é isso que interessa. O que me espanta é que noutros países, como Portugal, isso não esteja a acontecer”, afirma.

O escritor angolano tem já sete obras publicadas, entre contos, romances e poesia – “momentos de aqui” (Caminho, 2001), “O Assobiador” (Caminho, 2002), “Há Prendisajens com o Xão” (Caminho, 2002), “Quantas Madrugadas Tem a Noite” (Caminho, 2004), “Ynari. A Menina das Cinco Tranças” (Caminho, 2004) e “E se Amanhã o Medo” (Caminho, 2005). Mais recentemente, aventurou-se no audiovisual com um documentário sobre Luanda contemporânea (“Oxalá Cresçam Pitangas – Estórias de Luanda”) com estreia a acontecer em Setembro na capital angolana e também em Lisboa. Neste momento prepara um livro de contos sobre a sua infância e, em 2007, promete novidades em forma de romance... ■



*Carlos Venâncio (ao centro) elabora sobre a obra do escritor macaense Henrique Senna Fernandes com a presidente do IPOR, Helena Rodrigues, e o leitor do instituto na Universidade de Pequim, Gustavo Infante*

## Macau no fio da lusofonia

Com um programa ambicioso para dia e meio de mesas-redondas sobre as relações entre língua e história e língua e literatura, o colóquio de 19 e 20 de Junho último abriu o apetite a oradores e público para aprofundar a discussão em torno deste difuso espaço da lusofonia. Afinal, Macau, incluso pelo reconhecimento oficial e uso da língua, encontrou no 'fio de misangas' proposto para pensar a diáspora da língua portuguesa uma série de afinidades a partir das quais pode reflectir sobre si próprio.

Entre estas afinidades, o problema da afirmação de uma identidade e o papel da língua neste projecto, tema que foi extensamente abordado pelos vários intervenientes. Com Fernanda Cavacas, que inaugurou o colóquio com uma comunicação sobre os diferentes estatutos do português na África de expressão lusófona ("Uma língua a

várias vozes"), com José Carlos Venâncio, que dissertou sobre a obra de Henrique de Senna Fernandes e a forma como esta reflecte as construções simbólicas que permitem ao sujeito reconhecer-se face aos outros ("A literatura Macaense e Henrique Senna Fernandes"), e mesmo com a escritora Paulina Chiziane, que ao contar "estórias de uma mulher africana" acabou por dar a conhecer ao público a forma como se digladiou com uma língua que só mais tarde aceitou como sua, o português. As literaturas de Macau também foram tema de debate, com a apresentação de uma análise à obra de Deolinda da Conceição por Gustavo Infante, do leitorado de português da Universidade de Pequim ("Rio de Pérolas, rio de confluências: marcas civilizacionais nos contos de Deolinda da Conceição"), e de uma amostra das tendências da escrita nos novos escritores macaenses de língua chinesa numa comunicação de Stella Lee ("Os escritores chineses de Macau: vi-

são actual do jovem macaense"). "Les hallucinations de Au G", obra de Liao Zixin que ainda não conhece tradução portuguesa, foi o título sob análise, da própria autora, justamente a representar também literariamente o trajecto de alguém que procura descobrir a sua pertença identitária ("O percurso de Ao Ge"). Neste colóquio, moderado pela presidente do instituto Português do Oriente, Maria Helena Rodrigues, participaram ainda David Brookshaw ("A lusofonia como tradução e a tradução da lusofonia") a propósito das particularidades no processo de tradução do português dentro da lusofonia, o escritor angolano Ondjaki sobre as relações entre as linguagens oral e escrita ("dançar com as palavras quietas"), e Fernando Sales Lopes, que deu conta da sua experiência pioneira no ensino das "Culturas Lusófonas", no caso particular, a alunos chineses de "Língua e Cultura portuguesas" da Universidade de Xangai - que durante um ano estudaram em Macau - enfatizando a importância do ensino da diversidade lusófona, para quem estuda a língua portuguesa, como via para a compreensão do Outro, só possível pelo conhecimento e respeito pelas outras Culturas ("Notas soltas sobre a lusofonia"). À margem dos debates foram lançados em Macau também os livros "Dominação Colonial. Protagonismos e heranças" (Estampa, 2005), de José Carlos Venâncio, e "A Meu Ver", (ASA, 1999, 2.ª Ed.) de Carlos Pinto Coelho, obra com um conjunto de fotografias do próprio acompanhadas de textos produzidos sobre estas por autores de todo o espaço de língua portuguesa. ■

**Master and Postgraduate Program**

# International Business Law

**2006/2007**

The Faculty of Law of the University of Macau is starting in 2006/2007 a new graduate program in International Business Law, which is open to lawyers and non-lawyers. It offers a great opportunity for persons involved in business (whether in banking, insurance, trade, real estate, gaming or other sectors) to study the Macau and international law applicable to business transactions. The program has a flexible structure including various elective disciplines covering both international law, regional law and Macau law. The academic orientation is practical, and is designed to meet the needs of entrepreneurs and companies and their staff.

**[www.umac.mo/fll/ibl](http://www.umac.mo/fll/ibl)**



University of Macau  
**Faculty of Law**

For more information, please call: +853 3974795 or 397489 Fax: (853) 3974798



Vinte anos depois de criada, a Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) passa “do Cabo das Tormentas ao Cabo da Boa Esperança”. A expressão foi usada pelo presidente da organização, João Pinto Guerreiro, espelhando a onda de confiança e optimismo levantada pelo XVI Encontro da AULP decorrido em Macau entre 12 e 16 de Junho do corrente ano.

Tendo por objectivo emblemático a criação de um espaço único onde circulem alunos, professores e investigadores do mundo de língua portuguesa (o Espaço de Ensino Superior e de Investigação dos Países de Língua Portuguesa), a organização parece agora ter entrado numa nova etapa, mais direccionada para acções concretas.

A Universidade de Macau (UM), uma das



Setembro, 2006

年會  
de Língua Portuguesa

*Instituições de ensino superior de países de língua portuguesa e da RAEM estiveram reunidas em Macau para debater, entre outros assuntos, a criação de um espaço único que englobe todos os seus professores, alunos e investigadores. A ideia não é nova, mas há agora a determinação de a tornar realidade*

## Universidades comunicantes

entidades organizadoras do encontro, decidiu dar um primeiro passo na concretização de projectos, ao propor dinamizar o portal electrónico da AULP, incluindo conteúdos programáticos de interesse para o público e actualizando regularmente a informação. Para o efeito, e porque existiam subsídios do governo que assim o permitiram, foi contratada uma empresa especializada para dar forma ao portal, o

que está a ser feito em Portugal, devendo estar concluído ainda este ano, como espera o vice-reitor da UM, Rui Martins. Um passo importante para que a Universidade assuma responsabilidades no apoio tecnológico à futura Universidade Virtual de Língua Portuguesa, tal como sugerido no final do encontro. Por outro lado, e segundo o mesmo responsável, a UM poderá constituir-se em mais um ponto na

rede “Universia” do grupo bancário Santander, que reúne mais de 900 universidades do espaço ibero-latino-americano.

Delineado, e com andamento previsto para breve, ficou também o projecto apresentado pelo académico e linguista Malaca Casteleiro, visando a constituição de uma rede de estudos de formação avançada na área do português como língua estrangeira e língua segunda, que compreenderá parcerias com a Universidade de Brasília (Brasil), a Universidade Agostinho Neto (Angola), o Instituto Superior de Educação de Cabo Verde, a Universidade de Macau e o Instituto Politécnico de Macau.

O encontro contou com a

presença de representantes dos ministros da educação e do ensino superior, e com a participação do secretário executivo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), Luís Fonseca. Tal participação marcou uma das diferenças deste evento, representando para os membros da AULP um sinal de maior proximidade e perspectivas de melhor colaboração entre as duas organizações. Criada dez anos depois da AULP, mas tendo por modelo inspirador a primeira, a CPLP continua à procura de meios que possam garantir uma melhor coordenação entre as duas organizações.

O presidente da AULP deixou clara a necessidade de uma maior interven-



ção dos Estados da CPLP ao sublinhar as intenções da associação: “É preciso encontrar instrumentos que possam, a partir das universidades que te-



Aqui constatou-se que é preciso passar a uma nova etapa de trabalho. (...) É preciso tomar medidas em termos de estruturação da instituição e em termos de métodos de trabalho. (...) É

também precisa uma boa articulação com a parte política, ou seja, com os ministros da educação de todos os países de língua portuguesa e penso que a reflexão aqui feita pode servir de demonstração daquilo que podemos fazer juntos. (...) Fizemos uma avaliação crítica rigorosa (...) Agora penso que sim, este encontro representa um encontro de viragem. (...) Espero que no próximo encontro tenhamos uma nova metodologia de trabalho e projectos exequíveis para serem apresentados aos senhores ministros da educação.

*Adão do Nascimento*

*Vice-Ministro para o Ensino Superior  
República de Angola*



(...) Na actual fase de globalização, se não houver apostas concretas no sector educativo, não se poderão esperar por parte dos países, nomeadamente dos que se encontram em desenvolvi-

mento, incremento necessário para o seu próprio crescimento económico e posteriormente para o seu próprio desenvolvimento sustentável. (...) Têm que se encontrar parcerias credíveis para que através de projectos que sejam estruturantes se possa efectivamente desenvolver todo um processo de educação ao nível do ensino superior. (...) Essa é a vantagem da CPLP (...) fazer chegar aos organismos decisores (...) acções que levem à mobilização de dinheiro e que nos leve à concretização dos projectos desenhados.

*Filipe Zau*

*Professor, Educação Multicultural e Intercultural  
Universidade Agostinho Neto, Luanda/ Angola*



tenham mais competências ou maior tradição, ajudar aquelas que estão ainda em fase de instalação ou crescimento, criar programas de mestrado e de

doutoramento em conjunto. Interessa que haja uma tentativa de compatibilização ou processos de equivalência para fomentar a mobilidade de estudantes, docentes e investigadores para criar projectos sólidos de investigação científica no seio do imenso mar que abarca as universidades de língua portuguesa.”

No fundo, o que se pretende é algo de semelhante ao europeu “processo de Bolonha” adaptado às universidades lusófonas, o que só se torna possível através de acordos entre os oito países de língua portuguesa.

O ponto de viragem dá-se ainda, segundo Rui Martins, através de uma maior consciencialização dos académicos: “É agora ou nunca. Se não se materializa

qualquer coisa, perdemos o barco. Os países africanos já estão envolvidos nas universidades francófonas e anglófonas.”

O desvio para universidades francófonas e anglófonas é um risco que a AULP não deve correr, podendo o ensino superior em língua portuguesa perder a oportunidade de se expandir. Maria Antónia Espadinha que dirige o Departamento de Português da UM, vê esse risco mas espera que tal não venha a acontecer, até porque tem havido esforços no sentido de uma melhor cooperação. Acrescenta ainda que compete também às universidades serem fontes geradoras de conhecimento e cada uma ter os seus próprios especialistas.



Os projectos da Universidade Virtual, da mobilidade entre as universidades – de docentes, de investigadores e sobretudo de estudantes – assim como o de acreditação dos cursos em todas as

universidades, farão da AULP uma organização forte. Esses projectos surgiram há cerca de três anos, já tiveram a bênção dos políticos. A Declaração de Fortaleza, onde se assinaram esses projectos, foi assinada pelos ministros da Educação dos países desta comunidade, mas na prática ainda não há, por exemplo, a libertação de dinheiros para se avançar. É preciso que este encontro seja mesmo o ponto de viragem. O secretário executivo da CPLP já prometeu influência diplomática junto dos governos a favor da AULP, reforçando a parceria AULP-CPLP.

*Paulino Fortes*  
Presidente do Instituto Superior de Educação  
Cabo Verde



O que precisamos é de ver acções concretas entre as universidades. (...) É bem sabido que o desenvolvimento das instituições de ensino superior nos países africanos de língua portuguesa está abaixo do nível

das instituições portuguesas e brasileiras. (...) Não há um grande interesse do lado desenvolvido no sentido de elevar estas instituições para podermos estar no mesmo patamar, para discutirmos ciência temos que estar no mesmo patamar. (...) Ao que isto pode conduzir é que, com este pouco interesse da AULP, na qual depositámos tanta confiança para elevar e desenvolver as nossas instituições e daí adviria o desenvolvimento dos nossos países, vamo-nos afastando, paulatinamente, sem querer. Para fazer valer as cooperações tem de haver financiamentos.

*Ana Paula Manso*  
Directora de Relações Internacionais  
Universidade Pedagógica, Maputo/ Moçambique

Uma maior ligação com a CPLP ficou acordada através do estatuto de observador privilegiado e de órgão consultivo atribuído à AULP. Para a Directora do Departamento de Português da UM, esta pode ser uma grande vantagem também para a CPLP porque “o espaço lusófono do ensino superior é o que gere os outros espaços”. Maria Antónia Espadinha pormenoriza esta ideia: “Para se ter professores é preciso que sejam formados, para se ter intelectuais é preciso que sejam formados e não é só na questão da língua portuguesa, é em vários aspectos. É nas universidades que se criam potenciais futuros gestores, políticos, entre outros.”

Espera-se, através desta maior ligação entre AULP e CPLP, que algumas questões prementes, como a mobilidade de alunos de uns países para outros, sejam mais facilitadas. A questão será aprofundada no próximo encontro que deverá ter lugar no Brasil ou em Cabo Verde. São vários os obstáculos de ordem burocrática que impedem até a entrada de alunos. “Foi nesse sentido que se falou na necessidade de sensibilizar os governos envolvidos, diz Rui Martins. Por outras palavras, “quer-se o intercâmbio de alunos, mas não estão criados os mecanismos burocráticos para permitir que isso aconteça”. O cargo de secretário-ge-

ral da AULP, vago desde a saída de Alarcão Troini, ex-secretário adjunto do Governo de Macau antes da transferência de administração, ficou preenchido com a nomeação de Cristina Sarmento, docente da Universidade Nova de Lisboa, deixando completa a estrutura da organização e sobretudo, reavendo as vantagens funcionais do cargo. Acções e projectos a ganharem corpo o que, para os participantes do terceiro encontro realizado em Macau, justificam a crença num novo rumo e numa viragem dinâmica da AULP. Assim se confirmem as expectativas, o optimismo e já agora o ditado: “à terceira é de vez”. ■



Neste encontro se materializam vários projectos que a AULP vem trabalhando já há algum tempo. Entre eles o Espaço Lusófono do Ensino Superior e da Investigação e a Universidade Virtual

de Língua Portuguesa. São os dois projectos de maior peso que a AULP vem desensenvolvendo. Para que se torne possível realizá-los é preciso um período de discussão, de amadurecimento e esse período correu. Agora discutimos a forma de colocar em acção com um factor adicional que é extremamente significativo, a presença do secretário geral da CPLP, trazendo as formas pelas quais é possível operacionalizar esses projectos que a AULP faz e que também fazem parte do acordo que existe entre a CPLP e a AULP.

*Ingelore Scheunemann de Souza*  
Reitora  
Universidade de Vale do Rio Doce, Univale, Brasil



[A AULP] é muito importante como espaço de discussão política e de perspectivas para a língua portuguesa no âmbito das universidades. Macau não faz parte dos oito países mas historicamente está

ligado a esses países, e isso reitera essa ligação que é importante. (...) O Brasil vem apoiando o ensino da língua portuguesa em Timor-Leste. Temos no momento professores portugueses e brasileiros ensinando a língua portuguesa e em formação de professores. Um aspecto positivo foi o posicionamento do Presidente Lula da Silva, garantindo a continuidade deste tipo de projecto de difusão da língua portuguesa e criação de cursos superiores e também de pós-graduação. Essa mensagem do Presidente dá uma certa segurança, no meio de tanta turbulência.

*Edison Luiz de Oliveira*  
Coordenador, Língua Portuguesa e Cultura Lusófonas  
Universidade Nacional de Timor-Leste

## XVI Encontro da AULP

AULP – Associação das Universidades de Língua Portuguesa.

Trata-se de uma Organização Não Governamental de Utilidade Pública Internacional.

**Fundação:** Foi estabelecida em 1986 na cidade da Praia, Cabo Verde.

**Membros:** Agrega mais de uma centena de universidades, institutos politécnicos e instituições de investigação científica de Angola, , Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e , Timor-Leste.

**Órgãos sociais:** Presidente - Universidade do Algarve; Vice-Presidentes - Universidade Estadual Paulista (Brasil), Universidade Agostinho Neto (Angola), Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique) e Universidade de Macau.

**Participantes:** cerca de 200, um dos maiores encontros da AULP.

**Promotores:** Universidade de Macau, Instituto Politécnico de Macau, Instituto de Formação Turística (Macau)

**Patrocínio:** Governo da RAEM, Fundação Macau

**Temas de debate:** “Língua Portuguesa, Multiculturalismo e Cooperação Económica”; “Espaço do Ensino Superior e Investigação dos Países de Língua Portuguesa”; “Fórum para a Cooperação Económica entre a China e os Países de Língua Portuguesa” (embora no programa do encontro estivesse com Macau, a designação correcta é sem Macau); “Espaço da Língua Portuguesa no Mundo – Ensino Superior, Investigação, Mobilidade de Docentes e Alunos, Multiculturalismo e Afirmação Económica”.

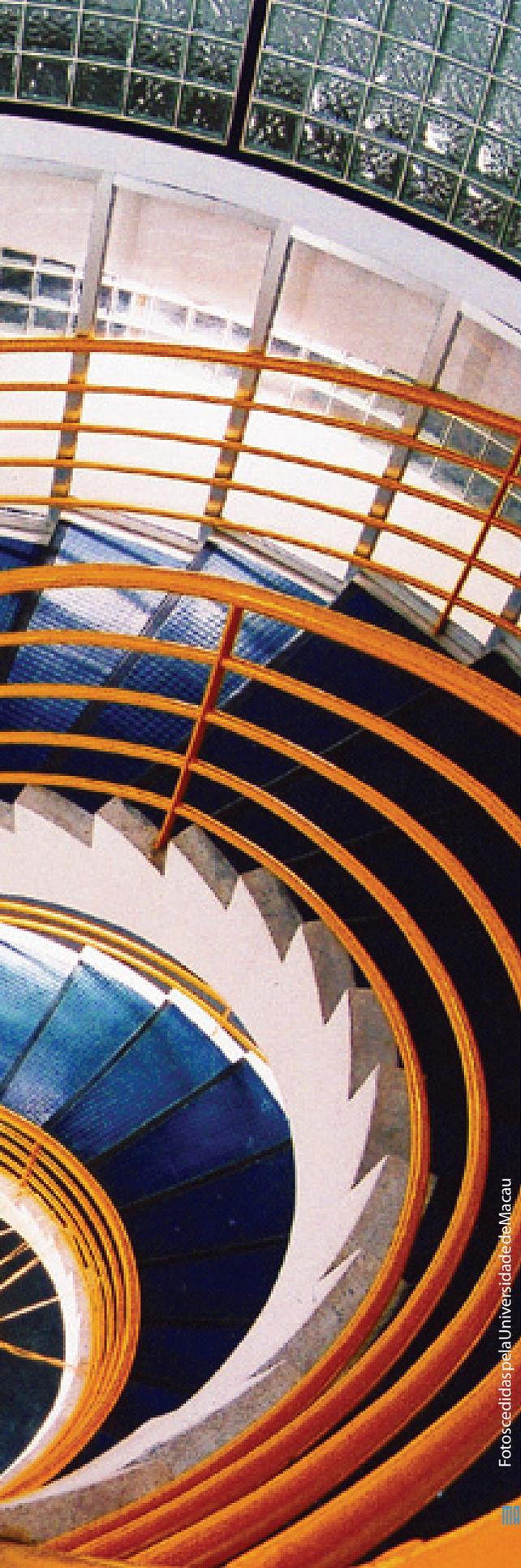


FotodeArquivo

O Governo da RAEM está particularmente empenhado na criação das condições indispensáveis, e também as necessárias, que permitam às instituições de ensino superior potenciar o seu desenvolvimento. (...) Sabemos que o facto de partilharmos uma história com raízes, língua e valores comuns nos permite acreditar que juntos poderemos fazer melhor em prol do desenvolvimento dos nossos povos, já que a qualificação das pessoas, o ensino e a aprendizagem que o ensino propicia – desafios que partilhamos – são essenciais para o desenvolvimento dos nossos países. (...) Estamos convictos que este encontro permitirá estreitar as relações entre os diversos membros, e Macau está, aliás como sempre esteve, empenhado em participar activamente e contribuir de forma construtiva para o aprofundamento deste relacionamento.

*Fernando Chui Sai On  
Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura  
Região Administrativa Especial de Macau  
(Excertos da mensagem de abertura do Encontro)*

## História de um jubileu



Fotos cedidas pela Universidade de Macau

*Primeiro chamou-se  
Universidade da Ásia  
Oriental e destinava-se  
sobretudo a alunos  
de Hong Kong.*

*Acabou por se transformar  
na universidade pública  
local e agora percorre  
o caminho  
da internacionalização*

A 28 de Março de 1981 nascia a Universidade da Ásia Oriental, visando sobretudo potenciais alunos de Hong Kong, uma vez que, à altura, não era permitida a abertura de mais universidades no território vizinho. Tinha por accionistas empresários de Hong Kong, mas também alguns de Macau. O Governo de Macau apoiou o projecto cedendo o terreno no qual se ergueu a célula base da Universidade da Ásia Oriental. A universidade funcionou com programas curtos, de fim-de-semana, ou de Verão, destinados a alunos de Hong Kong, embora tivesse já alguns cursos de três anos seguindo o modelo britânico. Assim operou durante cerca de cinco anos, pouco ou nada beneficiando a população local, não só pelos preços praticados como pelas áreas académicas disponíveis. Os residentes de Macau que queriam prosseguir estudos para além do ensino secundário, continuavam a ter de procurar universidades estrangeiras ou em Portugal, o que não era acessível para todos.

Ao ser assinada a Declaração Conjunta Sino-portuguesa, em 1987, Macau despertava para a necessidade de formar quadros superiores locais que garantissem a governação e administração do território após a transferência de poderes em 1999. Restavam 12 anos para formar aqueles que iriam assegurar o funcionamento de Macau nos moldes estabelecidos e acordados entre a China e Portugal .



*Obras de expansão da universidade há duas décadas*

## A transição

Criar uma nova universidade poderia atrair ainda mais todo o processo formativo. A solução encontrada pelo Governo foi a compra da Universidade da Ásia Oriental, através da Fundação Macau, o que aconteceu em 1988. Manteve-se o mesmo nome, mas havia já intenções de transformá-la em universidade pública. A reestruturação começou com o estabelecimento de várias faculdades: Faculdade de Artes, Faculdade de Gestão de Empresas e Administração, Faculdade de Ciências Sociais e Faculdade de Ciência e Tecnologia. Os cursos de três anos foram alargados até aos quatro anos, seguindo os modelos de Portugal, China e Estados Unidos. A criação dos cursos de Direito e de Educação levou, mais tarde, ao estabelecimento das respectivas faculdades. O objectivo principal era formar tendo em vista as necessidades locais.

Decorridos dez anos desde a fundação da Universidade da Ásia Oriental, o número de estudantes tinha aumentado de algumas centenas para dois mil.

A 9 de Setembro de 1991 surge a grande mudança: a Universidade da Ásia Oriental torna-se uma universidade pública e passa a chamar-se Universidade de Macau. Na sequência desta transformação e da aquisição feita pelo Governo de Macau, a Universidade da Ásia Oriental viria, assim, a dar origem à Universidade de Macau

(UM), ao Instituto Politécnico e à Universidade Aberta Internacional da Ásia, sendo esta a única privada.

A Universidade de Macau tinha nos oito anos que se seguiam a missão de servir os estudantes de Macau, respondendo às necessidades do período de transição tendo em conta a transferência de administração a 19 de Dezembro de 1999. O número de estudantes aumentou para três mil, 90 por cento dos quais residentes locais.

## A internacionalização

A partir de 2000, e com a Região Administrativa Especial de Macau entretanto estabelecida, a Universidade de Macau, considerando que parte dos objectivos na formação de quadros locais tinha sido alcançada, começa a mudar a sua missão tentando inserir-se na competitividade académica internacional. Uma nova fase de expansão que passa pela afirmação da qualidade do ensino e pela captação de professores e alunos de diferentes países.

Um novo enquadramento jurídico aprovado este ano pela Assembleia Legislativa garante à UM maior autonomia relativamente ao Governo passando a ser gerida pelo Conselho da Universidade que, deixando



*O reitor da UM, lu Vai Pan*

o papel meramente consultivo, se tornou num dos órgãos de gestão, juntamente com o Reitor e o Senado. As alterações verificadas nos estatutos de pessoal viabilizam a contratação de docentes com contratos que podem ser de três ou mais anos de duração. Medidas que, na opinião do vice-reitor, Rui Martins, servirão os propósitos de melhor qualidade considerando que para atrair professores associados e catedráticos de muito bom nível não é possível fazê-lo com contratos de um ou dois anos. Refere o vice-reitor que com esta nova estrutura foram já atraídos três directores de faculdade, Gestão de Empresas, Ciências Sociais e Humanas e Educação. Eram professores do quadro nos Estados Unidos, Taiwan e Inglaterra e aceitaram integrar a UM, dado o novo regime contratual. Foi ainda criada a figura de catedrático de mérito, cujo nível salarial está acima do professor catedrático, de modo a atrair professores mais qualificados. Para Rui Martins é óbvio que não será possível ter cinquenta ou trinta professores catedráticos de mérito, mas pelo menos cinco, um por faculdade, farão a diferença, contribuindo essencialmente para a investigação e o reconhecimento de excelência.

Com mais de seis mil alunos e uma equi-



*Actual edifício administrativo*

pa de trezentos professores, a Universidade de Macau, cuja principal língua veicular é a inglesa, pretende conquistar um lugar de prestígio entre a comunidade académica internacional. Este ano, no jubileu de prata, entre uma agenda carregada de actividades comemorativas, a UM promove mais de quatro dezenas de seminários com nomes de destaque no mundo académico internacional, como é o caso do Prémio Nobel da Física 2005, Roy Glauber.

Decorreram 25 anos, em três etapas distintas, que viram também triplicar o espaço físico da Universidade. Do edifício nuclear de 1981, o complexo universitário expandiu-se por vários blocos distintos. O plano de desenvolvimento da UM proposto ao Governo da RAEM, orçado em 300 milhões de patacas, ficará concluído este ano com a remodelação da zona de acesso à Biblioteca Internacional, o Complexo Desportivo e uma nova zona de entrada. Tem desde o ano passado um novo edifício, construído para os Jogos da Ásia Oriental e que serve de residência a cerca de mil alunos. Entre salas de aulas, laboratórios, e auditórios, a UM conta com um Centro Cultural, um Centro de Convenções, possui a maior Biblioteca de Macau e um dos melhores centros de documentação da região Ásia-Pacífico. Para o futuro e como refere o vice-reitor, a aposta está cada vez mais focada na qualidade dos cursos e da própria instituição. ■

Foto: Fernando Madeira



*O vice-reitor, Rui Martins*

## Alunos 2005/2006

### Doutoramento:

- Gestão de Empresas e Administração – 3
- Ciências Sociais e Humanas – 14
- Ciência e Tecnologia – 37

Total: 54

### Mestrado:

- Gestão de Empresas e Administração – 196
- Educação – 140
- Direito – 140
- Ciências Sociais e Humanas – 299
- Ciência e Tecnologia – 418

Total: 1193

### Pós-Graduação:

- Educação – 52
- Direito – 72

Total: 124

### Licenciatura:

- Gestão de Empresas e Administração – 1606
- Educação – 427
- Direito – 459
- Ciências Sociais e Humanas – 1387
- Ciência e Tecnologia – 457

Total: 4354

### Bacharelato:

- Educação – 45

### Outros:

- Ciências Sociais e Humanas – 21
- Centro de Estudos Pré-Universitários – 384

TOTAL Global: 6175

- Estudantes dos Países de Língua Portuguesa (entre 1991/92 e 2005/2006) – 41
- Bolseiros dos Países de Língua Portuguesa no ano académico de 2005/2006 – 23

## A UM em português

Embora tendo por principal língua veicular o inglês, a língua portuguesa tem na UM o seu próprio espaço, distribuído entre a Faculdade de Direito e o Departamento de Português. Um ano particularmente especial para ambos, ao verem concluídas teses de doutoramento de significativa importância, contribuindo para o prestígio da instituição. No caso da Faculdade de Direito, o grau de Doutor atribuído à candidata Wei Dan, tornou-se um marco por ter sido o primeiro obtido por um cidadão chinês com a particularidade de ser também mulher, após apresentação e defesa na Universidade de Coimbra, onde poucos são os que conseguem o doutoramento em Direito.

Do Departamento Português, a candidata Leong Cheok I obteve também o Doutoramento ao apresentar uma tese sobre a complexidade da gramática do chinês e do português, na questão da aspectualidade, dificuldades e ambiguidades de tradução.

## Faculdades

- Gestão de Empresas e Administração
- Educação
- Direito
- Ciências Sociais e Humanas\*
- Ciência e Tecnologia

\*Inclui os seguintes departamentos: Inglês; Português; Chinês; Ciências Sociais; Comunicação

## Centros

- Estudos Pré-Universitários
- Língua Inglesa
- Estudos de Macau
- Educação e programas especiais



**第十一屆澳門國際貿易投資展覽會**  
**11ª FEIRA INTERNACIONAL DE MACAU**  
**11th MACAO INTERNATIONAL TRADE & INVESTMENT FAIR**

**23-26/9/2006**

Local: Centro de Convenções e Entretenimento da Torre de Macau

Informação:

**(853) 713913**



澳門  
Macao

Promoting Cross-regional Economic Co-operation  
 Embracing New Development Opportunities  
 Acolhendo Novas Oportunidades do Desenvolvimento

促進跨區域經濟合作  
 迎接未來發展新機遇

www.mif.com.mo



**Um espaço, em Macau, destinado ao Comércio e Investimento Internacionais**

**Oferece novas oportunidades de negócios, e dá as Boas-Vindas à participação de empresários de Macau!**

**Actividades Principais:**

**Exposição, Bolsas de Contactos, Zona de Transacções Comerciais, Fóruns e Conferências**

**Principais Produtos a expor:**

**Equipamentos de Hotelaria, Brinquedos e Brindes, Artigos de Utilidade Doméstica, Equipamentos Digitais, Produtos de Turismo e Laser**

Para mais informações é favor preencher o cupão abaixo, e enviá-lo por fax para o número: (853) 715009

Cupão de resposta

Nome: \_\_\_\_\_ Categoria: \_\_\_\_\_  
 Nome da Companhia/Entidade: \_\_\_\_\_  
 Tipo de Actividade: \_\_\_\_\_  
 Informações adicionais pretendidas: \_\_\_\_\_  
 Telefone (Número): \_\_\_\_\_ Fax (Número): \_\_\_\_\_  
 Endereço Electrónico (e-mail): \_\_\_\_\_

主辦機構  
Organizador  
Organiser



澳門貿易投資促進局  
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau  
Macao Trade and Investment Promotion Institute

協辦機構  
Coorganizadores  
Co-organisers



澳門中華總商會  
MACAO CHAMBER OF COMMERCE



澳門手工藝協會  
MACAO ARTISAN ASSOCIATION



澳門出入口總商會  
MACAO CUSTOMS AND BORDER PROTECTION



澳門旅館及旅遊業協會  
ASSOCIATION OF HOTELS AND TOURING INDUSTRY OF MACAO



澳門珠寶商會  
MACAO JEWELLERS ASSOCIATION



澳門珠寶商會  
THE MACAO ASSOCIATION OF JEWELLERS



澳門商業發展協會  
MACAO ASSOCIATION OF BUSINESS COOPERATION AND DEVELOPMENT



澳門中小企業協會  
MACAO ENTREPRENEURS ASSOCIATION



澳門中國企業家協會  
THE MACAO CHINESE ENTREPRENEURS ASSOCIATION



澳門貿易發展委員會  
MACAO COMMERCE



香港工業總會  
THE CHINESE MANUFACTURERS' ASSOCIATION OF HONG KONG



澳門貿易投資促進局  
MACAO TRADE AND INVESTMENT PROMOTION INSTITUTE



Fotos cedidas pela ACOLOP

## Quatro continentes,

## uma língua

Os primeiros Jogos da Lusofonia, que terão lugar em Outubro em Macau, vão decorrer sob o lema “Quatro continentes, uma língua, unidos pelo desporto”, escolhido por todos os comités olímpicos que integram a Associação dos Comitês de Língua Oficial Portuguesa (ACOLOP) numa reunião realizada no primeiro trimestre do ano em Seul, capital da Coreia do Sul. Alguns dos principais atletas dos

países de língua portuguesa, medalhados olímpicos e campeões mundiais, já confirmaram a sua presença. Em competição vão estar, lado-a-lado, estrelas do presente e promessas de futuro.

A competição está a ser rodeada de grande expectativa, sendo vista e sentida por muitos como tratando-se dos Mini Jogos Olímpicos do Mundo Lusófono, bem como uma importante manifestação cul-



## Primeiros Jogos da Lusofonia com uma abrangência universalista

tural e, acima de tudo, uma grande festa da língua portuguesa.

Até países que não têm o português como língua oficial pediram para participar e serem incluídos.

Índia e Sri-Lanka foram já aceites e outros se deverão seguir. Depois dos Jogos da Comunidade Britânica (dos países de língua inglesa integrados na *Commonwealth*) e dos Jogos da Francofonia (países

de língua francesa), surge agora a versão lusófona: mais dinâmica, mais moderna, com uma abrangência universalista, reunindo atletas e dirigentes de quatro continentes.

A responsabilidade e algumas incertezas inerentes ao arranque de uma grande estrutura são referidas por Manuel Silvério, presidente da Comissão Organizadora dos 1<sup>os</sup> Jogos da Lusofonia (COJOL).

## Dores de parto e crescimento

Em conversa mantida em finais de Julho, Manuel Silvério parece agora mais descansado e sereno, os dossiers estão agora encaminhados, as decisões políticas todas tomadas, o processo entrou “no seu decurso natural”.

Folheando o livro dos ‘últimos acontecimentos’ Silvério reclinava-se para trás na cadeira do seu gabinete (o mesmo onde se tomaram algumas principias decisões relativas aos 4<sup>os</sup> Jogos da Ásia Oriental do ano

passado, e onde trabalha, em paralelo, para levar a bom porto dos 2<sup>os</sup> Jogos Asiáticos em Recinto Coberto que decorrem em Macau no próximo ano. E lembra alguns dos maiores desafios: “Nos dois últimos anos, três dos 12 países (Timor-Leste, Guiné-Bissau e Sri-Lanka) tiveram situações de alguma instabilidade. Tivemos que fazer ajustamentos para conseguir os contactos com os guineenses. Os fusos horários ‘espraíam-se’ por mais de 11 horas para o Brasil e de seis a oito horas para os restantes; chegaram-nos propostas incríveis de



*Festival mediático e cultural: Cerimónia de Abertura dos 4<sup>os</sup> Jogos da Ásia Oriental em Macau, Outubro de 2005. A CCTV, televisão estatal chinesa, vai voltar a co-produzir o espectáculo inaugural e assegurar a cobertura dos Jogos da Lusofonia.*

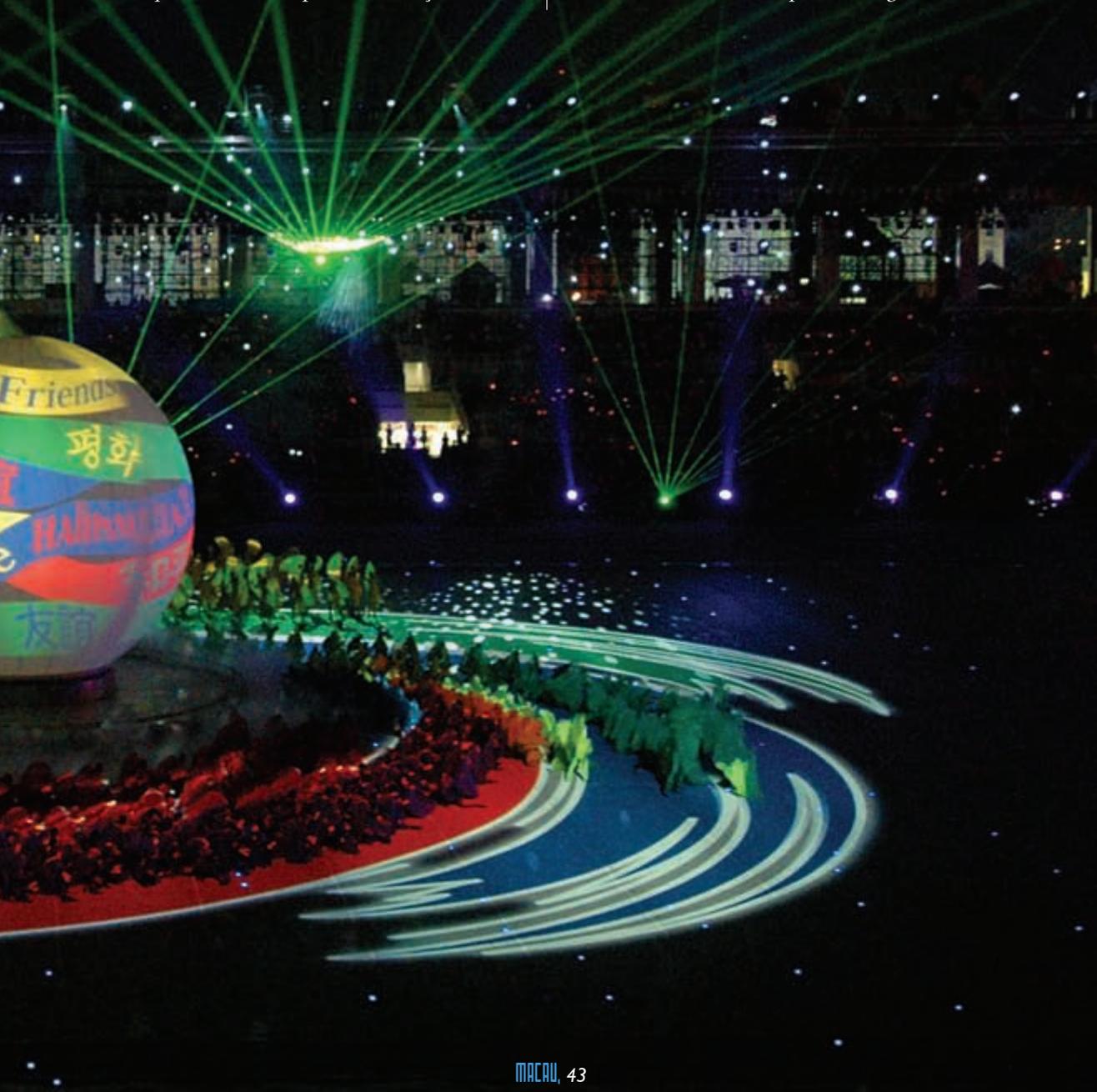
quem confundia os jogos com uma espécie de arraial minhoto de fim-de-semana, sem qualquer espécie de desprimor para essa grande manifestação cultural e social de uma das regiões mais ricas de Portugal.”

Manuel Silvério deixa escapar um suspiro de alívio de que, também nesta frente – a do desporto – as “coisas” tenham levado um impulso só possível graças “ao bom entendimento e a um certo sentido de pertença” existente entre os diversos países.

Mas ressalva: “Temos de ter sempre presente que esta é uma primeira edição, com os

riscos que qualquer baptismo de um grande evento multi-continental e pluri-desportivo acarretam. Não se devem esperar, nem tão pouco exigir, níveis de sofisticação como nos Jogos Olímpicos, mas podem ter a certeza, e até exigir, que eles sejam dignos. Vamos honrar a Lusofonia!”

A comissão organizadora é obrigada a trabalhar com pelo menos cinco línguas (inglês, cantonense, mandarim, português e castelhano) e pessoas de 20 nacionalidades, os delegados técnicos de vários países, mais os convidados de vários países e regiões.





Manuel Silvério,  
presidente da ACOLOP

## Para além da língua portuguesa

Tal como acontece com os Jogos da Francofonia e os da *Commonwealth*, o princípio importante na génese de um movimento com estas características é que a motivação seja a língua. A ACOLOP é uma associação dos comités olímpicos de língua portuguesa, mas no futuro as comunidades emigrantes de Macau, de Angola, do Brasil, que vivem por exemplo nos Estados Unidos podem criar uma associação olímpica, em cooperação com o comité olímpico americano e participarem nos jogos com a bandeira dos Estados Unidos. Mas, como sublinha insistentemente Manuel Silvério, “A motivação tem que ser a língua, a língua portuguesa”, uma afirmação que vai repetindo, a espaços, ao longo da conversa que com ele mantivemos.

A ACOLOP é uma associação internacional não-governamental de comités olímpicos. O Comité Olímpico de Macau candidatou-se no Verão de 2004 à organização dos Jogos e fez uma proposta nesse sentido ao Governo. Os Jogos da Lusofonia são considerados os “Jogos Olímpicos” dos países que falam português e das comunidades que falam português. Uma abrangência e tolerância dos estatutos da ACOLOP, que “se arrisca” a tornar a competição numa prova verdadeiramente

global, como explicou Silvério: “Isto quer dizer que no futuro, de acordo com os estatutos da ACOLOP, os Jogos da Lusofonia podem receber delegações de países onde residem comunidades falantes da língua portuguesa, casos dos Estados Unidos da América, Canadá, Austrália, França, Itália. Para citar um exemplo, muito recentemente a Galiza solicitou-nos informações, mostrou interesse, em participar. Mas nós explicámos que esse desiderato primeiro dependia da deliberação da ACOLOP e que a Galiza tem que apresentar esse desejo, essa intenção, através do Comité Olímpico de Espanha. Por isso, a tendência natural é para o alargamento dos Jogos, do número de delegações participantes”.

Esta forma dinâmica de olhar e pensar a lusofonia vai encontrando opositores naturais, a que alguns não hesitam em chamar de “velhos do Restelo do mundo moderno”. Manuel Silvério não vai tão longe, mas não é poupado na análise e nas críticas: “No Brasil e em Angola temos líderes de opinião que criticam o conceito de lusofonia em geral, e os Jogos em particular, e com certeza que Macau não pode ser responsabilizado por isso. Temos que superar essas diferenças e valorizar o que nos une: língua e cumplicidade cultural. (...) Muitos portugueses falam em lusofonia como se fosse uma ‘dádiva’ de Portugal para o mundo. Isso é incrivelmente egoísta, redutor, e uma visão antiquada e completamente errada do mundo moderno. A lusofonia é de todos: torcida, claque, pitéu, moamba...quaisquer vocábulos dos povos que falam português são expressões da lusofonia. É assim que entendemos que podemos engrandecer a língua e, naturalmente, assim engrandecer também Portugal. A lusofonia tem também de deixar de ser coisa para intelectuais ou reunião de escritores. Tem de ser mais popular, mais do povo. O desporto é o melhor meio, o melhor veículo, para alcançar esse objectivo.”

Silvério fala com números na mesa para sublinhar que nenhum evento no âmbito da lusofonia reuniu e envolveu tantos recursos.

## Uma competição ao mais alto nível

Há quem confunda os Jogos da Lusofonia com os Jogos da CPLP (de Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), mas as semelhanças ficam-se por aí, isto é, pela comunhão linguística. Desportivamente, são mundos completamente diferentes. O presidente do COJOL defende a sua dama afirmando que os Jogos da CPLP são “importantes com certeza mas não têm semelhanças com o que estamos a tentar criar com os Jogos da Lusofonia”. Este último evento, acrescenta, “é para selecções, representações olímpicas, e, por isso, do mais alto nível”.

Pela primeira vez delegações internacionais trabalharam directamente com o COJOL. Uma reunião de coordenação realizada em meados de Julho passado sentou à mesma mesa delegados técnicos das principais organizações desportivas do mundo: FIFA (futebol), a FIBA (basquetebol), a FIVB (voleibol), a ITF (ténis de mesa), o WTF (*taekweendo*) e a IAAF (atletismo). Grandes federações internacionais, e não só asiáticas, como no caso dos Jogos da Ásia Oriental ou dos Jogos Asiáticos de Recinto Coberto, cuja segunda edição se realiza no próximo ano em Macau.

O dirigente diz, uma vez mais, que os paralelismos, as similaridades, podem ser encontradas em competições como os Jogos da *Commonwealth* ou os Jogos da Francofonia.

Há no entanto uma diferença de fundo em relação à génese da constituição dos jogos da *Commonwealth*, criados ainda nas fronteiras do início da descolonização inglesa, e estes jogos da Lusofonia, que se realizam pela primeira vez num território que deixou há já quase sete anos de ser administrado por Portugal. Um dado que não deve ser minimizado e que é antes um trunfo na opinião do dirigente. “Daí a vantagem dos Jogos da Lusofonia terem aparecido ‘tardiamente’, já depois da transferência de administração, e em plena soberania chinesa de Macau, e já com Portugal descomprometido de todas

as suas antigas colónias. Daí a grande vantagem – também – de ser uma iniciativa não-governamental, mas sim através dos comités olímpicos nacionais (...) sem intervenção directa de nenhum governo, porque são este tipo de projectos que dão consistência e continuidade, não tendo um poder político tão vincado, tão pesado. Isto não quer dizer que os Jogos da Lusofonia, principalmente os que estamos a preparar para Outubro, não tenham também um programa cultural, nomeadamente para as Cerimónias de Abertura e de Encerramento, a par das chamadas Noites Culturais.”

## Cobertura televisiva pela CCTV

Com o resto do mundo a olhar cada vez mais para a China com outros olhos, os Jogos da Lusofonia acontecem a menos de dois anos de uma das mais antecipadas olimpíadas da era moderna: Os Jogos Olímpicos de Pequim/2008.

Coincidência feliz que permite que esta grande festa, este espectáculo do mundo lusófono, esteja a ser preparada – em termos de cobertura televisiva – pelo gigante da televisão mundial CCTV, a televisão estatal chinesa. Dois mundos, e quase uma galáxia de diferenças culturais, numa imensa manifestação do mundo como aldeia global. A cerimónia de abertura, que será uma produção de elevado nível, com conteúdo internacional, está a ser preparada pela CCTV, sob coordenação e tutela do COJOL. “Quisemos assegurar, e vai ser mesmo assim, que nenhum dos países participantes se sentissem marginalizados ou discriminados. Teremos fados, samba, batuques, *erhu* (instrumento tradicional de cordas chinês)...julgo que esta iniciativa da ACOLOP, não só utilizando o veículo desporto para essa ligação, e acima de tudo com essas actividades culturais, julgo que vamos, de uma forma muito, muito séria promover a língua portuguesa, promover mais e mais intercâmbios para fortalecer a amizade e laços de ligação do passado, ao presente e para o futuro”, assegurou Manuel Silvério. ■

## Cabeças de cartaz

A primeira edição dos Jogos da Lusofonia tem assegurada a presença de campeões do mundo, recordistas mundiais, medalhados olímpicos, outros atletas do topo das tabelas de diferentes modalidades e de atletas que, ainda na sua juventude, já prometem dar cartas a nível continental, e alguns com registos de nível mundial.

Em Julho último, na fase final da preparação desta reportagem, apenas um quarto das delegações presentes - três - tinha apresentado as listas de atletas: Macau, Moçambique e Portugal. Duas mulheres de armas encabeçam as delegações moçambicana e portuguesa: Maria Mutola (campeã olímpica e mundial dos 800 metros) e Fernanda Ribeiro (campeã mundial e europeia, e medalhada olímpica dos 10 mil metros). De Portugal vem também a fornada dos futuros campeões do futebol, a selecção de sub-21 anos, que vai tentar a qualificação olímpica para os Jogos de Pequim/2008.

A chegada da lista da selecção brasileira é aguardada com grande expectativa: os canarinhos podem trazer a Macau dos melhores praticantes mundiais de voleibol (são campeões do mundo femininos em pavilhão e de praia) e de futebol.

Manuel Silvério diz que “todos os comités olímpicos se comprometeram a enviar a Macau os seus melhores atletas e a maior delegação possível, facto que não pode deixar de ser considerado como um sinal inequívoco da vontade de participar, nem do empenho de todos no sucesso dos primeiros Jogos, que permitam que estes se prolonguem no tempo sempre com um elevado nível de atletas nas competições”.

A selecção da casa, depois do estrondoso sucesso na edição dos Jogos da Ásia Oriental do ano passado, nos quais somou mais de quatro dezenas de medalhas (11 de ouro), vai apresentar-se na máxima força. Para os atletas de Macau trata-se de uma oportunidade única de competirem directamente com os pares de nível olímpico, uma vez que Macau ainda não viu reconhecida as suas pretensão de ser membro de pleno direito do Comité Olímpico Internacional. ■

*Maria Mutola, campeã olímpica e mundial dos 800 metros, é uma presença garantida nas competições*



## Lusofonia via satélite

*RAEM, capital da Lusofonia: responsáveis das principais organizações mundiais de televisão demandaram nos últimos meses Macau para celebrarem acordos de transmissão que vão levar a prova até um potencial de 1380 milhões de telespectadores – 460 milhões de lares – em todo o mundo.*

Macau volta a ser este ano a montra das organizações desportivas da Ásia para o resto do mundo. Um pouco à semelhança do que aconteceu no ano passado com a cobertura os Jogos da Ásia Oriental, mas desta vez com uma rede de expansão e de recepção muito maior: atletas de quatro continentes vão ser observados em acção nos cinco cantos do mundo.

Será o aperitivo, um despertar, de países dos continentes mais longínquos, como a África e América - de norte a sul -, para a realidade desportiva na Ásia e a sua vertente cultural, a dois anos dos Jogos Olímpicos de Pequim.

Em termos de Lusofonia, esta é a maior cobertura de sempre de qualquer iniciativa do mundo lusófono, impulsionada pelo

grande motor de promoção global que é a televisão. A CCTV vai levar os Jogos do seu gigantesco mercado interno e aos emigrantes da diáspora em todo o mundo. Foram também firmados acordos com a RTP-Internacional e RTP-África e com a Eurovisão, que vai disponibilizar as condições para que o sinal de satélite chegue à Índia (outro mercado com mais de mil milhões de potenciais telespectadores), Sri-Lanka e outros destinos mais remotos. Tudo somado, a rede de cobertura é de facto global, com os jogos a chegarem à Europa, África, América do Sul e América do Norte, através da estação nacional portuguesa...e aos sub-continentes chinês e indiano pela CCTV (que retransmite igualmente para o

resto do mundo através dos seus canais internacionais). Para além do sinal emitido pela Eurovisão, que vai disponibilizar para mais de 300 televisões, televisões do Brasil, Índia e Sri-Lanka já mostraram interesse no evento. “Estamos em negociações com a CNN, a BBC, televisões de Hong Kong e outras estações internacionais para acções de promoção. Estas acções serão intensificadas principalmente durante o mês de Setembro. No segundo semestre deste mês teremos um ‘ataque cerrado’ da Lusofonia nos principais media do mundo.” Estima-se que a cobertura chegue de entre 430 a 460 milhões de lares (vezes três pessoas por lar = um potencial de entre 1290 milhões a 1380 milhões de telespectadores!). ■

MACAU 2006  
1.º Jogos da Lusofonia

## O homem dos grandes eventos

“Quanto maior o desafio e menores as probabilidades de garantir a sua organização, mais ele se empenha e maior é a sua determinação. E quando ele se empenha, é capaz de mover mundos e fundos. Está documentado publicamente” - assim resume um colaborador próximo de Manuel Silvério o carácter batalhador do homem, dirigente desportivo.

Se Macau conseguiu a organização de uma trínca de ases de eventos desportivos internacionais o mérito tem de ir para Manuel Silvério. E só com muita ousadia, determinação e crer nas capacidades de organização pode alguém lançar-se à obra de organizar em anos consecutivos três competições de grande escala: os 4<sup>os</sup> Jogos da Ásia Oriental em 2005 - considerados unanimemente como os melhores e mais bem organizados da história da competição, a 2<sup>a</sup> edição dos Jogos Asiáticos em Recinto Coberto, a ter lugar no ano que vem, e os estreados Jogos da Lusofonia.

Manuel Silvério, que também desde o ano passado é vice-presidente do Comité Olímpico da Ásia (o continente em maior expansão também ao nível desportivo) diz que “factos são factos, não podem ser contornados” e admite que os conhecimentos e imagem internacional de determinados dirigentes podem ser o impulso que define esta ou aquela atribuição ou conquista. “Ao fim e ao cabo as organizações, os eventos, são coisas estáticas, e muitas vezes dependem de quem as está a viver, pensar, organizar ou liderar. Eu gosto de projectar, de fazer planos...e como muita gente, gosto de sonhar. Mas, depois de sonhar, gosto de concretizar.”

De facto, basta olhar para o papel: nascido em Macau há 52 anos, Silvério é cultural e academicamente um bilingue (português e chinês) que se tornou trilingue, juntando mais recentemente ao seu currículo um MBA em inglês. Ou seja, potencialmente, compreende ou faz-se entender com mais de dois terços da população mundial. Na sua longa carreira foi várias vezes distinguido com condecorações, prémios, medalhas e títulos honoríficos. De Portugal a Macau; da China ao Japão.

Manuel Silvério diz viver com “a alma portuguesa convivendo diariamente - mais do que uma vez ao dia - com o pragmatismo chinês”. E acrescenta: “Do português absorvi a vontade em desbravar caminhos, como os nossos descobridores o fizeram, ‘por mares nunca d’antes navegados.’” Por outro lado, sou uma pessoa de Macau. Foi aqui

que eu me formei, cresci, naturalmente que no meu dia-a-dia a convivência é, neste momento, em grande parte em chinês. Naturalmente que o meu pragmatismo, o meu raciocínio, as minhas prudências - ou imprudências, às vezes... (sorriso) - são características da minha costela chinesa. É claro que também me arrepio quando ouço o hino português. Cumprí o serviço militar de dois anos e meio para o exército português.”

Pai de três filhos, “todos falamos português em casa”, Manuel Silvério acredita que Macau será um bom anfitrião e guardião da língua portuguesa e dos costumes do mundo lusófono. “Esta terra é generosa e porto de acolhimento desde os tempos da Guerra do Pacífico. Juntamos o bem receber português e a latinidade ao gosto e curiosidade em conviver com outras culturas (que caracteriza a nova maneira de pensar da China).” Uma receita que tem condimentos de sucesso, a provar em Outubro num mundo de diferenças, em que a diferença é Macau.

## Distinções públicas

Uma série de distinções e condecorações preenchem folha e meia de um muito resumido, mas extenso, currículo de Manuel Silvério. São a fase visível do reconhecimento público ao dirigente que iniciou a carreira na área do desporto em Março de 1988. Medalhas de mérito desportivo e profissional, títulos honoríficos, e altos cargos. Talvez o maior, o de vice-presidente do Comité Olímpico da Ásia, desde finais do ano passado. Aliás, nos últimos oito meses, Manuel Silvério diz ter ficado por várias vezes “emocionado e sensibilizado, e, algumas vezes, surpreendido” com as demonstrações de reconhecimento de que tem sido alvo.

E um deles teve um sabor especial. Até por ter sido decidido por voto popular, e logo na maior nação do mundo: Manuel Silvério integrou o leque de dez personalidades que receberam em Pequim, a 25 de Março último, uma distinção pelo seu contributo para o desenvolvimento do desporto no mundo ou nos países onde residem, um galardão que lhe foi atribuído pelo sucesso na organização dos IV Jogos da Ásia Oriental em Outubro e Novembro de 2005. “Foram anos de trabalho que serviram para fortalecer os princípios ‘um país, dois sistemas’ e ‘Macau governado pelas suas gentes’, bem como a autonomia da região administrativa especial”, disse na ocasião. ■

## Sogir、Mozacapital (莫桑比克) 與 Geocapital投資策略股份有限公司 (澳門)

合作協議簽訂儀式



Cerimónia de Assinatura do Acordo entre as Sociedades Sogir e Mozacapital, de Moçambique, e a Geocapital, de Macau, para a criação de uma Joint-Venture a 9 de Dezembro de 2005

A Geocapital-Investimentos Estratégicos, S.A. (Geocapital Holdings Limited) uma empresa de direito local que tem por objectivo promover e planear investimentos estratégicos nos países de língua portuguesa.

Dos seus corpos gerentes fazem parte, entre outros, Stanley Ho, Presidente do Conselho de Administração, Almeida Santos, Presidente da Assembleia Geral, Ferro Ribeiro, Presidente da Comissão Executiva e Ambrose So, Administrador Executivo da Sociedade.

Desde a sua criação que a Geocapital tem vindo a procurar as parcerias mais adequadas ao exercício da sua actividade empresarial. Por circunstâncias históricas, culturais e políticas, o Chefe do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau, Dr. Edmundo Ho, fez de Macau uma plataforma privilegiada para o aprofundamento das relações económicas entre a China e os países de língua portuguesa. Trata-se de um conceito estratégico que mereceu todo o apoio da China, ela própria interessada no incremento dessas relações. Ao criar o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, Edmundo Ho permitiu o

crescimento sustentado a dois e três dígitos do respectivo comércio e investimento.

A Geocapital, nasce, pois, com o objectivo de desenvolver, numa primeira fase, iniciativas empresariais em Moçambique, Angola, Portugal e Brasil.

São hoje conhecidas as parcerias estabelecidas pela Geocapital em Moçambique, com vista nomeadamente ao aproveitamento das enormes potencialidades do Vale do Zambeze e as parcerias com a Tap visando as aquisições da Varig Log e da Vem. Em Angola, são conhecidas as suas intenções no esforço de recuperação e modernização de infraestruturas vitais para o país e no desenvolvimento de parcerias locais na área financeira que suporte todo esse esforço de investimento.

Os accionistas da Geocapital estão convictos de que a mensagem que tem vindo a ser dinamizada pelo Chefe do Executivo da R.A.E.M., através do Fórum e do IPIM, de que os países de língua portuguesa e a China são hoje regiões que oferecem reais oportunidades de negócios, foram por si assimiladas em termos empresariais e em tempo útil.

# Chefe do Executivo visitou a União Europeia

O Chefe do Executivo regressou do seu périplo europeu convicto de que a posição da RAEM, enquanto plataforma entre a China e a Europa, saiu reforçada. Edmund Ho efectuou, no passado mês de Junho uma visita oficial a Bruxelas, sede da União Europeia (UE), com quem a RAEM mantém uma série de acordos de cooperação, nomeadamente no âmbito do direito, da educação e da protecção ambiental. Em seguida, visitou Portugal, onde já não se deslocava desde 2001.

Em Bruxelas o Chefe do Executivo encontrou-se com o Presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso, onde foi manifestada a disponibilidade da RAEM em assistir as empresas dos Estados membros a aceder ao emergente mercado de consumo da grande China. Foi ainda dada especial ênfase aos mecanismos de cooperação no seio da Região do Grande Delta do Rio das Pérolas e exportação de alta tecnologia europeia no âmbito da protecção ambiental e da indústria.

Foi todavia em Portugal que Edmund Ho recebeu a garantia da realização, na RAEM, de um grande evento dedicado à cooperação entre a China e a União Europeia, durante o segundo semestre de 2007, período em que o país assumirá a presidência da UE. O anúncio chegou pelo ministro português da Ciência Tecnologia e Ensino Superior, Mariano Gago. Ainda em Lisboa, Edmund Ho ratificou, com o então ministro dos Negócios Estrangeiros demissionário, Freitas do Amaral, um acordo através do qual a Delegação Económica e Comercial de Macau em Portugal passou a ter mais privilégios diplomáticos.

Durante a sua estada no país, Edmund Ho manteve ainda encontros de trabalho com o Presidente da República, Cavaco Silva – que, na qualidade de primeiro-ministro representou Portugal na assinatura da Declaração Conjunta Sino-Portuguesa em 1987 –, com o primeiro-ministro, José Sócrates,

e outras figuras do Executivo, com o presidente da Assembleia da República, Jaime Gama, e com o embaixador da China em Portugal, Ma Enhan. Da parte de José Sócrates, Edmund Ho recebeu a garantia da continuidade do apoio português à RAEM na área jurídica.

Em Bruxelas, o Chefe do Executivo da RAEM tinha celebrado um acordo a Bélgica para evitar a dupla tributação de rendimentos entre as partes. Para Didier Reynders, ministro das Finanças e vice-primeiro-ministro belga, o acordo representa mais oportunidades para a entrada dos empresários belgas no mercado da China, através de Macau. Paralelamente foi assinado um protocolo entre um consórcio empresarial belga e a Companhia de Engenharia e de Construção da China (Macau) Lda., para a concepção e construção da segunda fase da Estação de Tratamento de Águas Residuais de Coloane.

Ainda em Bruxelas o Chefe do Executivo foi recebido pelo presidente da Delegação do Parlamento Europeu para as Relações com a China, Dirk Sterckx, o vice-presidente do Parlamento Europeu, Alejo Vidal Quadras, o relator dos Assuntos sobre a China junto da Comissão para os Assuntos Externos do Parlamento Europeu, Bastiaan Belder, a embaixadora da República Popular da China na Bélgica, Zhang Qiyue, e pela missão chinesa junto da Comunidade Europeia.

O périplo europeu de Edmund Ho culminou com uma recepção oferecida pelo Governo da RAEM no Salão Pedro Leitão do Four Seasons Hotel Ritz. O evento juntou mais de duas centenas de pessoas, entre os elementos da delegação oficial, antigos governadores e detentores de outros cargos públicos em Macau, ex-residentes, corpos dirigentes e empresários membros da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Chinesa e outras personalidades ligadas ao território. ■

## Lançado Observatório da China em Portugal

Investigadores de história, relações internacionais, economia e outras áreas lançaram em Lisboa o Observatório da China, uma “associação multidisciplinar” destinada a dinamizar os estudos chineses em Portugal, considerados “muito incipientes”. O Observatório da China assume-se como uma entidade “aberta a todos os investigadores, centros de estudos e até empresas”, e já tem assegurada a colaboração de peritos internacionais, nomeadamente da Academia Chinesa de Ciências Sociais.



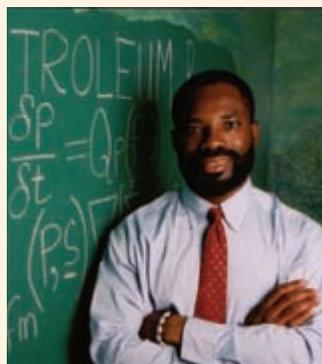
## 30 mil empresários fixam-se em Macau

Mais de 27.500 pessoas fixaram residência em Macau entre 2000 e 2005 ao abrigo de legislação que permite a fixação de residência na RAEM através da aquisição de imóveis, tendo despendido mais de 125 milhões de dólares norte-americanos. De acordo com o presidente do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), Lee Peng Hong, entre os anos de 2000 e 2005 deram entrada 7.939 pedidos de fixação de residência por aquisição de bens imóveis, com um montante de investimento de cerca de dez mil milhões de patacas. No âmbito dos pedidos efectuados foram autorizadas a fixar residência em Macau 27.589 pessoas.



## Principal fornecedor

Angola voltou a ser o principal fornecedor de petróleo da China depois de as suas exportações terem aumentado 40 por cento em Maio. Angola forneceu à China 11,2 milhões de toneladas de petróleo, cerca de um quinto das importações totais chinesas desse combustível, nos primeiros cinco meses do ano. Angola, que produz cerca de 1,4 milhões de barris por dia, fornece à China mais de 500 mil barris por dia, sendo o segundo parceiro comercial chinês em África. As trocas comerciais entre os dois países ascenderam, em 2005, a sete mil milhões de dólares. O Governo chinês, através do seu Export-Import Bank, já concedeu mais de quatro mil milhões de dólares em empréstimos a Angola para a reconstrução do país, que foi afectado por mais de 27 anos de guerra.



## Xangai abre mestrado em Português

A Universidade de Estudos Internacionais de Xangai pretende lançar o primeiro mestrado em língua portuguesa na China continental no ano lectivo 2007/2008. O anúncio foi feito à margem do “I Encontro Académico de Ensino Curricular de Português e de Tradução Português/Chinês” organizado pelo Instituto Politécnico de Macau no passado mês de Julho. O lançamento do programa de mestrado coincide com o 30º aniversário da abertura da Licenciatura em Língua e Cultura Portuguesas naquela instituição de ensino, em 1977. Durante a realização do encontro académico seria ainda anunciado que também a Universidade de Pequim lançará, no mesmo ano lectivo e em estreita colaboração com entidades locais, um programa de licenciatura em língua portuguesa.





## Parceria estratégica

A Câmara de Comércio e Indústria Luso-Chinesa e a consultora Edeluc estabeleceram uma parceria para promover as relações económicas entre Portugal e a China, e em particular o investimento e comércio externo. Os serviços a prestar às empresas incluem consultoria e estudos de mercado, preparação de viagens, estudos de viabilidade, organização de eventos e campanhas de marketing e apoio a projectos de investimento na China. As mais-valias são “as competências institucionais e de representação” da Câmara, e, da parte da Edeluc, a “capacidade mobilizadora de uma importante rede de parcerias na China, e a experiência no terreno, incluindo em investimentos práticos”, afirmou Fernando Costa Freire, gestor da Edeluc.



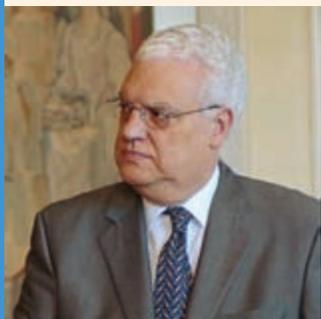
## Leiria cria curso de tradução de chinês

O Instituto Politécnico de Leiria inicia no próximo ano lectivo, em colaboração com o Instituto Politécnico de Macau, um curso de Tradução e Interpretação Português/Chinês que visa apoiar a internacionalização das empresas portuguesas. Os alunos frequentarão metade da licenciatura de quatro anos em cada país, procurando “responder à procura das empresas” portuguesas que querem investir na China. Entretanto, a Universidade de Lisboa anunciou, à margem do Fórum Chinês de Reitores de Universidades Estrangeiras em Pequim, a intenção de criar uma cátedra de Estudos Chineses em cooperação com universidades da China.



## Governo Central saúda Ramos-Horta

O Ministério dos Negócios Estrangeiros saudou a nomeação de José Ramos-Horta como novo primeiro-ministro de Timor-Leste, tendo também apelado ao diálogo entre os timorenses para a estabilidade no país. A China financiou a construção em Timor-Leste de edifícios de alta visibilidade, como a reconstrução do palácio presidencial e edificação do novo edifício do Ministério dos Negócios Estrangeiros. O Governo prometeu também, no final de 2005, um reforço de cerca de 6,7 milhões de dólares norte-americanos na cooperação com Timor-Leste. No início de Junho, a China manifestou abertura para agendar uma nova visita ao país do presidente Xanana Gusmão, que, devido ao reacender dos confrontos em Díli, cancelou a visita de Estado marcada para 26 de Maio passado.



## Plataforma para a China e resto da Ásia

Macau pode ser uma plataforma para Portugal e outros países europeus entrarem na China e no resto da Ásia, defendeu, em Junho passado, o então ministro dos Negócios Estrangeiros português, Diogo Freitas do Amaral, que falava após um encontro com o Chefe do Executivo, Edmund Ho, aquando da visita deste a Portugal. Freitas do Amaral referiu ainda que os sectores de serviços e tecnologias são áreas a explorar no relacionamento luso-chinês. Edmund Ho disse, por seu turno, estar “satisfeito” com o apoio de Portugal ao Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa e “muito optimista” quanto ao futuro das relações entre Macau e Portugal.

## Uma porta aberta

*Numa imagem proposta pelo secretário para a Economia e Finanças da RAEM, Francis Tam, no âmbito da cooperação, cabe ao Governo fazer o trabalho de promoção, de “abrir a porta”, enquanto dos empresários se espera que aproveitem a oportunidade dada e façam negócios*

Há três anos nascia um projecto que reunia à volta da mesma plataforma nações que vinham mantendo, desde há vários anos, uma cooperação regular a vários níveis. O Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa surgiu como um dado novo nas relações internacionais, abrindo a porta a uma infindável combinação de possibilidades. Desde Outubro de 2003 que os sinais de

aprofundamento da cooperação são claros, quer ao nível do comércio, quer do investimento, já para não falar do aumento das visitas de nível ministerial. Em três anos o comércio bilateral aumentou mais de 100 por cento – passou de cerca de 11 mil milhões de dólares norte-americanos, em 2003, para mais de 23 mil milhões, em 2005, ao mesmo tempo que os grandes projectos de cooperação emergiram.

## A agenda criada através do Fórum

Três anos depois da criação do Fórum e mais de dois anos após o estabelecimento, em Macau, do Secretariado Permanente do Fórum, o balanço que todas as partes fazem desta experiência é positivo, embora haja igualmente o reconhecimento de que há potencialidades para fazer mais e melhor. O secretário-geral do Se-

cretariado Permanente, Wang Chengan, salienta que tem tido “todo o apoio de todas as partes envolvidas: Governo de Macau, Governo Central e autoridades dos países de língua portuguesa”.

O primeiro triénio desta experiência serviu para balizar a esfera de competências de cada uma das partes, para cimentar um quadro político institucional e criar consensos em termos de agenda de cooperação.



*Em 2003 os representantes da China e dos países de língua portuguesa assinaram o primeiro Plano de Acção para a Cooperação Económica e Comercial*

Partindo quase do zero, a estrutura do Secretariado Permanente procurou abrir a porta para as oportunidades que surgem nesta zona do mundo para os países lusófonos e mostrar aos agentes económicos chineses as potencialidades que existem no vasto mundo dos países de língua portuguesa.

RAEM foi reforçado”.

Do lado do sector privado, Eduardo Ambrósio, presidente da Associação Comercial Internacional dos Mercados Lusófonos, sublinha que, desde 2003, os “dirigentes de Macau vêm prestando constante apoio às ligações comerciais e económicas entre a RAEM e os países lusófonos”, ao mesmo

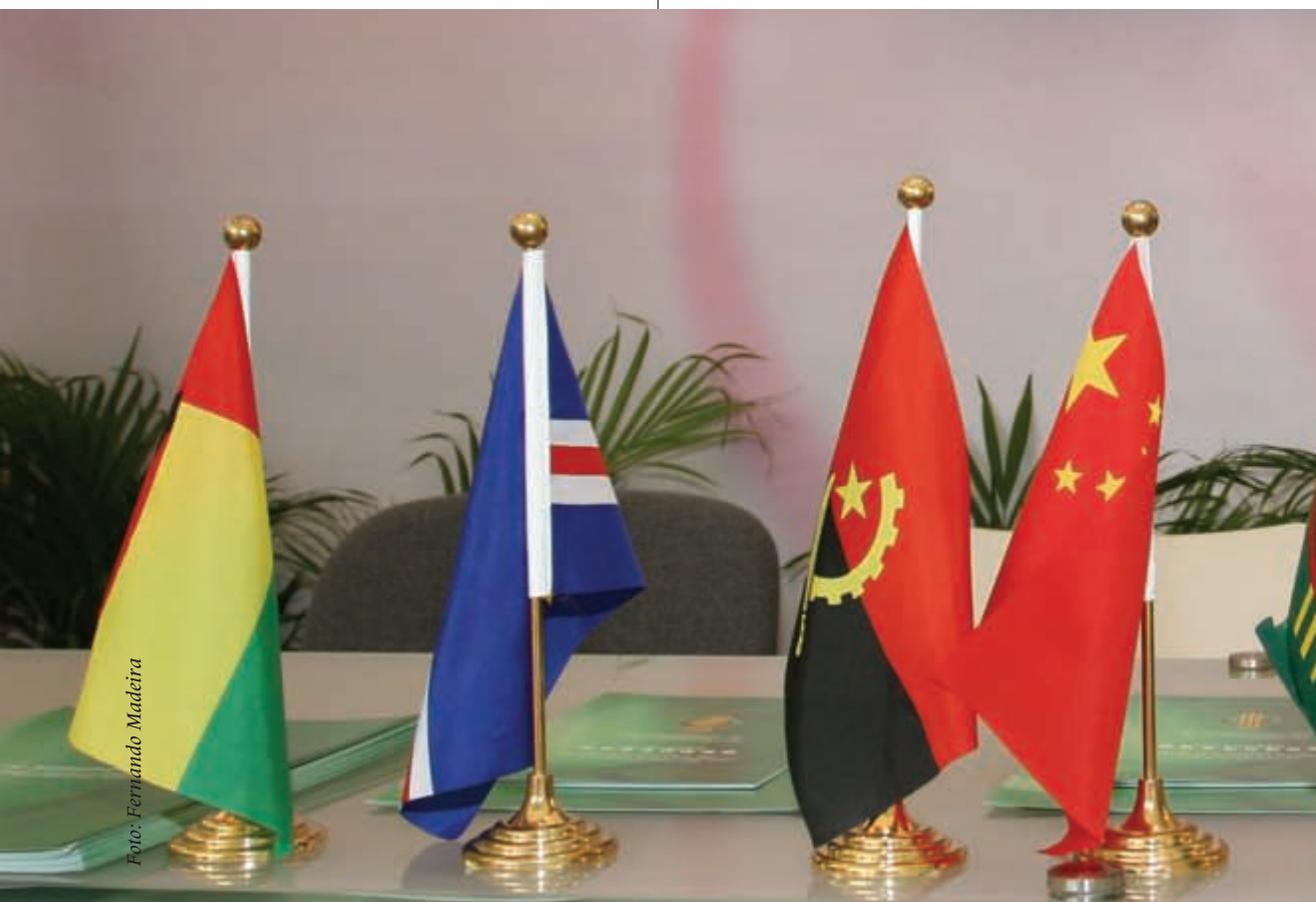


Foto: Fernando Madeira

No entendimento de Júlio Morais, embaixador de Cabo Verde na China, “estes três anos serviram para criar consensos em termos de agendas e dinâmica negocial”. Por seu turno, na entrevista que publicamos com este artigo, o secretário para a economia e finanças da RAEM, Francis Tam, não tem dúvidas de que “os resultados do Fórum evidenciaram que Macau é de facto um elo de ligação entre a China continental e os países de língua portuguesa”, garantindo que “o papel da

tempo que reconhece que “este é um processo de médio e longo prazo”, pelo que “mais e melhores oportunidades surgirão no futuro”.

### **Aproximação entre Macau e os países lusófonos**

Desde 2003, o Secretariado Permanente tem organizado várias iniciativas no sentido de materializar a cooperação e estimular os negócios, em Macau, na China

e nos países de língua portuguesa, nomeadamente feiras comerciais, conferências, missões empresariais e contactos de alto nível entre representantes dos países e territórios do Fórum.

Em termos de investimentos de empresários de Macau nos países lusófonos, há dois projectos que se destacam: por um

do Plano de Desenvolvimento do Vale do Zambeze, com vista à prospecção, detecção e recenseamento das oportunidades de aproveitamento económico dos recursos naturais da zona de inserção geográfica do rio Zambeze – uma das zonas mais ricas em termos de recursos naturais da África Austral.

*O reforço da cooperação com os países de língua portuguesa é uma das grandes prioridades da China*



lado a aposta de David Chow em Cabo Verde, de construção de um complexo turístico no ilhéu de Santa Maria, num investimento de 100 milhões de dólares norte-americanos; por outro a assinatura, em Dezembro de 2005, de um acordo entre a Geocapital, um consórcio financeiro com base em Macau detido maioritariamente por Stanley Ho, a Mozza Capital, sociedade financeira moçambicana, e a Sogir - Sociedade de Gestão Integrada de Recursos, que está ligada ao Gabinete

## Macau: a plataforma

A escolha de Macau como sede do Secretariado Permanente do Fórum pode ser explicada em virtude de vários factores. Primeiramente, o português é uma das línguas oficiais de Macau, na sequência do que está estipulado na Lei Básica da RAEM, o que por si só poderá funcionar como ponte para a entrada de companhias dos países de língua portuguesa no mercado chinês, em especial para a zona do



*Os países lusófonos vão ser novamente um dos pontos fortes na Feira Internacional de Macau*

Sul da China, no Grande Delta do Rio das Pérolas – zona económica que reúne nove províncias meridionais e as duas regiões administrativas especiais, Macau e Hong Kong. Em segundo lugar, dado que o sistema jurídico de Macau é de raiz portuguesa, existem condições que podem facilitar a utilização da RAEM como plataforma para as relações económicas sino-lusófonas. Em concreto, as empresas dos países lusófonos podem encontrar vários peritos legais, juristas e outros agentes que poderão efectuar um trabalho ao nível da consultoria e

marketing assente num bom conhecimento quer do mercado do Continente, quer do mercado dos países de língua portuguesa. Jorge Morbey, ex-adido cultural na Embaixada de Portugal na China, recorda que “historicamente Macau sempre funcionou como uma plataforma de negócios entre as regiões da Ásia Oriental, do Sudeste Asiático, África, Europa e o continente americano”. Além das relações de mais de quatrocentos anos com Portugal, Macau tem tido, ao longo dos anos, com as antigas colónias portuguesas de África, re-



lações comerciais significativas ao nível do vestuário, louças e mobiliário, para citar alguns exemplos. Deste modo, a criação em Macau deste fórum de cooperação surge como um passo lógico numa dinâmica histórica. Numa outra perspectiva, ele poderá também servir para criar alternativas e outros caminhos para uma economia cada vez mais dependente do Jogo. É nesse sentido que Jorge Morbey refere que “o Fórum tem importância essencial para a RAEM, na medida em que possa contribuir para a criação de rique-

za e constituir-se numa das alternativas à indústria do jogo”.

Este processo transporta consigo também um significado político relevante. A ideia de Macau como plataforma de serviços tem sido materializada com a inclusão do território em projectos como o processo “9+2”, o CEPA- Acordo de Estreitamento das Relações Económicas e Comerciais entre o Continente Chinês e Macau, e o Fórum. Neste contexto, Macau assume um papel político-económico relevante no contexto regional e internacional.

## O Fórum como parte de uma estratégia ampla

O Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa deve ser entendido num contexto amplo da estratégia da China não só na sua relação com os países lusófonos mas também relativamente às nações em desenvolvimento e à postura que o País tem assumido nas relações internacionais. Olhando para o percurso do País no sistema internacional desde a ascensão ao poder, no final dos anos setenta, de Deng Xiaoping, o Governo Central procura desenvolver uma estratégia com várias facetas e em várias direcções baseada nos princípios da “política externa independente” e nos conceitos de “paz e desenvolvimento” enunciados por Deng.

É neste contexto que alguns analistas têm encarado o fortalecimento das relações da China com os países de língua portuguesa, nomeadamente com a África lusófona.

Ian Storey e Loro Horta referem, num artigo publicado em Junho pela revista Yale Global, ligada à Universidade norte-americana de Yale, que “a diplomacia chinesa está cada vez mais sofisticada: “Ao contrário de outros poderes, que mantêm relações próximas com países específicos da CPLP mas têm pouca ou nenhuma interacção com outros membros, a China não limita o seu relacionamento aos países de língua numa base bilateral, mas como um grupo”.

Segundo o académico australiano e o investigador timorense, os objectivos da China com esta relação mais próxima com as nações lusófonas passam pela necessidade de garantir alternativas de petróleo essencial para o seu rápido crescimento económico. Por outro lado, escrevem Storey e Horta, os 230 milhões de habitantes dos países de língua portuguesa constituem um mercado importante para escoar os bens produzidos na China.

Tendo em conta que a China tem relações bilaterais com quase todos os países de

língua portuguesa, será que o Fórum representa algo de redundante? Muito pelo contrário. Morbey observa que “o canal de comunicação bilateral é reforçado pela sua pertença ao Fórum, sem que tal constitua uma triplicação redundante”. Mais: “o Fórum cria um ambiente para uma cadeia infinita de oportunidades”.

## Os passos em frente

“A segunda reunião ministerial vai ser um sucesso”, garante Wang Chengan, referindo-se ao encontro marcado para os dias 25 e 26 de Setembro, na Região Administrativa Especial de Macau. Essa confiança é corroborada por Francis Tam - o secretário para a economia e finanças adianta que “algo está a ser preparado”. Algo que poderá ser um novo marco nas relações sino-lusófonas.

Júlio Morais, por seu turno, diz que o Segundo Plano de Acção para a Cooperação Económica e Comercial, que será assinado na reunião ministerial, “vai ser mais forte” e “irá expandir o reforço da cooperação ao sector financeiro, transportes e turismo”. Ou seja, é de esperar que estas e outras vertentes sejam acrescentadas ao primeiro Plano de Acção, que foi assinado em Outubro de 2003 pelos responsáveis governamentais da China e dos países de língua portuguesa. Nesse documento salientava-se a necessidade de trabalhar ao nível da cooperação inter-governamental e ao nível do comércio e investimento, desenvolvendo as ligações ao nível da agricultura, pescas, engenharia, construção de infra-estruturas, recursos naturais e recursos humanos. Em todo o caso, o embaixador cabo-verdiano alerta que “o sector privado vai ser cada vez mais importante”.

Finalmente Jorge Morbey vê como desejável a possibilidade da criação de “agências especializadas para a coordenação de programas conjuntos que incidissem sobre aspectos como os recursos marinhos, medicinas alternativas, recursos energéticos e estratégias de mercado para as exportações”. ■

*Na análise dos resultados do Fórum, defende Francis Tam, há que ter em conta não só a componente dos negócios mas também a política. A relação mais próxima entre a China e os países de língua portuguesa é um facto constatado na imprensa internacional e Macau deu o seu contributo para essa realidade*

– O Fórum para Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa foi lançado há três anos. Que avaliação faz da sua implementação?

– Os resultados do Fórum evidenciaram que Macau é de facto um elo de ligação entre a China continental e os países de língua portuguesa. O papel da RAEM foi reforçado. No que diz respeito à cooperação, os negócios são um lado da moeda, o outro diz respeito às conquistas políticas. Tenho lido artigos em artigos de jornais internacionais. E cada vez mais as pessoas que estão atentas a este fenómeno notam que a China está mais próxima dos países de língua portuguesa. E isto é algo para o qual o Fórum contribuiu.

– O Fórum veio tornar o papel de Macau mais visível e relevante no próprio contexto da República Popular da China...

– É verdade. Esse papel é mais visível do que era antes. Mas mais do que ser visível são os resultados que estão à vista de todos. Sempre dissemos que somos uma plataforma. Mas os resultados estão à vista de toda a gente: A China tem uma relação mais próxima com os países de língua portuguesa. Se compararmos a situação agora com o que aconteceu há três anos, ninguém pode negar esta evidência. E o Fórum desempenhou um papel importante. Os resultados são melhores e mais importantes que as palavras.

– Macau está envolvido no processo de cooperação entre as nove províncias do sul da China e as duas regiões administrativas especiais, o chamado processo “9+2”. Qual é a relação entre o processo do Grande Delta do Rio das Pérolas e o Fórum?

Francis Tam,  
Secretário para a Economia e Finanças

“China está  
mais próxima  
dos países  
de língua  
portuguesa”

– Macau, sendo parte do “9+2”, está integrado num processo que nos permite ter um contexto. Nesse contexto, os países de língua portuguesa podem interagir com o Sul da China através de nós, uma vez temos um sistema de comunicação imediata.

Claro que sempre se pode pedir ajuda ao Departamento de Comércio, em Pequim, mas tendo esta ligação directa com as nove províncias do Sul da China, vamos demonstrar que este sistema funciona.

– *O mesmo vale para o CEPA, o Acordo de Estreitamento das Relações Económicas e Comerciais entre o Continente Chinês e Macau?*

– Sim, exactamente, é mais um quadro de actividade, um contexto para imprimirmos esta dinâmica.

– *Numa visita a Yunnan, aquando do último encontro do “9+2”, o Chefe do Executivo mencionou que Macau poderia também funcionar como uma ponte entre os países de língua portuguesa e a ASEAN, as nações do sudeste asiático. Isto é algo de novo.*

– Yunnan é um local especial na ligação com outros países do Sudeste Asiático. Quando o Governo de Macau lá esteve [em Setembro passado, no âmbito do Fórum do Grande Delta do Rio das Pérolas], estavam presentes também representantes de países da ASEAN [Associação dos Países do Sudeste Asiático].

Como é que deve funcionar uma plataforma? Deve ter várias ligações. Pelo menos em duas direcções, para alguém possa usar a plataforma e escolher para onde ir. Em futuros desenvolvimentos, temos de encontrar mais saídas, para que quem use a plataforma possa ter mais ligações com o exterior. Isto é algo que temos de fazer. Nós vamos ligar todos estes contextos: ASEAN, CEPA, “9+2” e países lusófonos. É assim que Macau pode reforçar o seu papel de plataforma de serviços.

– *Este ano a Feira Internacional de Macau (MIF) vai decorrer em simultâneo com o Fórum. A ideia é criar oportunidades para empresários chineses e de língua portuguesa se encontrarem?*

– Sim. Todos os anos organizamos visitas de delegações de outros países para es-

tarem em Macau. Esperamos que a MIF seja um sucesso. Virão grandes delegações da China continental para Macau.

– *E com o encontro de empresários da China e dos países lusófonos a realizar-se ao mesmo tempo essas oportunidades estarão aumentadas.*

– Sem dúvida. Esperamos que em todos os aspectos, o Fórum seja um sucesso.

– *Nesta segunda reunião do Fórum, podemos esperar um passo firme em frente na cooperação entre a China e os países de língua portuguesa? De que modo?*

– Estamos a trabalhar nesse sentido. O ministro do Comércio, Bo Xilai, tem uma personalidade forte e é um líder para o futuro. Por isso ele não vai estar em silêncio e está a trabalhar em algo para o sucesso do Fórum. Ele virá a Macau fazer o seu discurso e depois regressará a Pequim.

– *No que diz respeito à relação de Macau com os países de língua portuguesa, foi anunciado recentemente que o Governo da RAEM tem um acordo quase pronto com Moçambique de modo a evitar a dupla tributação. Vamos assistir a este tipo de acordos com os restantes países de língua portuguesa?*

– Sim, definitivamente. Estamos a falar com todos os países de língua portuguesa e a resposta é muito boa. Ainda este ano vamos assinar com Moçambique. Há ainda a possibilidade de haver mais um ou dois países a assinar antes do fim do ano. É um trabalho que estamos a desenvolver.

– *No que diz respeito ao aumento do comércio e do investimento, que papel pode o Governo de Macau ter para aumentar as relações sino-lusófonas?*

– Eu penso que do lado do Governo temos sempre de fazer o trabalho de promoção. Levamos delegações a Angola, Moçambique e outros países de língua portuguesa. Estamos a envolver empresários de províncias do Sul da China, como Guangdong e Fujian, para que haja mais oportunidades de negócios.

– *Portanto, Macau abre a porta...*

– Sim, como disse, temos de abrir a porta. Depois cabe aos empresários fazer os negócios. ■

Wang Chengan, secretário-geral  
do Secretariado Permanente do Fórum

## Grande atenção aos recursos humanos

*Para Wang Chengan, desde o seu lançamento que o Fórum tem dedicado uma atenção especial ao desenvolvimento dos recursos humanos. Exemplo disso é o facto de Ministério do Comércio ter convidado mais de 600 responsáveis governamentais e técnicos dos países de língua portuguesa para frequentarem acções de formação na China*

– Qual a avaliação que faz destes quase três anos de existência do Fórum?

– A realização da 1.ª Conferência Ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau) em 2003, numa iniciativa do Governo Central Popular da República Popular da China, foi um sucesso, tendo ali sido assinado um “Plano de Acção para a Cooperação Económica e Comercial”. Com o empenho do Ministério do Comércio da China, do Governo da Região Administrativa Especial de Macau e dos Governos dos Países de Língua Portuguesa, os objectivos definidos pelo Plano de Acção foram progressivamente concretizados no triénio 2004-2006.

O Fórum tem vindo a produzir resultados positivos, nomeadamente na vertente de

reforço da cooperação no desenvolvimento dos recursos humanos, tendo o Ministério do Comércio da China convidado mais de 600 autoridades e técnicos dos países de língua portuguesa, para frequentarem colóquios na área económica, na área do turismo e da comunicação social, cursos de formação de técnicas de enfermagem, cursos de formação técnica em agricultura e pescas e um colóquio sobre gestão moderna de transportes. Por sua vez, o Governo da Região Administrativa Especial de Macau convidou os participantes de alguns dos colóquios atrás referidos, para efectuarem visitas de estudo e frequentar cursos em Macau, tendo aqui sido feitas algumas apresentações sobre oportunidades de negócios e investimento da China e dos países de língua portuguesa.

Também no que diz respeito às trocas

comerciais há a registar resultados positivos. O valor global das trocas comerciais entre a China e os países de língua portuguesa atingiu, em 2004, os 18270 milhões de dólares norte-americanos, registando-se um aumento de 65,7 por cento comparativamente a 2003, ano em que foi criado o Fórum. Em 2005, o valor global das trocas comerciais entre as partes atingiu os 23.190 milhões de dólares norte-americanos, com um aumento de 26,9 por cento, em comparação com 2004, tendo ultrapassado pela primeira vez a barreira dos 20 mil milhões de dólares norte-americanos.

– *Antes da criação deste Fórum, já existiam relações bilaterais entre a China e cada um dos países de língua portuguesa. Em que medida é que essas relações foram aprofundadas através de Macau?*

– O papel de plataforma de Macau no reforço da cooperação económica e comercial entre a China e os países de língua portuguesa resulta naturalmente de três características de que o território dispõe, nomeadamente a manutenção da língua portuguesa como uma das línguas oficiais, a permanência de uma comunidade dos países de língua portuguesa significativa (e que tem contribuído para a ligação com os países participantes do Fórum) e a manutenção do sistema jurídico de matriz portuguesa, que tem contribuído para atrair a vinda para Macau de técnicos qualificados.

Por outro lado, o ensino da língua portuguesa é amplamente apoiado pelas autoridades de Macau, verificando-se um aumento gradual de formandos interessados na aprendizagem da língua.

A existência de pessoal qualificado de língua portuguesa (e em alguns casos, bilíngues) em diversas áreas tem contribuído para o reforço da cooperação económica e comercial entre os empresários da China e dos países de língua portuguesa.

Há ainda a considerar a localização do território no delta do Rio das Pérolas - e as suas ligações económicas e comerciais crescentes com as províncias chinesas vizinhas - bem como o papel de Macau no

relacionamento com os chineses ultramarinos e as suas históricas relações com os países de língua portuguesa.

Deste modo, Macau pode desempenhar um papel de ponte de ligação no desenvolvimento das relações económicas e comerciais entre a China e os países de língua portuguesa, em vários sectores no âmbito da prestação de serviços económicos e comerciais. Houve ainda empresas de Macau que iniciaram contactos e avaliaram informações sobre oportunidades de negócios e investimento nos países de língua portuguesa.

– *Está satisfeito com a reacção e a dinâmica dos agentes económicos dos países lusófonos ao longo destes três anos?*

– Sim, estamos muito satisfeitos com os esforços desenvolvidos até ao momento; foram já realizados encontros empresariais entre a China e os países de língua portuguesa, em Luanda em 2005 e em Lisboa em 2006 (sem esquecer o encontro que decorreu em Macau, no âmbito da 1ª Conferência Ministerial em 2003). Nestes encontros, que contaram com a participação de centenas de empresários da China e dos países de língua portuguesa, foram assinados vários protocolos e contratos comerciais.

Por outro lado, também se realizaram encontros empresariais em Timor Leste e Cabo Verde em 2005 e em Moçambique em 2006. Recentemente, estive em Moçambique um grupo de empresários chineses para avaliação no local de algumas oportunidades de negócios naquele país. Saliento ainda o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido pelas associações empresariais de Macau, nomeadamente as de matriz lusófona, na aproximação que têm feito aos países de língua portuguesa, aproveitando assim as sementes lançadas pelo Fórum.

– *O que é que tem sido feito e o que está projectado fazer-se no que diz respeito à formação de pessoas qualificadas que ajudem à concretização das políticas traçadas?*

– Desde o início do Fórum que se tem dado uma grande atenção ao desenvolvimento dos recursos humanos.

O Ministério do Comércio da República Popular da China já levou a cabo um conjunto de acções de formação em vários sectores de actividade, já apontados anteriormente. O aumento do intercâmbio na formação de pessoal qualificado vai certamente, de futuro, estimular e alargar as áreas para o desenvolvimento dos recursos humanos. De salientar que o Governo da RAEM, através de diversos serviços públicos, tem dado o seu contributo na área da formação no âmbito do Fórum.

– *Um dos pontos do Plano de Acção do Fórum diz respeito à cooperação na agricultura e pescas. O que foi feito até agora neste campo?*

– Em 2005 foram realizados dois cursos de formação na área da agricultura e pescas. Em primeiro lugar, realizou-se em Cantão um curso de formação técnica em agricultura e pescas e, no seu seguimento, algumas empresas da China e do Brasil estabeleceram contactos de cooperação nesta área.

O segundo realizou-se em Pequim, onde teve lugar um colóquio sobre o desenvolvimento sustentável da agricultura e pescas. Na sequência deste colóquio, os seus participantes apresentaram um conjunto de propostas para incrementar a cooperação nesta área entre a China e os países de língua portuguesa.

É de referir ainda que, no âmbito do Fórum, uma empresa da China está a negociar com uma empresa de Timor Leste a implementação de um projecto de produção de arroz híbrido.

- *Quais são os passos necessários para que o Fórum tenha mais resultados práticos?*

- A realização da 2ª Conferência Ministerial, nos dias 24 e 25 de Setembro próximo em Macau, e a aprovação de um segundo Plano de Acção para a Cooperação Económica e Comercial, para vigorar no triénio 2007-2009, vai certamente contribuir para o fortalecimento do Fórum e para o incremento das relações económicas e comerciais entre os países participantes e o alargamento a novas áreas de cooperação. ■



Rita Santos

## A senhora “Fórum”

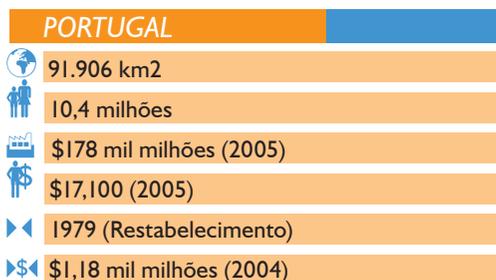
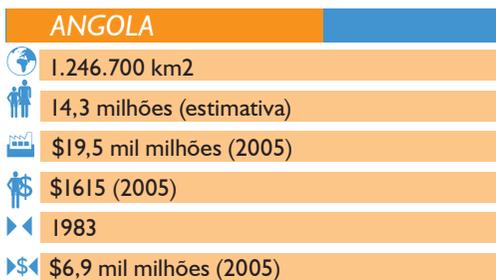
Rita Botelho dos Santos é uma das caras mais conhecidas do Fórum, tendo a seu cargo o Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente, sediado na RAEM.

Nascida e criada em Macau, domina fluentemente cinco línguas: português, chinês, inglês e francês. Quando foi convidada para ser a coordenadora do Gabinete de Apoio ao Fórum - então exercia o cargo de administradora do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais - achou “um pouco estranho”, uma vez que “era algo de abstracto, que partia do zero”. Mas passados estes três anos sente-se gratificada e feliz porque se trata de um trabalho que condiz com a personalidade de alguém que sempre gostou de trabalhar em áreas com contacto com outros países. Por outro lado, sendo macaense, estar neste órgão combina bem com uma pessoa que carrega consigo a cultura portuguesa e a cultura chinesa.

Apesar de algumas dificuldades iniciais, Rita Santos cedo notou que este projecto tinha tudo para ser bem sucedido, dado que houve desde logo uma grande disponibilidade de todas as partes em contribuir para o Fórum: “Tive o apoio de muita gente logo desde o início: da China, dos embaixadores e governos lusófonos, das associações comerciais das nações de língua portuguesa e, claro, do governo da RAEM”.

O facto de a população de Macau, em especial as comunidades de língua portuguesa, ter abraçado o projecto também a satisfaz. “Verifico que as comunidades lusófonas acolheram bem esta iniciativa, até porque lhes dá outra relevância no contexto da RAEM”. ■

## Relações Comerciais China-Países de Língua Portuguesa



- Área
- População
- PIB
- PIB per capita
- ▶◀ Início das relações diplomáticas com a China
- ▶◀◀ Comércio Bilateral com a China

FONTES: Comissão Nacional do Desenvolvimento e Reforma da RPC/ IPIM/ DSES/ Banco Central do Brasil/ Xinhua/ Banco Mundial/FMI

Foto de Arquivo



A MIF mostra as potencialidades de Macau como plataforma económica e comercial

## 11ª Feira Internacional de Macau

### Macau transregional

Este ano, a Feira Internacional de Macau (MIF – Macao International Fair) tem características diferentes. Desde logo, ao contrário do que aconteceu em anos anteriores, não se realizará em Outubro, mas sim entre 23 e 26 de Setembro, na Torre de Macau. E isso acontece com o objectivo de fazer coincidir a MIF com o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa.

Tendo como tema, “Promover a cooperação económica transregional, acolhendo novas oportunidades de desenvolvimento”, a 11ª edição da feira procura tirar proveito de todas as ligações especiais que a RAEM tem, fazendo convergir no território empresários chineses ultramarinos, do Continente e dos países lusófonos.

A FIM ambiciona assim tirar proveito do carácter transregional de Macau, um território que assume cada vez mais o seu papel de plataforma de ligação entre duas dinâmicas de cooperação económica e comercial: por um lado fazendo parte da Região do Grande Delta do Rio das Pérolas; por outro sendo a sede do Secretariado Permanente do Fórum de Cooperação Económica entre a China e os Países de Língua Por-

tuguesa. Neste contexto, as facilidades ao nível das trocas comerciais e investimentos cruzados inscritas no “CEPA – Acordo de Estreitamento das Relações Económicas e Comerciais entre o Continente Chinês e Macau fazem com que a RAEM tenha um ambiente especial para concretizar negócios. É com esta perspectiva que o Instituto para a Promoção do Comércio e Investimento de Macau (IPIM), entidade organizadora do evento, pretende criar todas as condições para um aumento do intercâmbio entre as delegações empresariais presentes. Nesse sentido, além de organizar encontros empresariais, bolsas de contactos e zonas de transacção, o IPIM vai sistematizar uma base de dados – que será disponibilizada na Internet - sobre oportunidades de negócios e novos projectos empresariais que surjam.

No interior do Centro de Exposições da Torre de Macau vão ser colocados 320 stands de exposição, sendo que existirão duas zonas temáticas: o Pavilhão de Exposição dos Produtos de Macau e o Pavilhão de Exposição dos Países de Língua Portuguesa.

Paralelamente vão ter lugar conferências e fóruns de debate, com destaque para o “4º Fórum (Macau) sobre o Desenvolvimento das Empresas Privadas da China”, no qual vão estar presentes empresários e analistas de mercado chineses. ■

Design com

Design com alma

# Design com alma chinesa



Foto cedida por Dora Tam

*Uma revolução silenciosa toma corpo no mundo do design da China. O que está a nascer não é um mero eco do que se passa no mundo mas sim um design com características e alma chinesas*

É nas escolas de *design* da China, de onde saem todos os anos cerca de dez mil *designers* de “canudo” na mão, que está a geração que vai mudar tudo. É a convicção do estudioso de Hong Kong David Lui. Ao fim de 20 anos a produzir para consumo Ocidental, a China quer agora conquistar o mundo com o seu *design*. Os contingentes aumentam nas escolas. Macau e Hong Kong estão na corrida. É uma revolução silenciosa, mas o *designer* australiano Ken Cato avisa: “O que lá vem é um tsunami!”

“Há uma nova geração que está a aprender muito com o *design* japonês e o ocidental e pode agora criar um *design* de características chinesas”, acredita o académico de Hong Kong David Lui que, nos últimos dois anos, tem participado activamente em programas de intercâmbio entre instituições de ensino de Hong Kong e a cidade chinesa de Wuhan.

Para reforçar, o *designer* australiano Ken Cato, com larga experiência no mercado chinês, aposta nos jovens formados no estrangeiro que estão a regressar à China: “Eles farão a diferença!”

Na senda do futuro do *design* chinês, Lui lança outro dado para a mesa: os novos artesãos das cidades chinesas mais remotas. Crê serem esses os detentores dos signos que permitirão criar um *design* de alma chinesa: “Nessas cidades há muita gente a estudar artes. Aí está a ser produzido um estilo mais artístico. Nem se pode dizer que seja *design*, é uma espécie de habilidade. Mas julgo que é nesse tipo de artesanato que está a chave para a revolução do *design*. É só dar um passo em frente”.

O primeiro logótipo do mundo terá sido criado na China há cerca de mil anos



Curiosamente, os trabalhos manuais estão na génese do *design* chinês. O “Livro dos Ofícios” (Kao Gong Ji), o primeiro documento técnico sobre estas artes, findo entre 400 d.C. e 500 d.C., a época em que Confúcio viveu, apresenta as técnicas básicas de produção, os requisitos do *design*. Para o director do Museu de Arte de Macau (MAM), Ung Vai Meng, “o conceito de *design* e criação dos tempos antigos estavam claramente definidos” neste livro, assim introduz o tema do *design* no catálogo da exposição “Trabalhos da China”, com obras de *designers* chineses e de Macau, que integrou a 22ª Bienal Internacional de *Design* Gráfico, Brno 2006, na República Checa.

Ainda que o primeiro logotipo do mundo tenha sido criado na China durante a Dinastia Song, época de intensa actividade comercial no país, há cerca de mil anos, o coordenador do curso de *design* do Instituto Politécnico de Macau, Stephen Chung, lembra que essa não é a história do *design* moderno, que tem cerca de cem anos de existência: “Era uma fase em que a China estava mais fechada ao exterior e pouco desenvolvida”. O isolamento teve as suas consequências e o conceito moderno só entrou no país em meados dos anos 80.

Foi ainda na China que surgiram as primeiras impressões a cores, mas Ung garante ter sido Hong Kong o primeiro palco do *design* da China. A região pretende agora afirmar-se como a grande plataforma do ensino da disciplina no País.

## Um mercado apinhado de esperanças

As atenções centram-se de facto na educação. Nos últimos anos foram criadas, no Continente, em Hong Kong e em Taiwan centenas de cursos de *design* e disciplinas integradas em cursos de gestão, bem como programas de apoio a empresas para aprofundamento dos conhecimentos nesta área. Em Macau, apenas o Instituto Politécnico oferece licenciatura em *design* formando alunos na área de multimédia

Foto: Revista III



O Instituto Politécnico de Macau formou 42 *designers* este ano lectivo, quase o dobro de 2005

e *design* gráfico, de interiores, de produto, de moda. O primeiro curso foi criado em 1994, assegura a professora de *design* do IPM Ada Tam.

Existem mais de 400 escolas de *design* na China. É sobretudo nas instituições de Xangai, Pequim, Cantão e Shenzhen que estão ser formados os novos contingentes. A Academia de Belas Artes de Cantão mudou-se para um edifício de oito andares, com capacidade para 3000 estudantes de *design* industrial, cinco vezes mais do que a sua anterior capacidade.

*signers* de Hong Kong, no ano lectivo de 2003 só o Instituto de Educação Vocacional daquela região formou 1306 *designers*, embora a um nível não superior. No ano seguinte o número escalou para 1413.

O Governo Central não pára de investir, criando bolsas de estudo e incentivos para jovens em início de carreira. O *design* está na moda. “Está a fazer-se literalmente tudo para apoiar a disciplina”, garante David Lui.

Em Macau, o nível de adesão ainda é mais notório. Em 2005, os alunos do IPM le-



Desde que a Universidade de Hunan abriu a primeira escola de *design* em Changsha há 24 anos, não param de surgir cursos. Se em 1990 apenas 12 universidades tinham departamentos de *design* industrial, em 2002 o número subia para 300, com mais de 900 cursos a nível superior. São números que terão sido apontados, em 2002, na primeira Conferência da IDSA (*Industrial Designers of America*), em Pequim, sobre o Ensino de *Design*.

Em Hong Kong, onde 11 estabelecimentos de ensino incluem a disciplina no seu currículo, a oferta não é menor. A região revela-se generosa até ao nível de cursos de formação profissional. Segundo os dados fornecidos pela Associação de De-

varam para casa 22 “canudos”, este ano o número quase duplicou - 42. “A nova geração está muito interessada no *design*, sobretudo no gráfico”, diz Chung. No IPM o intercâmbio com Hong Kong anda sobre rodas, garante Chung.

O aumento de trocas entre instituições de ensino de Hong Kong e do Continente é uma realidade. “São muito importantes porque o *design* é ensinado de formas diferentes”, diz Lui. Encontra semelhanças entre o modelo de ensino daquela região administrativa especial e o ocidental, onde o processo criativo e de desenvolvimento de conceito é sublinhado. No Continente, enfatiza-se a capacidade de gestão de clientes e o trabalho em equipa.

Com este intercâmbio, se os chineses do Continente vão tacteando melhor os conceitos modernos, os hongkongers assimilam mais a cultura chinesa, cujo potencial ainda está por explorar. Países com uma forte tradição cultural como a Índia e a China “têm mais condições para produzir um bom *design*”, sublinha Lui. Chung põe Macau no mesmo saco: “A cultura é uma mais-valia.”

### Oriente com história para uma mais-valia cultural

Mas quando se pensa em mercado global, a cultura sem a devida estilização pode acabar por ser uma grande armadilha. Muitos empresários chineses acreditam que irão conquistar a bolsa do mundo com um *design* “muito vermelho”. Que o diga o famoso *designer* de Hong Kong, Tommy Li. Por vezes, os seus clientes do Continente querem uma imagem “muito chinesa” na abordagem ao mercado externo. “Assim não alcançam sucesso”, afirma Li, convencido de que os chineses terão de atravessar o mesmo deserto que os nipónicos percorreram. Tudo para encontrar o oásis: a alma do *design*.

Os japoneses primeiro copiaram, depois passaram duas décadas a limpar o nome e hoje em dia são um sucesso. Também eram muito nostálgicos nos anos 60, mas “souberam esculpir e encontrar um estilo global, simples e com a sua alma”. Implantar o *design* chinês no mundo significa criar um choque no mercado, “ser muito contemporâneo”. Li acredita que o *designer* tem de pensar no mercado e não tanto em estilos.

Com clientes em Pequim e Cantão, o famoso *designer* de Hong Kong Tommy Li

nunca abriu um ateliê na China, onde as rendas e a força de trabalho são muito mais baratas do que na região administrativa especial. Aí mesmo, onde a mão-de-obra chinesa especializada aufere menos de metade do valor dos salários da congénere de Taiwan e de Hong Kong. Todavia, Li, no comando de um ateliê a operar em áreas tão diversificadas como o branding, o *design* gráfico, de interiores ou de produto, não faz esse voo de cegonha porque “o ambiente de trabalho é importante e as condições de negociação mudariam pois seria tratado como um empresário local”. Na China, os profissionais têm dificuldade em impor-se. O académico de Hong Kong David Lui analisa ao detalhe: “A verdade é que terminam o curso e trabalham durante dois anos para grandes empresas. Depois, abrem o seu próprio negócio e conseguem manter o mesmo salário tendo apenas um ou dois clientes.” Por não terem tanta experiência ao nível técnico e da gestão, correm o risco de comprometer a qualidade do seu trabalho.

### Macau com o *design* cada vez menos dividido

Liderado por profissionais de primeira água como o macaense Victor Marreiros ou James Chu, o *design* cultural, sobretudo o gráfico, é muito preponderante em Macau. O primeiro é funcionário do Instituto Cultural e o segundo trabalha no Museu de Arte. Ambos são funcionários do Governo, “tendo, por isso, uma liberdade acrescida na criação”, frisa Li. Já os profissionais que actuam na área comercial enfrentam sérios obstáculos: como o mercado é pequeno, na luta para manter os poucos clientes disponíveis, com-

prometem a qualidade. Esta é a visão de Tommy Li, de uma forma genérica. Mas em Macau, o cenário começa a mudar de figura e os jovens parecem ser os mais interessados nas novas oportunidades.

Empoleirada no balcão do seu stand, um dos 42 que animaram em Julho a III Exposição de Finalistas da Escola de Artes e *Design* do IPM, Vanessa Cheah é freelancer do mundo da moda há alguns anos. Desenhou os uniformes dos Jogos da Ásia Oriental 2005 e já prepara a pena para assinar os modelos dos 1<sup>os</sup> Jogos da Lusofonia, em Outubro. Aposta no futuro dos *designers* de moda em Macau: “O mercado evoluiu muito”; “por causa da liberalização do jogo”, justifica, por seu turno, a professora Ada Tam, frisando a crescente procura de *designers* gráficos e de multimédia em Macau.

É provável que a disparidade de qualidade entre o *design* cultural e o comercial diminua. Na esperança disso mesmo vive Keith Lei, outro finalista do IPM. Tem uma apetência natural para o *design* cultural, mas tem energia para abraçar o desafio do comercial. No seu trabalho descobre-se a iconografia de Victor Marreiros que nas suas raízes - chinesa e portuguesa - busca a matéria-prima de um *design* com pronúncia contemporânea, decifrando códigos que influenciam duas gerações de *designers* na região. Lei milita na mais recente. Para o seu trabalho final de curso desenvolveu um conceito com raízes no legado histórico de Macau, para criar a identidade do património da região: “É um passado único no mundo: são cerca de 450 anos de partilha entre portugueses e chineses”.

Stephen Chung e Tam descobrem nos seus alunos um novo olhar sobre Ma-

My Concept &  
Inspiration comes  
from the culture of  
the late 60's and  
70's.

The 19  
any  
60's  
h

*Designer de moda, Vanessa Cheah acredita nas oportunidades do renovado mercado de Macau.*

cau, sobretudo desde a inclusão do Centro Histórico de Macau na lista do Património Mundial da UNESCO, em 2005. “Atribuem-lhe mais importância, que já é fonte de inspiração”. Comparativamente aos estudantes de Hong Kong, têm mais matéria-prima para apurar o cozinhado de ideias, adianta o mesmo responsável. Apesar dos ecos da mudança no mercado local, os *designers* de Macau, de uma forma geral, mantêm o tom do lamento. Alguns falam de clientes inexperientes à espera de serem surpreendidos. Contudo, sentem também o desconhecimento que estes têm do *design*. No jogo das diferenças entre Macau e o Continente, este continua a ser mais um traço comum às duas partes: o problema do cliente.

## Ocidentais com mais liberdade na China para criar

Existem muitos problemas a ultrapassar até o produto “*designed in China*” se impor. Mas o futuro é auspicioso, acredita o *designer* francês Romain Vauchez. Chegou a Hong Kong há quatro anos com a mulher e já tem um filho “*made in China*”. Trabalha numa empresa estrangeira, numa fábrica em Shenzhen, uma cidade que fica a pouco mais de uma hora de distância de Macau. Vauchez tem ambições e já se lançou como freelancer em Hong Kong na área de *design* gráfico, de produto e até da prototipagem. Concebe com o mesmo rigor um cartaz, um relógio ou uma mala. Acalenta um sonho: “Ter o maior ateliê de *design* da China”. Veio para ficar porque aqui tem “mais liberdade de criação”. Vauchez concorda com o colega Mathiew Charlier, com morada na China há seis anos, quando este diz: “Aqui há mais responsabilidades e um nível maior de exigência. Em França, não atingiria os objectivos tão rapidamente, nem seria assim bem compensado num tão curto espaço de tempo por um esforço maior.”

Nos últimos anos, a China tem contratado *designers* ocidentais e de Hong Kong para criarem produtos do agrado do mercado global. Também o Ocidente tem enviado as suas “tropas” para conhecer de fio a pavio o maior mercado do mundo. Foi o caso da Volkswagen de Xangai, que teve de pedir autorização à empresa-mãe para alterar o interior de um dos seus modelos. Aquilo que pode ser mais apelativo ao gosto sino poderá resultar num flop no Ocidente.

Até agora os chineses não têm torcido o nariz ao que vem de fora, mesmo que não seja concebido a pensar nos seus atributos. Mas é sol de pouca dura, acredita o professor de *design* de Hong Kong, David Lui, garantindo porém que os chineses continuam a consumir os produtos pensados para o Ocidente: “Dão a volta ao mundo e acabam também nos escapara-

tes de Hong Kong”, a grande metrópole das compras do Extremo Oriente. Uma ironia do destino.

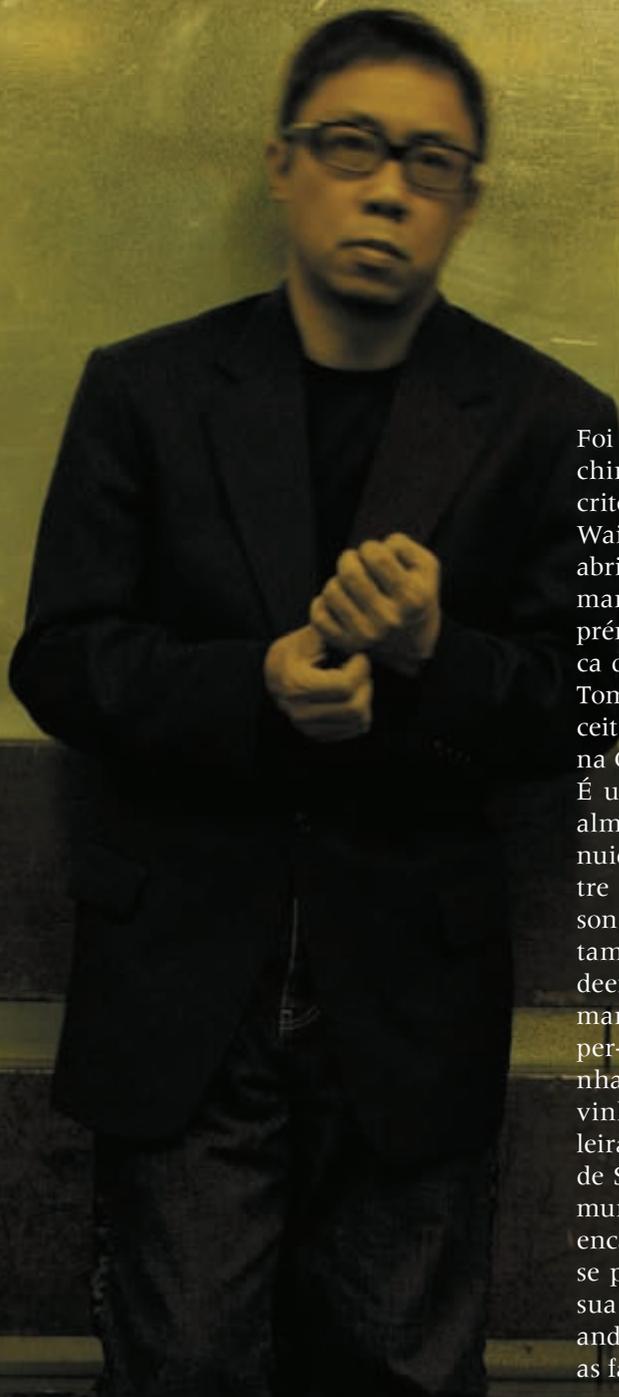
Apesar dos resultados positivos do esforço a poente, o *designer* australiano Ken Cato, um *habitué* do mercado chinês, não vê o Ocidente a preparar-se para dar resposta à revolução do *design* na China, que se arma em várias frentes.

O *design* é sem dúvida a chave para entrar no mercado global. Mas antes desta revolução estalar, os chineses têm que encontrar a alma do *design*. É uma corrida ao ouro. Para trás fica “o made in China”, que já não doura o cartão de visita do grande Império do Meio. A Gata Borracheira que laborava noite e dia fornecendo o grande Ocidente com os produtos “made in China” é agora uma bela princesa, ganhando o Vietname ou mesmo a Tailândia o estatuto de novas cinderellas, quais motores renovados da produção do mundo.

O futuro é auspicioso. Se Tommy Li vê nos chineses os diamantes do *design* do devir, os *designers* franceses Mathiew Charlier e Romain Vauchez admitem ser surpreendidos de ora em quando por algum trabalho, mas apontam o dedo a alguma falta de criatividade. Já Ung Vai Meng considera que os profissionais ocidentais nem sempre compreendem os signos da cultura oriental, falhando assim a sua percepção do nível de profundidade do desenvolvimento do conceito dos *designers* na China, “onde afinal foi criado o primeiro logótipo do mundo”.

David Lui tem fé nas futuras gerações, como Ken Cato, para quem a revolução do *design* chinês já está em curso. Mas os estudiosos apontam para um atraso de 20 anos, embora defendam que não serão precisas duas décadas para apanhar o comboio. Como Cato, muitos acreditam que o país vai mudar muito mais e que o *design* de alma chinesa conquistará o mercado dentro de dez anos. ■

# O consultório do doutor Tommy Li



Foi numa antiga fábrica chinesa feita edifício de escritórios na zona de Chan Wai, em Hong Kong, que abriu o seu consultório de marcas. Com mais de 500 prémios ganhos em cerca de 20 anos de carreira, Tommy Li é hoje um conceituado nome do *design* na China e no Japão.

É um enfant terrible com alma de artista e a ingenuidade de quem vive entre o mundo real e o dos sonhos. No seu ateliê habitam fadas e duendes, candeieiros de cabeleira afro, marionetas de corda e super-heróis de banda desenhada. Há garrafas de bom vinho a decorar as prateleiras e cartazes do Ayrton de Senna nas paredes. É o mundo das memórias de encantar de Tommy. Ali se passeia pelo detalhe da sua imaginação. Em dois andares sobem e descem as fantasias de Tommy Li.



No ateliê do famoso designer de Hong Kong, Tommy Li, os projectos são encarados de forma global.

“Gosto de pensar que sou uma espécie de médico de marcas”. Os clientes, que vêm do Japão, de Pequim e até de Macau ficam na sala de espera, porque Tommy tem uma agenda muito preenchida e na sua empresa trabalham apenas nove designers e três assistentes. “Não quero que o ateliê cresça mais para assim poder man-

ter o mesmo espírito de trabalho”. Quem lhe bate à porta conhece este furacão de ideias e “espera ser surpreendido”. Gosta de criar uma revolução nas marcas e obrar profundas operações de marketing e design.

Primeiro, faz o diagnóstico e os argumentos afiados como bisturis completam a

prescrição de sucesso com aparentes margens de riscos. Mas a visão é microscópica e certa. O coração é de artista, mas o cérebro de Tommy Li é muito científico. É sobretudo na área de *branding* que opera, mas também faz *design* de produto, gráfico e até de interior, “porque o *design* é tudo”.

Decorado como se fosse a sua própria casa, o ateliê de Li tem o conforto de uma segunda morada. “Podem ligar-me às duas da manhã e é possível que ainda esteja a trabalhar”. Na companhia de bustos de Mao Zedong, que coleciona há muitos anos, a arte das esculturas e das pinturas, Tommy mergulha num mundo que o inspira e é redoma desta filosofia de trabalho muito pessoal, entre a oriental e a ocidental. Afinal, nasceu em Hong Kong mas estudou no Reino Unido. “Fiquei em Hong Kong porque era aqui que queria criar”.

Os seus *designers* são chineses, jovens e neles se renova o mesmo entusiasmo pelo trabalho. Criam entre aquários de peixes e sereias, livros de *design* e postais com imagens de Miró, um dos pintores modernistas fundamentais para o *design*. É nesse ambiente que se inspira Tammy. Trocou o estirador da faculdade pelo ateliê de Tommy há quase quatro anos. “Gosto especialmente de *branding*, de poder trabalhar uma marca, criar a sua identidade, as embalagens, todo o seu mundo de comunicação”. Tammy está a terminar o projecto dos cosméticos japoneses Pro-says. “Foi um ano e meio de trabalho” a criar embalagens, cartazes, identidade e tudo mais, do rabisco à maquete. Agrada-lhe o resultado final porque conseguiu inovar. Onde é que iríamos encontrar uma marca de cosméticos com imagem a preto e branco? Agarra com orgulho numa das embalagens e lança no ar uma pergunta retórica: “Não parecem cosméticos, pois não?” Nas suas mãos já pesa outro projecto: uma joalheria da China continental. “A opção foi por um *design* mais feminino e romântico”. Não foi fácil convencer o freguês chinês, mas Tammy lutou muito para fazer vingar a sua ideia e, de resto, o contacto com o cliente foi

“surpreendente” porque tem uma mente aberta. Mais até do que os japoneses, que são conservadores, dispara Tommy Li, que tem um segundo “consultório” à pinha em Tóquio vai para cerca de dez anos. É certo que marcam a toada das modas no Oriente, estando no entanto muito limitados à sua própria linguagem, ao *design* que criaram e se demarcou há algumas décadas. Pretendem apenas desenvolvê-lo mas nunca mudá-lo: “Os clientes japoneses e chineses são muito diferentes. Os primeiros querem o melhor, são conservadores. Têm experiência. Os clientes chineses esperam algo diferente de nós, *designers* de Hong Kong”.

O cliente tem alguma dificuldade em comunicar as suas intenções e “gosta que os seus produtos tenham um estilo chinês”. Mas algumas horas com o doutor Li e as ideias clarificam-se: “São sensíveis, o que exige algum cuidado no trato”. Mas algumas horas com o doutor Li e mudam de ideias: “São sensíveis, o que exige algum cuidado no trato”.

Não se pode olhar para a China de um só ângulo: o mercado é diversificado. Um dos mais interessantes é o dos adolescentes. Numa campanha que desenvolveu para rejuvenescer a imagem do metro de Hong Kong, o conhecido MTR, Tommy Li criou dois personagens para apelar a um público mais jovem. É a influência da cultura japonesa do “kid-cult” que está na moda na China. Há uns anos, Tommy teria recorrido a celebridades para fazer passar a mensagem, “mas hoje essas pessoas só são notícia pelos motivos errados”.

O *design* de Tommy Li tem a marca do Ocidente e do Oriente, embora seja a contemporaneidade o denominador comum do seu trabalho. No seu ateliê estão a ser preparados projectos ligados à moda, ao *design* de interior. Joshua, Doris e Katie, a mais jovem *designer* a trabalhar para Tommy, com apenas 22 anos, são alguns dos seguidores desta metodologia de trabalho familiar mas global. Ali, entre o Ocidente e o Oriente, vão definindo também eles o *design* de amanhã. ■



## Flextronics Design... ou engenharia?

A Flextronics é a líder no *design* industrial e fabrico de produtos electrónicos e equipamentos de telecomunicações para as grandes marcas. Com parques industriais no Brasil e na China, criou há quatro anos um centro de *design* na cidade chinesa de Shenzhen. Mas será que é mesmo a criatividade do *design* que comanda as operações do novo centro? A revista **MACAU** visitou o local e tirou a prova dos nove numa conversa com Kevin Ko, o director da *Flextronics Design* naquela região vizinha de Macau.

### **A operação da Flextronics ao nível do design na China é recente...**

*No início, trabalhámos ao nível da produção. Há cinco ou seis anos os clientes começaram a solicitar um maior leque de serviços para além do fabrico, sobretudo ao nível do design. Hoje em dia, estamos a tentar fazer tudo, do design industrial à logística.*

### **Mas na Flextronics Design de Shenzhen trabalha realmente uma equipa de designers?**

*Não. Neste centro de design da Flextronics trabalham engenheiros. Na verdade, nem sempre o que os clientes pretendem com o seu design pode ser concretizado. Estreitamos a colaboração para os nossos engenheiros ajudarem o cliente a encontrar uma solução viável para o seu produto.*

*Muitos dos nossos compradores gostam de controlar o design dos seus produtos. A maior parte dá-nos o projecto e nós encontramos uma solução para o produto ao nível da engenharia.*

*Apesar da designação Flextronics Design, a operação não passa pelo design.*

*Tudo depende de como define design mas de facto não somos nós que definimos as características do produto...*

*Porém, trabalhamos com designers em Itália e outros países do mundo.*

### **Quais são os vossos clientes?**

*Temos os grandes clientes na área de tecnologia informática, como a Microsoft. Temos outros de vários países, como a China Continental e Singapura. ■*

Nasceu em Macau, aqui se formou e trabalhou mas foi no Canadá que amadureceu a sua arte: o *design*. À distância, Wilson Lam está de olhos postos na China. Tem tudo para vencer nesse mercado: é chinês e conhece o mercado da América do Norte, o alvo preferencial dos chineses.

Foi há 30 anos que tudo começou. A publicidade era ainda um terreno virgem em Macau mas o ainda adolescente Wilson Lam fez desta o seu ofício. “Não precisava de ter um curso”, e assim passou logo à qualidade de estagiário. Passados alguns anos montou o seu próprio negócio. Tinha uma boa carteira de clientes mas a sua mais-que-tudo rumou a Toronto, no Canadá, e Lam decidiu embarcar na aventura. Tudo por amor. Mais do que começar de novo, teve de ir estudar *design* para competir num mercado de trabalho mais evoluído. “Não sabia falar inglês. Foi muito difícil”.

Lam não queria ir trabalhar para a Chinatown de Toronto. Também não poderia entrar nos quadros de uma empresa. Tinha experiência mas não o diploma. Nem hesitou: entrou na universidade e terminou o curso. A experiência fez-se notar e Lam conseguiu arranjar emprego. Dez anos depois de ter montado o seu negócio em Macau, abria um ateliê de *design*. “Custou mas valeu a pena porque aqui trabalha-se num meio muito profissional. Aprendi muito”.

O *designer* admite que se não fosse por amor ainda hoje estaria em Macau, aonde tenciona voltar um dia. Por agora está muito interessado no Continente. Sabe que o conhecimento do mercado da América do Norte e as raízes chinesas podem abrir as portas da China que pretende afirmar a sua imagem além-fronteiras, o seu *design*. “Esse será o meu próximo passo”, garante. ■



Foto cedida por Wilson Lam

de olhos postos na China

# A montra do *design* de Macau

Uma das formas que os *designers* de Macau encontram um mercado para os seus produtos e serviços é abrindo lojas. *Dora Tam Design*, *Lines Lab Perfect Life*, *Furniture & Decoration* são alguns exemplos.

Dora Tam montou a primeira loja há quatro anos. Com os escaparates enfeitados de criações suas e de outros *designers*, sobretudo europeus. Jean Cocteau, de França, Ritzenhoff, da Alemanha, e Cutipol, de Portugal são algumas das marcas que destaca do seu catálogo.

Dispostos no centro da loja estão os exposito-

res de vidro, como se de um museu se tratasse. Por detrás do vidro reluzem as suas jóias e os brindes que cria para empresas e para o governo. São peças que deverão entrar no mercado europeu muito em breve. Tam tem exposto duas vezes por ano em Paris “e a resposta é tão boa” que está a planear vender por lá a sua marca.

No início, a maioria dos seus clientes eram portugueses. Macau progrediu e naquela loja, junto à Sé Catedral, desaguam agora rios de turistas prontos a pagar por lembranças com assinatura. “Os japoneses, por exemplo, apreciam muito as minhas jóias, mas os chineses nem tanto”. Talvez seja por serem de prata. O ouro é o seu metal de excelência.

*Dora Tam é uma das designers de Macau que aposta no mercado internacional.*



Design de Interiores - Perfect Life

Dora Tam tem outra loja na Taipa, uma das ilhas de Macau onde muitos escolhem residência, onde Jackie Che decidiu também abrir uma loja. Era gráfico mas apaixonou-se pelas três dimensões, mais precisamente pelo *design* de interiores. Decora ao gosto chinês casinos, escritórios e até apartamentos. “A loja funciona como uma espécie de isco para clientes particulares”, explica Annie Mak, assistente de Che. Primeiro, criaram o escritório e depois o espaço para a venda de artigos de decoração, peças que Che encontra em países como a Tailândia ou o Vietname. Curioso é o facto desta loja, a *Perfect Life*, servir um mercado tão diversificado. “Os melhores clientes da loja são os portugueses, mas decoramos a casa dos chineses. Na área empresarial, trabalhamos com vários casinos”.

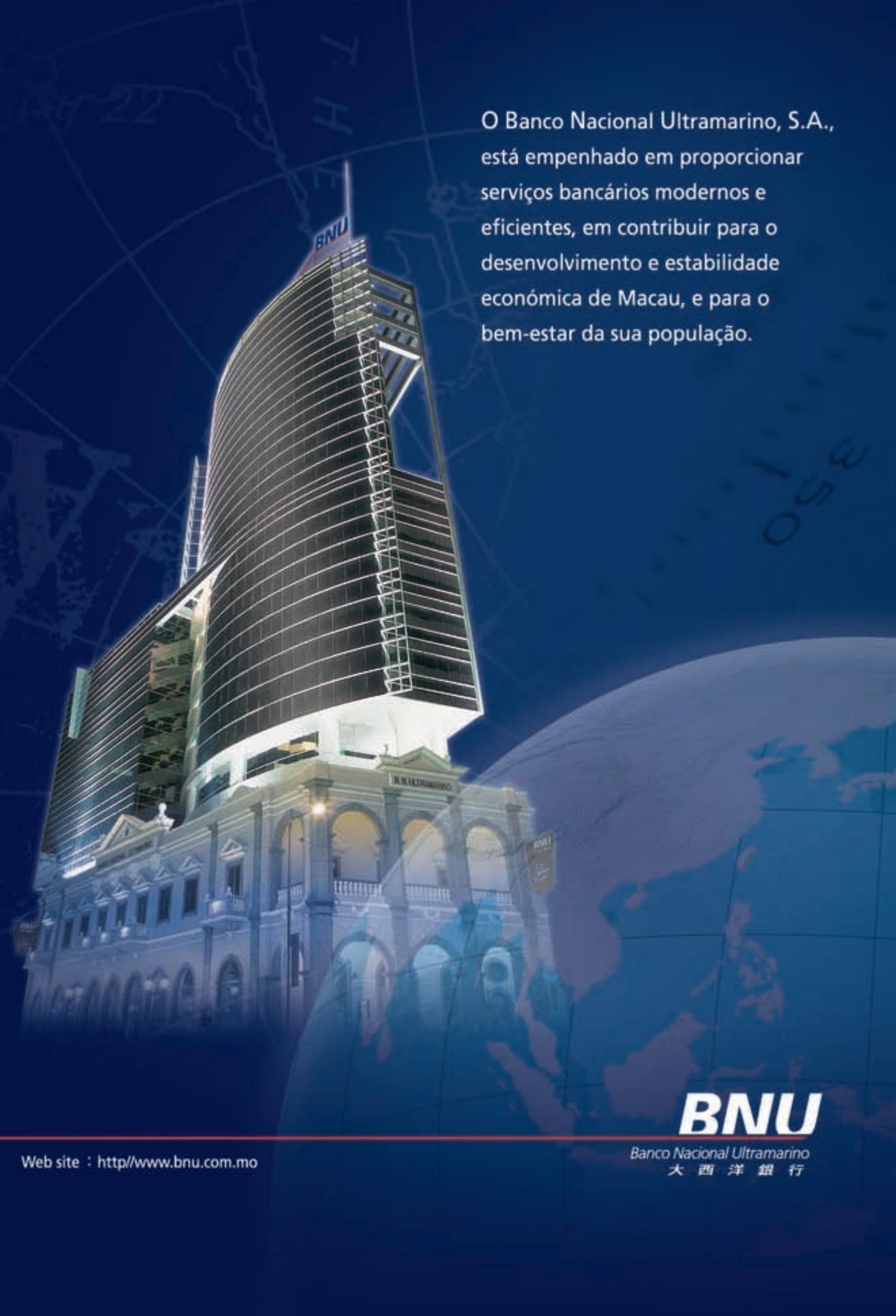
Ao contrário da *Dora Tam Design*, muitos dos artigos expostos – alguns bem curiosos – são “*made in China*”. O negócio é lucrativo e não é sustentado pela empresa de *design* que funciona nos bastidores. A China é um dos mercados preferenciais de Che, onde já tem alguns clientes. “São trabalhos que fazemos através de contactos de amigos”, Muito mais contemporânea, a *Lines Lab* fica localizada na zona dos Tin-Tins, na zona antiga da cidade. Pertença de *designers* portugueses, tem uma orientação mais contemporânea. É mais do que um mero “expositor” da sua arte, sendo janela para os criadores chineses de Macau. Manuel Correia da Silva é um dos nomes deste projecto e, apesar de estar dedicado ao mercado local, pretende também alvejar outros como o do Continente. O *designer* está em contacto com alguns fabricantes e existem planos para produzir algumas das suas criações na área do *design* de equipamento e de interiores: “Já estou na fase de prototipagem”. ■



Design de Produto - Lines Lab



Equipamento Urbano - Manuel Correia da Silva



O Banco Nacional Ultramarino, S.A.,  
está empenhado em proporcionar  
serviços bancários modernos e  
eficientes, em contribuir para o  
desenvolvimento e estabilidade  
económica de Macau, e para o  
bem-estar da sua população.

Web site : <http://www.bnu.com.mo>

**BNU**

Banco Nacional Ultramarino  
大西洋銀行

*Eles são os pequenos reis desses pequenos reinos que são as mesas de jogo dos casinos. São os croupiers, uma profissão cada vez mais na moda, mas para a qual não se nasce ensinado. Primeiro, há muito que aprender*

Estão algures entre a amante caprichosa e o psicólogo da bisca. Sabem os códigos, os vícios, as superstições, sobretudo as forças e as fraquezas do jogador. Escolheram ser *croupiers* (ou *dealers*, em língua inglesa) pela mais rasa das razões: o dinheiro. Agora, do outro lado da mesa, acreditam que conquistaram o seu lugar

peçoal de cada um". Depende das características de comportamento, do feitio, da cooperação com outros colegas. A formação teórica é importante mas talvez mais importante é saber trabalhar em equipa. Na sala de formação, uma imensa réplica de casino, António Lei, ao lado de Peter, subscreeve. Diz que é tudo uma questão

de carácter. "Depende de como são feitas as pessoas que aqui

## O outro lado das cartas

ao sol. Só que o sol quando nasce não é democrático.

Peter Cheong, coordenador do curso de *croupiers*, do Centro de Formação do Turismo e do Jogo, na Taipa, começa por fazer uma ressalva – "o segredo para ser bom profissional não é apenas a *skill*, a capacidade, mas parte também da formação

chegam". "É preciso ver se têm potencial. Se não demonstrarem esse potencial, isso também não quer dizer que não possam vir a trabalhar no casino". Há sempre alternativas. "Podem ir para os serviços administrativos, podem ser caixas... Mas nem toda a gente tem o perfil adequado porque há características essenciais".



O sector do jogo é o maior empregador da RAEM. O salário de um croupier pode atingir as 30 mil patacas ou 3750 dólares norte-americanos

Money Loi, directora de Operações do casino *Waldo*, do grupo *Galaxy*, concorda com o formador. Salienta a capacidade diplomática do *croupier*, a faculdade de improvisar e de gerir conflitos. “Precisamos de gente com alguma experiência nas mesas para acalmar algum jogador que esteja mais exaltado, que consiga gerir os problemas. Por exemplo, se há cartas a mais nas mesas é preciso verificar isso tudo!”. “Têm que ser pessoas calmas, capazes de apaziguar qualquer conflito que aconteça durante o jogo”, retoma António. E com “uma aparência cuidada”, ainda segundo Money, “porque ter uma aparência cuidada, um bom aspecto, sorrir, é muito importante. No fundo, ele representa não

apenas o casino, mas também Macau”.

“É claro que muita gente ambiciona ser *croupier* por causa dos salários, que são mais altos do que em qualquer outro lado”.

Quem conseguir trabalhar como *croupier* pode atingir um rendimento mensal de 20 ou 30 mil patacas (2500 ou 3750 dólares norte-americanos) por mês. “Basta conseguir um lugar num casino. Basta conseguir essa oportunidade”, simplifica António. Só assim se compreende a adesão que a profissão suscita.

O Centro de Formação tenta responder às expectativas. São 180 horas repartidas por um período de quatro meses com ensino de línguas, inglês e mandarim, informática, e a formação técnica. Além

disso a Universidade de Macau criou um curso de Gestão de Jogo que tem este ano os primeiros licenciados. Um curso muito procurado, sobretudo por alunos da China Continental e que conta com professores de Las Vegas e Nevada.

Nesta fase, o Centro de Formação do Turismo e do Jogo aposta no ensino de vários jogos de casino, em especial, *baccarat* e *black jack*. O centro dá ainda formação no domínio do chamado “*customer service*”, o tratamento que é dispensado ao cliente.

“A parte de ‘*general knowledge*’ é essencial”, explica, Peter. “Muitos dos candidatos que aqui chegam possuem apenas o mínimo recomendável, e é preciso dar-lhes alguma formação no domínio do inglês, do mandarim, ou da informática”.

Na escola de *croupiers* ensinam que o importante é o trabalho de equipa para que o jogo decorra de modo suave, sem confusão”, explica Money, e “depois, o *customer service*”. Para além das maneiras é importante não confundir ou exaltar o cliente; “evitar gestos estranhos na distribuição das cartas”, é uma regra cardeal.

## O estigma de Ícaro

Tal como é um exercício de inteligência o rendilhado que o *croupier* tece em redor do cliente. E depois, conservá-lo imobilizado naquela teia branca, emocional, entre o abandono da mesa e a obsessão do azar, siderado na simpatia circunstancial, cativado pela confiança profissional e dominado pela encenação. A gestão dessa hipnose é um processo arriscado, feito de cálculos e ponderações, construídos em gestos e maneirismos estudados, até que, no fim, o *croupier* leva a sua carta a Garcia.

Da distância depende o sucesso. É essencial cultivar uma simetria discreta entre os dois. A aproximação excessiva seria fatal, como Ícaro, outra vez, derrubado pelo sol. “É imperioso manter as distâncias”, avisa Money. “Fazemos alguma conversa, sobre o tempo, sobre a comida, de onde vêm os clientes, o que acham de Macau, e esse tipo de histórias. Falamos durante alguns segundos. Se for preciso explica-



Money Loi: “Ter uma aparência cuidada é muito importante”

mos como é que o jogo funciona mas ficamos por aqui”. Se o cliente ganha, “partilhamos o entusiasmo. Dizemos qualquer coisa como ‘oh, é um homem com sorte, estou a ver!’”. Já quando o cliente perde? “Nunca podemos sorrir. Nunca! É uma regra de ouro. Temos que apoiar o cliente! Têm sempre que sentir que têm razão em estar revoltados, e têm que se sentir apoiados por nós. Temos que lhes fazer sentir o nosso apoio e dizer-lhes palavras de encorajamento, que para a próxima será melhor”. Também por uma questão estratégica, de fidelização do cliente.

Amizade é palavra proibida. “Se não”, observa agora Peter apontando para o ar como que a indicar a presença de uma câmara de vigilância, “pensam que estamos a ajudá-los, que andamos aí pelo casino a fazer-lhes descontos nas bebidas e ajudá-los no jogo”. Em situações extremas, de desespero, em circunstâncias quase terminais, cessa o contrato de assistência. “Se os clientes chegam a um estado de desespero, que é que podemos fazer? Não podemos fazer nada. Não saberíamos como! Além de que não somos assistentes sociais. E também não podemos estar no casino e a uma certa altura aconselhá-los a não jogar”, esclarece o formador.



Em três anos, o Governo espera triplicar o número de croupiers dos actuais 12 mil para 36 mil

## Razão e superstição

Estas são as situações limite que, por contágio, podem afectar também a estrutura emocional do *croupier*. Levá-los à depressão continuada que os faz pensar duas vezes, desanimar, até que abandonam. “Se um *croupier* está com problemas pessoais, se é mais depressivo, se tem muito trabalho, se enfrenta situações de grande alteração, tento falar com ele, tento acalmá-lo, compreendê-lo”, adianta Money. Estes casos de angústia emocional acontecem com mais probabilidade em determina-

do tipo de jogadores, que trazem a Macau “outro modo de jogar”, observa Peter. Tudo depende do tipo de jogador. Há os que são “mais discretos, mais gentis na maneira como jogam”, ao passo que outros “são mais rudes, mais agressivos no jogo”. Há que aprender a lidar com esse tipo de jogadores, sobretudo quando perdem. Falam alto e nós temos que aprender a lidar com isso. Às vezes perdem tudo e endividam-se”.

Peter ensaia um perfil do jogador-tipo. “Muitos jogadores que aparecem são pequenos comerciantes, gente que trabalha



nos serviços. Não são aqueles camponeses que mal têm dinheiro para comer". Mas os *croupiers* são profissionais da indústria do jogo "e os clientes têm de estar conscientes do que devem ou não devem fazer. Não somos nem psicólogos nem assistentes sociais", repete.

A sombra da morte, que a precariedade do jogo sublinha, é uma refracção do imaginário de Las Vegas, das paisagens desumanizadas dos grandes casinos, dos néones e do "fake", das *vendettas* e do deserto, o território derradeiro do deve e haver de casino. Os casos de desespero

coroam um estado de espírito que muitos clientes já levam para a mesa de jogo. Em muitos casos o jogo "é uma questão de vida ou de morte". "Joga-se com a vida nas mãos, e muitos nem sequer querem saber de 'customer service'. Querem chegar e ganhar, logo, ali". Ao contrário de Las Vegas, onde "os clientes preferem as *slot machines*, em Macau jogam mais *baccarat* ou *black jack* porque isso lhes assegura dinheiro na hora".

A obsessão pelo jogo chega a roçar o domínio da pura irracionalidade. Não é que na hora de apostar "a vida ou a morte", a razão



Foto cedida pelo Grupo Galaxy Resorts

A maioria dos candidatos possui apenas as condições mínimas para exercer a profissão. O Centro de Formação de Jogo do IPM garante-lhes a formação e cria-lhes o espírito de equipa

venha explicar as razões que o impulso desconhece mas onde a lógica do acaso poderia dominar é substituída, no fim das contas, pela mais religiosa das superstições.

“A partir de uma certa altura, começam a entrar no casino por uma das portas laterais”, exemplifica António Lei. “Houve lá um dia que ganharam muito dinheiro então convencem-se que foi por terem entrado por aquela porta. A partir daí passam a entrar sempre pelo mesmo sítio”. Ou, em vez da porta, escolhem “sempre o mesmo *croupier*, ou vestem certas roupas, não lavam o casaco ou a camisa que tinham vestido daquela tal vez”, ou então, ávidos leitores de almanaques, “jogam a determinados dias ou a dadas horas do dia”.

## Vencer a maldição

Todas estas alquimias do casino constam do programa de formação dos aprendizes de feiticeiro. Nem todos passam no teste, porém.

Joe, 30 anos, é um peixe de águas profun-

das. Atira um ar de quem se sente o rei do casino. Estende a mão com voluntarismo, cumprimenta com firmeza, e explica-se como quem domina as subtilezas do mundo do jogo. E domina. “O meu *hobby* é coleccionar certificados, graduações. Sou PR [*Public Relations*] no casino, trabalho também nas salas VIP”, mas achava que precisava de ter mais conhecimentos sobre outras áreas, “sobre como é que as mesas funcionavam”.

Se já é entendido, Joe pretende tornar-se um especialista. “Ando nos casinos há vários anos”, explica. É uma herança que recebeu da família, como que uma maldição sublimada do outro lado da mesa. O pai, um chinês indonésio, perdeu fortunas no casino e foi isso que talvez tenha imunizado Joe das tentações do vício. “Não me entusiasma, não tenho tentações. É apenas a minha profissão, onde ganho o meu salário, mais nada”. O dinheiro atraía “e decidi candidatar-me. Mas agora queria mudar de ambiente”. Daí a paragem pelo centro de formação embora faça intermi-



Antônio Lei, formador, diz que nem todos podem ser croupiers



Joe, 30 anos, é um peixe de águas profundas. Já nasceu na profissão

tências com as salas VIP do casino. Joe é um analista do contexto, sabe desenvolver um discurso sobre a tendência do mercado. É assertivo: “O futuro de Macau não é o jogo de massas”. O perfil de Joe é excepcional face ao candidato-tipo, como Wen, nascido no Continente, esforçado, com uma dose irregular de aventureirismo e sentido de missão. Veio para Macau, diz, “pela filha”. Há dois anos tomou a decisão porque queria garantir à petiza o que nunca conseguiu ter. É um percurso característico das motivações da imigração. “Ser *croupier* é atraente, e com este curso é fácil encontrar trabalho”. Na China, Wen trabalhava numa empresa de decoração de interiores. “Penso que para a minha filha o melhor seria estudar aqui. E se me esforçar sei que posso ser bom *croupier* e ficar por cá”, atira, convicto. Trabalho e família andam de mãos dadas neste mundo. Quantos não foram os *croupiers* que entraram solteiros no casino e, meses depois, saíram casados. Apesar do higienismo que as arquitecturas de interiores transpiram, existem fracções de humanidade nos casinos. É nos quinze ou vinte minutos de intervalo, em cada duas

horas das oito que leva um turno, que os *croupiers* ensaiam aproximações que, tantas vezes, levaram ao casamento e à constituição de família. Não é estranho que os dois membros do casal permaneçam no casino, mas a nova condição obriga ao cumprimento das disposições gerais. O que o amor uniu, por uma questão de segurança, a mesa de jogo terá de separar, não vá o entusiasmo tecê-las. E, por isso, entre marido e mulher há a regra que impede a partilha da mesma banca. No mais, o casino não interfere. Eventualmente, na organização dos horários, como é o caso do *Galaxy*. “Preferimos que trabalhem no mesmo turno, se a operação o permitir”, dizem os responsáveis. De resto, não há regras. Portas fora, o casino não interfere. Já lá vão os tempos das férias não pagas ou do trabalho o ano inteiro. Os tempos são novos e os interessados tantos. Basta ver as contas. Para dentro de três anos, o Governo espera triplicar o número de *croupiers* dos actuais doze mil para cerca de 36 mil. Não será por acaso nem por falta de alternativas. Apostam numa vida de sucesso.

É humano. Demasiado humano. ■

Algarve-Sol é o nome deste restaurante de comida de Macau na cidade histórica de Lijiang que o Chefe do Executivo da RAEM fez questão de visitar na sua recente deslocação à província de Yunnan. O proprietário é um ex-correitor da bolsa, Victor Leung, jovem empresário da RAEM que se apaixonou à primeira vista, em Fevereiro

implementado pelo Governo local para promover a indústria turística da cidade que vive do reconhecimento da UNESCO como Património da Humanidade, justificado pelos mais 800 anos de história de Lijiang, antiga escala obrigatória da “Rota do Chá” no Sul da China. O novo restaurante foi alvo das atenções

## Algarve na China profunda

*Na cidade de Lijiang, na recôndita província de Yunnan, é possível comer minchi ou galinha à portuguesa. Trata-se de um restaurante, de nome Algarve-Sol, aberto por um jovem empresário de Macau que um dia resolveu mudar de vida*

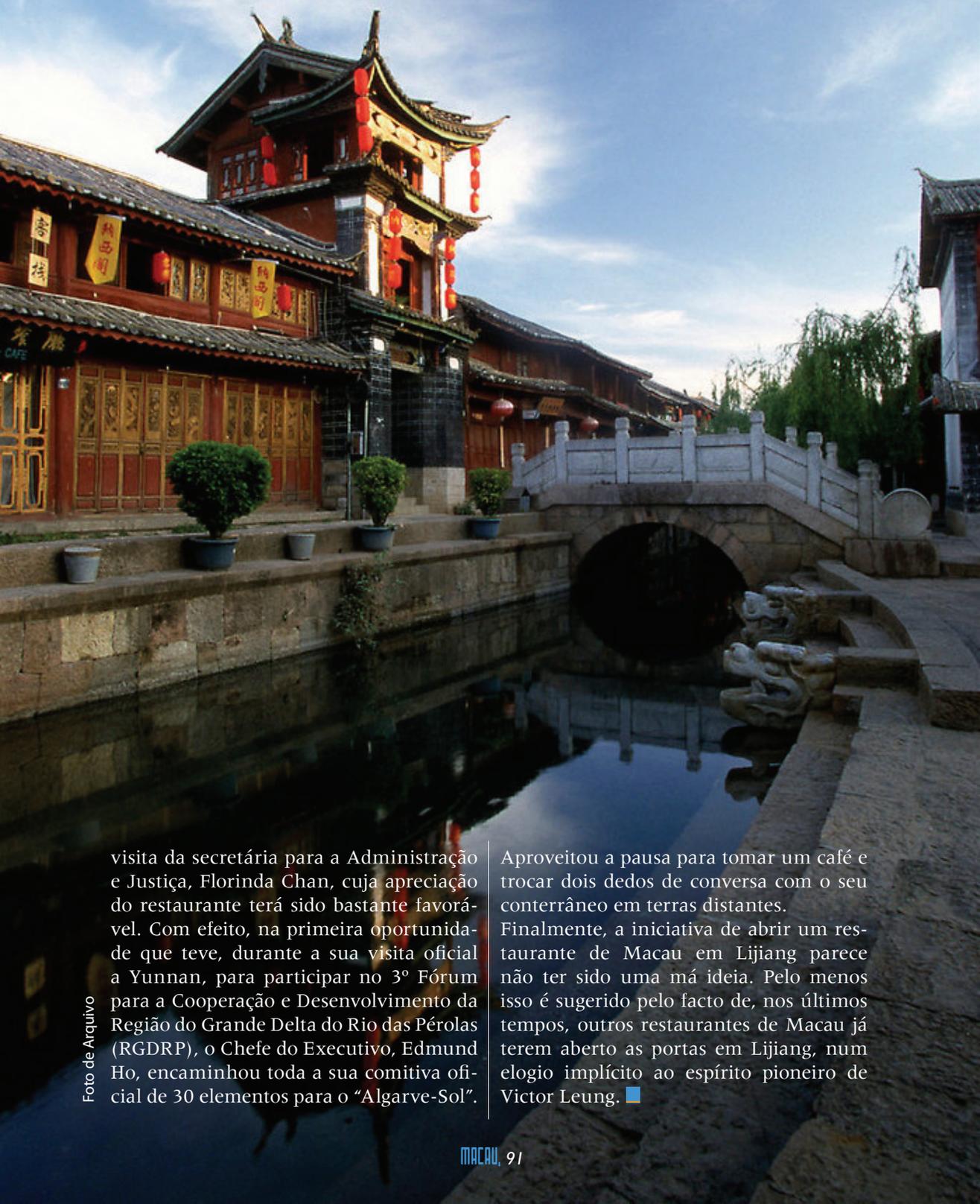
de 2004, pelo estilo de vida pacato da cidade. Dois meses depois de ter visitado Lijiang, Victor juntou as suas poupanças e partiu rumo a Lijiang para abrir o restaurante a que resolveu dar o nome de “Café Algarve-Sol”, nome inspirado numa viagem que fez ao Algarve, a região mais a sul de Portugal. O nome deve ter igualmente sido sugerido pela existência em Macau, desde há décadas, do café-restaurante Algarve Sol, muito popular entre a comunidade macaense. A jovem na fotografia é a sua esposa, que conheceu já em Lijiang, com quem namorou durante nove meses antes de se decidir casar e se radicar de vez. O espaço está localizado numa mansão de características tradicionais numa rua do centro histórico da cidade especialmente dedicada à restauração em regime de parcerias público/privadas. Um mecanismo



tanto por parte dos residentes de Lijiang – que se prestaram desde o início a apoiar o projecto – como dos muitos turistas estrangeiros que ali afluem, transmitindo à cidade o que Victor descreve como “o

ambiente UNESCO”. Quanto às opções do cardápio, caracterizam-se pela variedade e o “exotismo” não faltando nele nem o tradicional “minchi”, nem a típica “galinha à portuguesa” da gastronomia macaense.

Quanto à decoração do espaço, que empresta ao restaurante/bar/café um ambiente de intimidade, resultou da generosidade de um artista plástico natural de Kunming, um habitué do “Algarve-Sol”, que se ofereceu para pintar a estilização de um sol numa tela de grandes dimensões, que reflectisse o conforto informal associado ao nome do estabelecimento. No ano passado, o restaurante recebeu a



visita da secretária para a Administração e Justiça, Florinda Chan, cuja apreciação do restaurante terá sido bastante favorável. Com efeito, na primeira oportunidade que teve, durante a sua visita oficial a Yunnan, para participar no 3º Fórum para a Cooperação e Desenvolvimento da Região do Grande Delta do Rio das Pérolas (RGDRP), o Chefe do Executivo, Edmund Ho, encaminhou toda a sua comitiva oficial de 30 elementos para o “Algarve-Sol”.

Aproveitou a pausa para tomar um café e trocar dois dedos de conversa com o seu conterrâneo em terras distantes. Finalmente, a iniciativa de abrir um restaurante de Macau em Lijiang parece não ter sido uma má ideia. Pelo menos isso é sugerido pelo facto de, nos últimos tempos, outros restaurantes de Macau já terem aberto as portas em Lijiang, num elogio implícito ao espírito pioneiro de Victor Leung. ■

## Etanol cobijado

O Anhui BBCA Group, um dos principais produtores chineses de produtos químicos, está interessado em produzir etanol a partir da cana de açúcar no Brasil. O grupo chinês, sediado na província de Anhui, planeia adquirir uma área para o cultivo da cana de açúcar. Actualmente, o BBCA produz etanol a partir do milho, através da Suzhou Biochemical, uma das seis divisões do grupo. O Brasil é o maior produtor mundial de etanol a partir da cana de açúcar, sendo que as exportações do produto deverão ascender a 250 mil metros cúbicos este ano. O PIB da província de Anhui registou um aumento de 11,8 por cento em 2005, face ao ano anterior, ascendendo a 67 mil milhões de dólares norte-americanos.



## Economia chinesa cresce 10,9 por cento

A economia da China cresceu 10,9 por cento no segundo trimestre do ano, referiram fontes oficiais, que garantiram que o Governo Central deverá adoptar em breve novas políticas para arrefecer a economia. Os valores avançados demonstram um aumento em comparação com o crescimento económico de 10,3 por cento que a China registou no primeiro trimestre do ano e em comparação com o crescimento económico de 9,9 por cento no total de 2005. O Governo definiu como objectivo para 2006 controlar o crescimento do país nos oito por cento, para evitar investimentos excessivos por parte dos governos das províncias, inflação, sobreprodução em diversos sectores industriais e aumento dos preços das casas.



## Petrolífera procura sócio estrangeiro

A petrolífera estatal China National Petroleum Corporation (CNPC), a maior produtora petrolífera chinesa, anunciou a abertura de um concurso público internacional para a exploração de nove blocos energéticos no noroeste do país. Os blocos de petróleo e gás natural estão localizados na Bacia de Tarim, na região autónoma de Xinjiang (no noroeste do país), uma área que o Governo considera essencial para a segurança e autonomia energética do país para os próximos anos. A parceria é a maior exploração petrolífera conjunta nos últimos 12 anos entre empresas chinesas e estrangeiras em solo chinês.



## Seis milhões de super consumidores

A China tem uma força de seis milhões de consumidores que suportam o crescimento das vendas de produtos de alto luxo no país de 1,3 mil milhões de habitantes, demonstra um estudo de mercado. O grupo, a que o estudo chama "consumidores de primeiro mundo", tem um rendimento médio familiar anual correspondente a 27.250 dólares norte-americanos e um rendimento médio individual anual correspondente a 14.625 dólares norte-americanos. Os seis milhões com maior poder económico têm já carro, casa própria, cartão de crédito e apólices de seguro, consomem equipamentos digitais, jornais, revistas e outros meios de comunicação social, viajam regularmente para fora do país, jantam fora pelo menos três vezes por mês e dependem da Internet para compras e comunicação.





## Formação em Pequim

A China acolheu em Julho, num colóquio de 15 dias, quadros públicos superiores da área da construção, comunicação e transportes dos países de expressão portuguesa. O colóquio “Gestão Moderna de Transportes” teve como temas o desenvolvimento do transporte ferroviário na China, programação e gestão de tráfico urbano, logística moderna e coordenação de transportes, desenvolvimento sustentável do tráfego ferroviário urbano e transportes rápidos. O colóquio patrocinado pelo Ministério do Comércio da R.P.C. teve lugar na Universidade de Transportes de Pequim. O evento surge no âmbito do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, de que fazem parte, além da China, os países do grupo da CPLP.



## O sexto maior investidor

A China “disparou” de 25º para 6º maior investidor em Moçambique em 2005, com investimentos no total de 5,6 mil milhões de dólares. Dados da consultora Credit Guarantee indicam que a China foi o país que mais posições ganhou na tabela dos maiores investidores no ano passado. O principal investidor continuou a ser a África do Sul, com 52 projectos de construção e infra-estruturas, num investimento total de 93,7 mil milhões de dólares norte-americanos. António Matos, presidente da Câmara de Comércio Moçambique - África do Sul, destacou as oportunidades de investimento na agricultura - tabaco, açúcar, algodão, soja, café e chá - e também na indústria mineira.



## Gás no Rio das Pérolas

O maior produtor chinês de petróleo *offshore* descobriu um campo de gás gigante na baía do Rio das Pérolas, a 150 quilómetros a sul de Macau. A China National Offshore Oil Corporation e o seu sócio canadiano Husky Energy detectaram gás a 1500 metros de profundidade, no bloco 29/2, no que é a primeira descoberta *offshore* na costa chinesa. As reservas de 170 mil milhões de metros cúbicos gás agora descobertas estão avaliadas em mais de 1,6 mil milhões de dólares norte-americanos. A confirmarem-se estes números trata-se da maior descoberta de gás desde sempre na China.



## Stanley Ho investe em Angola

O empresário de Macau Stanley Ho revelou que quer explorar minerais, petróleo e gás em Angola e Moçambique para alimentar as necessidades crescentes das empresas chinesas. Stanley Ho afirma que o crescimento económico chinês tem de ser alimentado com cada vez maiores quantidades de energia e que, nesse contexto, “Moçambique e Angola serão mercados muito importantes no futuro”. Neste sentido, Stanley Ho destaca o papel de Macau como “plataforma que encoraje as relações comerciais entre a China e os países de expressão portuguesa em África”.



## Património cultural celebrado

Macau, 10 de Junho de 2006. Um grupo de mais de 80 pessoas junta-se nas Ruínas de S. Paulo, incluídas no Centro Histórico de Macau, que desde há um ano passou a integrar a Lista do Património Mundial. Num espaço sempre a abarrotar de turistas, este grupo ressalta da multidão: aqui são todos de Macau. Vieram depois de lerem um anúncio de jornal publicitando o evento. Foi na zona de S. Paulo que funcionou a primeira universidade de modelo ocidental do Sudeste Asiático e, na emble-

mática fachada da antiga Igreja da Madre de Deus, destruída num incêndio em 1835, também há símbolos orientais. Afinal, uma boa imagem de Macau.

Explicadas as Ruínas de S. Paulo (nome que deriva do facto de, ao lado da Igreja da Madre de Deus, ter funcionado o Colégio de S. Paulo, também destruído no incêndio), o grupo deixa a que outrora fora a cidade cristã. A sul está o velho porto chinês, a lembrar que Macau já foi uma aldeia de pescadores. Paragem final, ainda dentro do

*A China instituiu um dia Nacional do Património Cultural, que será comemorado no segundo sábado do mês de Junho. Este ano, o primeiro em que a data foi celebrada, coincidiu com o dia 10 de Junho e Macau, recentemente reconhecido pela UNESCO na sua Lista do Património Mundial, participou activamente*



perímetro do centro histórico: o templo da deusa A-Ma, mais antigo do que a própria cidade.

Aprender foi, pois, a forma de quatro associações de Macau festejarem o primeiro Dia Nacional do Património Cultural da China. “A China está a viver um processo de desenvolvimento acelerado”, lembra José Maneiras, arquitecto e membro da Associação para a Protecção do Património, alertando para os perigos do crescimento imobiliário, que por vezes, “é incompatível com a pre-

servação do património”, devendo por isso ser criadas “áreas de protecção”.

“Este dia também alerta para a existência daquele património na China que ainda não está classificado”, diz, por seu turno, Chan Su Weng, o presidente da Associação de História, um dos organizadores deste passeio. Na sua opinião, há que, no futuro, “fazer um esforço” para que essa situação seja ultrapassada.

Macau teve uma razão especial para se juntar aos festejos do Dia Nacional do Patrimó-

Chan Su Weng, presidente  
Associação de História





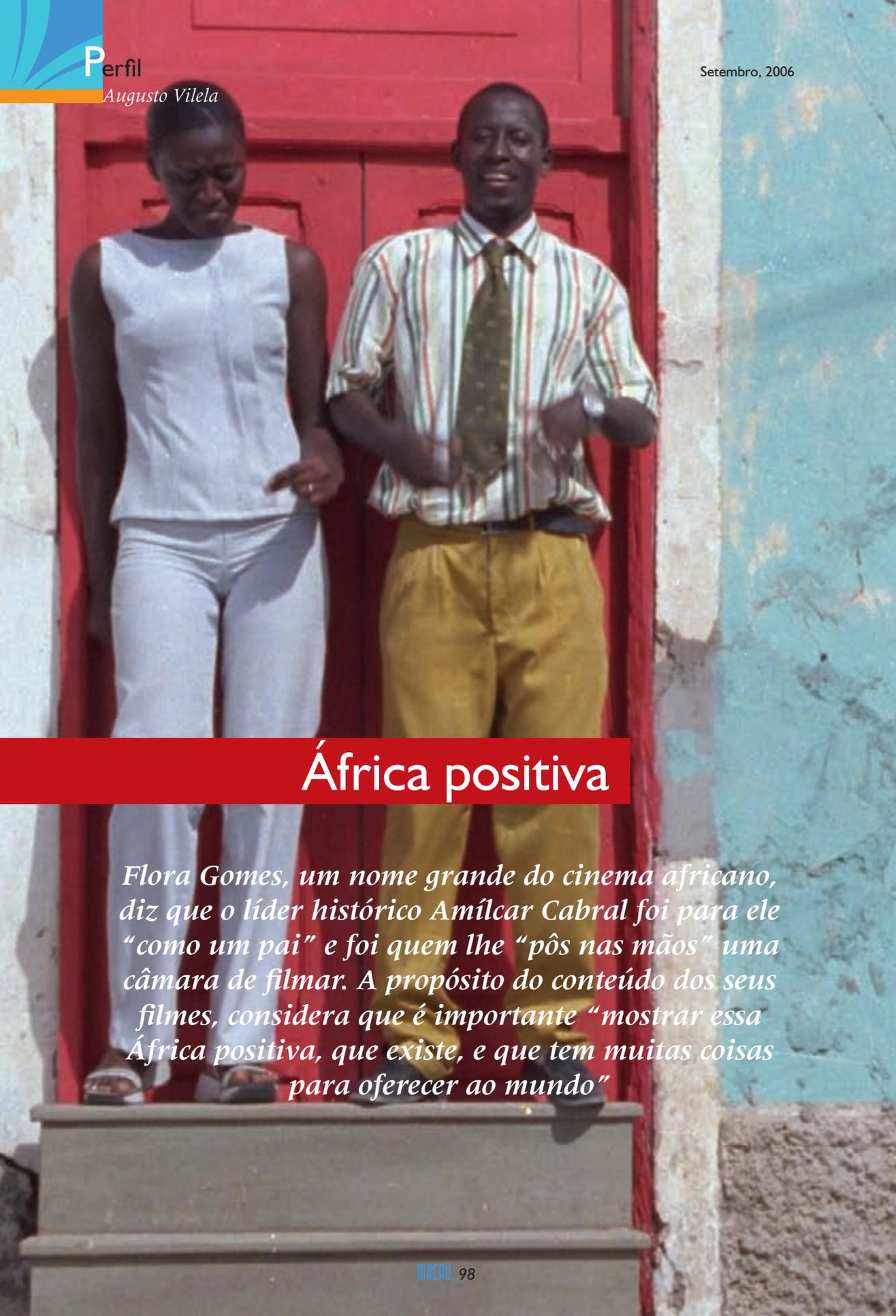
nio Cultural da China pois há cerca de um ano que o centro histórico da cidade foi integrado na Lista do Património Mundial da Unesco, em representação da China.

“Quisemos festejar o dia de modo a que participassem todos os sectores da sociedade”, diz o arquitecto Cheong Cheok Kio, do Instituto Cultural. “Apesar do tempo chuvoso tivemos uma resposta positiva”, acrescenta, comentando assim a forma como foi assinalada a data na RAEM, correspondendo a um aumento significativo da afluência de visitantes aos museus de Macau.

A festa estendeu-se a outros locais integrados na Lista do Património Mundial. Numa visita à Casa de Lou Kao (que foi uma das residências da abastada família Lou Lim Iok) ficava-se a conhecer os coloridos bordados de Cantão. Na Igreja de S. Domingos ouviram-se canções folclóricas chinesas e no Teatro D. Pedro V entoou-se música de câmara chinesa contemporânea.

Chan Su Weng comenta do seguinte modo este Dia Nacional do Património Cultural da China: “Gostava que este dia servisse para mostrar às pessoas de Macau como é rica esta cultura. Uma mistura entre o Oriente e o Ocidente que aconteceu há 500 anos. A maior parte da população de Macau, hoje em dia, é composta por pessoas vindas do interior do país, e esta percentagem está a aumentar. É claro que estas pessoas não têm conhecimento da história de Macau.”

Mas, por outro lado, o presidente da Associação de História reconhece que “desde que o Centro Histórico de Macau foi elevado a Património Mundial, a população tornou-se mais consciente do seu valor”. Ao passo que José Maneiras considera positivas as campanhas de sensibilização que têm sido levadas a cabo junto da juventude e que é já notório na população que se “está a criar um forte sentimento de identidade de Macau”. Finalmente, Cheong Cheok Kio defende que, com a entrada do Centro Histórico de Macau na Lista do Património Mundial, os cidadãos passaram a ser “guardiães” e “embaixadores” do património e que a decisão da Unesco constituiu “um reconhecimento do valor de Macau e do poder da população”. ■



## África positiva

*Flora Gomes, um nome grande do cinema africano, diz que o líder histórico Amílcar Cabral foi para ele “como um pai” e foi quem lhe “pôs nas mãos” uma câmara de filmar. A propósito do conteúdo dos seus filmes, considera que é importante “mostrar essa África positiva, que existe, e que tem muitas coisas para oferecer ao mundo”*

Nascido em 31 de Dezembro de 1949, em Cadique, na Guiné-Bissau, mas com um longo percurso de vida feito no exterior até à independência, Flora Gomes é hoje, para muitos, o nome mais destacado da cinematografia africana. Menos de meia dúzia de filmes foram o suficiente para lhe conferir uma relevância que contrasta com a escassez de meios materiais de que dispõe e com os problemas enfrentados para exprimir o seu trabalho.

Filho de pais que nem sequer tiveram acesso à escola, fez uma árdua caminhada em que conheceu todas as dificuldades, desde os tempos do período colonial aos anos igualmente difíceis da consolidação da independência do seu país.

Exemplo do homem africano que encontra nas raízes culturais do seu continente a seiva de uma cinematografia que nos traz uma África emergente e positiva é também um cidadão do mundo. Entende que a riqueza de qualquer cultura é a sua

capacidade de dar e receber sem se renegar a si própria.

O seu carácter e a sua personalidade forjaram-se no exemplo dos grandes líderes africanos, com destaque para Amílcar Cabral, que considera ter sido para ele “como um pai” e a sua grande referência humana, cultural e política, embora tenha conhecido todos os grandes líderes de Cabo Verde, da Guiné-Bissau e de outros países africanos.

Em 1972 estudou cinema no Instituto Cubano de Artes e Cinematografia e mais tarde no Senegal, com o realizador e crítico Paulin S. Vieyra, só regressando ao seu país após a independência. Consigo trazia alguma formação, muito pouca experiência, mas uma grande vontade de trabalhar através do cinema para dar a conhecer uma outra realidade da África e da sua cultura que, refere, “está escondida” atrás dos dramas que este continente tem vivido.

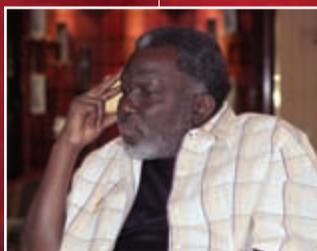


Foto: Jorge Martins

Em 24 de Setembro de 1973, filmou a histórica declaração unilateral de independência da Guiné-Bissau. Cumpria-se assim o desejo de Amílcar Cabral de serem os próprios guineenses a filmarem a proclamação. O seu primeiro emprego foi no Ministério da Informação, fazendo reportagens sobre a actualidade do país.

Na altura, a Guiné-Bissau era muito procurada por cineastas estrangeiros para aí realizarem filmagens e Flora Gomes sempre solicitado para os apoiar, quer como assistente estagiário, quer noutras funções, ganhando assim a experiência que lhe faltava.

Em 1987 consegue finalmente realizar o seu primeiro filme – *“Mortu Nega”* – que conta o percurso próprio da Guiné-Bissau para a independência.

A obra foi muito bem recebida em festivais internacionais. Flora Gomes rompia o anonimato e concentrava sobre este seu primeiro filme as atenções da crítica internacional.

Seguiu-se *“Os Olhos Azuis de Yonta”* (1992), um olhar sobre o conflito entre as gerações que viveram a guerra e as novas gerações.

*“Po di Sanguí”* (1996) – nomeado para a Palma de Ouro no Festival de Cannes – foi a terceira longa metragem do cineasta guineense e a que o lançou definitivamente nos circuitos cinematográficos internacionais. A partir deste filme Flora Gomes passou a ser uma presença constante e prestigiada entre Cannes, Veneza e outros importantes festivais, onde se sucederam os prémios para o seu trabalho.

## Impacto

Se toda a sua obra havia surpreendido, o seu último filme *“Nha Fala”* (2002) – que em crioulo significa “minha voz”, “meu destino” ou “minha vida” - foi o que teve maior impacto, marcando definitivamente uma carreira notável, apenas limitada pelas dificuldades financeiras que todos os cineastas africanos enfrentam nos seus países e os impedem de ter um trabalho regular. *“Nha Fala”* foi candidata ao Leão de Ouro do Festival de Veneza de 2002,



tendo recebido o Prémio *Citta di Roma* – Arco Íris Latino e o Prémio Lanterna Mágica.

No próximo ano Flora Gomes deverá começar a rodagem da “República das Crianças”, um novo filme que pretende ser um olhar das crianças sobre o mundo dos adultos. Mas a sua grande ambição e o seu projecto mais desejado é uma longa metragem sobre Amílcar Cabral, para que não se perca a memória e o exemplo dos grandes líderes que fizeram a história moderna do continente africano e moldaram as gerações que têm obrigação de a continuar.

“Não estou a fazer mais nada do que aquilo que um homem deve fazer quando lhe põem nas mãos esse instrumento que é a câmara, sobretudo porque foi Cabral que a pôs nas minhas mãos”, sublinha este cineasta que rompeu as fronteiras do seu país e agora divide o tempo entre a Guiné-Bissau, a Europa e os Estados Unidos, onde o prestígio o conduziu a professor convidado na universidade norte-americana de Brown, em Providence.

Mas o que mais impressiona na sua obra é a capacidade de traduzir a genuinidade da cultura africana numa linguagem universalista que não deixa ninguém indiferente. ■

## “Nha Fala”

Classificado como uma comédia musical onde se cruzam o humor e o optimismo, “*Nha Fala*” é uma obra fascinante muito mais profunda do que parece pela forma como agita a sensibilidade do espectador. É a história de uma lindíssima rapariga africana - Vita – que está proibida pelos pais de cantar porque uma antiga maldição condena à morte qualquer mulher da família que o faça. Vita, personagem interpretada por Fatou N’Daye, uma jovem senegalesa descoberta pelo rea-

lizador em França, vai entretanto estudar para este país, onde se apaixona pelo jovem Pierre, que é músico. Vencendo iniciais hesitações, balançando entre respeitar essa ancestral tradição ou assumir a sua condição de jovem moderna, Vita resolve desafiar a maldição que pesa sobre a família. Começa a cantar, grava um disco e regressa para partilhar essa libertação com o seu povo. Com os seus irmãos africanos, no meio de cantos e danças, Vita é mesmo obrigada

a encenar o seu próprio funeral para melhor poder renascer.

Uma parábola ou uma história? Flora Gomes assume-se como um contador de histórias e considera “*Nha Fala*” como a sua maneira de “homenagear essa juventude que não é africana nem é europeia”, resultante de todos estes cruzamentos culturais entre a Europa e a África e afirma que apenas quis “mostrar essa África positiva, que existe, e que tem muitas coisas para oferecer ao mundo”. ■



**A**pesar da enorme riqueza cultural que a África esconde, não é fácil aos criadores africanos fazer emergir esses valores e transportá-los para a dimensão universal que merecem. Guerras, fome e subdesenvolvimento económico continuam a limitar a libertação dessa riqueza cultural e a pos-

bretudo a sua África e a cultura “escondida” deste continente que ele pretende servir e dar a conhecer porque acredita que na África está o futuro e esta tem muito para oferecer ao mundo. Mas, subjacente e menos escondido na sua obra, nas imagens, na música, na alegria ou na

Muitas vezes, quando se fala de África, nós só vemos uma parte. Não vemos a outra. É como a lua. Eu quis contar aquela parte que estava escondida. Evidentemente que, como todos os povos, vivemos com os nossos problemas. Não estou a querer dizer que não há guerras, que não há as crianças acorrentadas por causa das guerras, mas, com todos esses problemas, nós temos a nossa maneira de viver.

**- Existe um novo cinema africano?**

- Eu acho que ainda não há uma cinematografia. O cinema africano é tão novo como o olhar das nossas crianças e penso que só teremos uma linguagem cinematográfica nossa, do nosso continente, quando em cada país conseguirmos fazer os filmes que queremos fazer, com o apoio das nossas autoridades e também de outros países, neste caso dos países com os quais tivemos uma história comum, caso de Portugal, França e outros mais. No caso da Guiné, estamos longe de o termos conseguido, mas estamos a forjar isso.

**- De que modo o cinema africano interroga e questiona a realidade cultural e social africana? De forma ainda marcadamente ideológica ou há uma nova escrita?**

- Há uma preocupação. Não diria que há uma nova escrita. Quem teve a possibilidade de ver

## Cultura bonita

*O cineasta Flora Gomes defende a preservação da cultura africana, que é importante não negar “aquilo que é nosso” e, muito menos, tentar “abraçar outras culturas sob o pretexto de que essas são as melhores”. Além disso, sublinha, “a cultura africana tem uma maneira de contar histórias que é muito bonita e no cinema também podemos fazê-lo”*

sibilidade de a oferecer ao mundo. Mas há homens que ultrapassam essas limitações e rompem as fronteiras do seu meio.

Flora Gomes, realizador guineense que se impôs internacionalmente, é um desses casos. Nesta sua entrevista concedida em Lisboa, de que se publica um extracto das passagens mais significativas, fala mais do cinema africano e muito menos de um percurso que já o notabilizou internacionalmente. É so-

melancolia que por vezes transmite, está sempre uma clara mensagem de fraternidade universal.

**- “Nha Fala” é uma história quase verídica baseada nas crenças e tradições africanas ou uma parábola?**

- Não é uma história real, é uma vivência de um homem que nasceu em África e que viveu em África. No meu caso consegui utilizar este instrumento para contar a parte positiva do nosso continente.

muitos filmes, desde o senegalês Sembene, que é o pioneiro do cinema africano, até ao maliano Cissé, nota que há um olhar atento de cada um dos nossos realizadores. É verdade que não podem ser indiferentes aos acontecimentos no nosso continente. Temos que ter em conta todo o mosaico da nossa cultura, os grupos étnicos que compõem a riqueza dela e ter também em conta o que estamos a fazer, para quem e porque estamos a fazer este tipo de trabalho.

Penso que a cultura africana tem uma maneira de contar histórias que é muito bonita e no cinema podemos também fazê-lo. Vamos tentar dar mais cor, mais vida.

*- Aquilo que alguns designam como “descolonização das mentes”, pode contribuir para uma nova cultura liberta dos traumas coloniais e criar um novo homem africano que não carregue mais esse peso na sua memória?*

- Penso que este problema não é fácil. No contexto em que hoje nos movemos, o mundo está cada vez mais pequeno. Hoje acontece uma coisa em qualquer parte e essas imagens caem-nos lá em África como a chuva que às vezes nos faz tanta falta. Nós queremos que as imagens dos nossos países passem também por aqui [em Portugal, na Europa...].

No dia em que elas pu-

derem ser passadas sem nenhum obstáculo, da mesma maneira que nós absorvemos as vossas imagens, penso que só isso poderá libertar a nossa maneira de pensar.

O que acontece é que eu gosto de fado, mas quero que essa música que é tocada nos nossos países seja também ouvida. Penso que essa convivência é que pode fazer os afri-

canos mudar. Compreendo que há uma mudança qualitativa, mas temos que mudar o que reconhecermos de negativo na nossa cultura, como em todas as outras culturas, para bem da humanidade. Isso é que é a mudança. Não é negando aquilo que é nosso em termos culturais e tentando abraçar outras culturas, sob o pretexto de que essas são as melhores.



*Flora Gomes ao ser entrevistado por Augusto Vilela*

Não há nenhuma cultura melhor. A melhor cultura que há no mundo é aquela que é capaz de estar aberta para absorver o outro e propor também a sua, sem perder a sua identidade. Isso é que justifica a grandeza da humanidade.

*- Em que fase está o seu projecto do filme sobre Amílcar Cabral?*

- Estou a trabalhar nisso há já um bom tempo, mas

acho que agora houve um avanço que foi o facto de estar a realizar uma pesquisa apoiada pela Universidade de Brown, nos Estados Unidos, que me convidou para leccionar lá durante o semestre. Leccionar cinema, evidentemente.

Esta Universidade projectou todos os meus filmes e, não sei porquê, acharam que eu tinha uma escrita

que lhes chamou a atenção, motivo desse convite. Quero fazer um filme de ficção, mas gostaria de ouvir muita gente. Este é um objectivo, mas vou avançando noutros trabalhos porque considero que o filme sobre Amílcar Cabral é um grande projecto.

*- Conheceu e conviveu muito com Amílcar Cabral. É verdade que, além do guerrilheiro e político, ele era também um artista?*

- O Amílcar Cabral era um homem excepcional. Acho que ninguém conseguiu ainda descrever essa personalidade.

A primeira noção de estética que tive na minha vida foi aprendida com ele.

Quando estávamos na escola estava sempre a arranjar-nos a gola da camisa, não podíamos ter uma camisa a que faltassem botões ou umas sandálias que estivessem rotas. Quando não arranjávamos bem as camas ele ia verificar.

Isto é só para dizer que um homem que foi capaz de dirigir a luta de libertação da Guiné-Bissau, para não dizer dos movimentos de libertação em África, esse homem teve ainda tempo para pensar como uma pessoa devia fazer as camas, cortar o cabelo ou sentar-se à mesa.

Era capaz também de ouvir música clássica e músicas tradicionais de outros povos, como os cânticos dos mandingas, fulas, balantas e ouvia também



mornas cabo-verdianas.

**- Era um homem de paz que foi obrigado a fazer a guerra?**

- Ele era um homem de paz. Foi obrigado a fazer a guerra porque percebeu que só fazendo a guerra a um sistema tão atrasado como era o sistema colonial português de Salazar, que inclusivamente tratava mal o seu próprio povo, poderia trazer a liberdade à Guiné. Só assim uma pessoa como eu se podia tornar cineasta.

Quem conhecia a Guiné-Bissau sabe que foi talvez a única colónia portuguesa que só teve um liceu em 1958, o que quer dizer que quem possuísse um diploma de 4ª classe era um luxo.

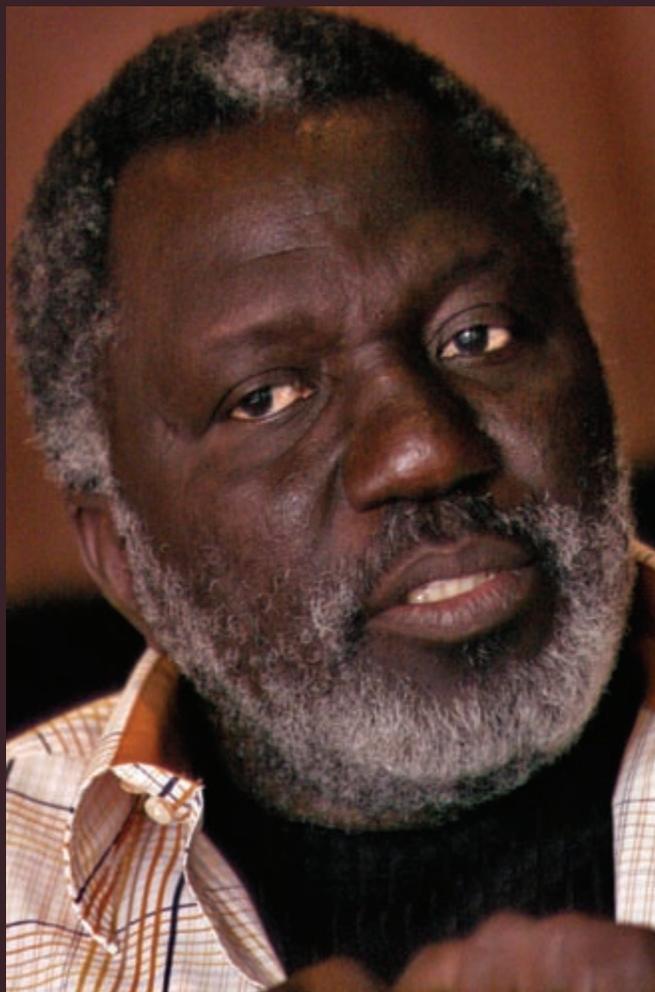
E hoje, os que vieram da luta, uma boa parte da minha geração, são pilotos de aviões, são pilotos de barcos, alguns grandes advogados em muitos países. Isto faz de Amílcar Cabral um homem excepcional.

**- É correcto dizer que Cabral conseguiu fazer uma guerra de libertação sem gerar ódios?**

- O Amílcar Cabral era um homem muito culto. As pessoas da dimensão dele não podem gerar ódio.

**- É difícil fazer cinema na Guiné-Bissau?**

- Algumas pessoas podem até cometer erros em termos de cinema, mas nós africanos não podemos. Se nos dão uma oportunidade temos que geri-la. Costumo dizer sempre que os cineastas africanos,



e no meu caso concreto, quando fazemos um filme é como se estivéssemos a andar em cima de um estádio, de um campo de futebol cheio de ovos. Temos de andar de maneira a não os partir, porque caso contrário amanhã vamos ter muitas dificuldades. Nós não somos detentores de todas as verdades, mas também não queremos que nos contem a história de uma forma que não seja verdade. Se não contarmos a nossa história virá uma pessoa de fora contá-la à sua maneira.

Felizmente há especialistas ocidentais que começam a contar outra história, que era pintada de outra maneira. Hoje há a noção de que o futuro será a África.

**- As co-produções entre os países de língua portuguesa serão uma boa via para o desenvolvimento do cinema destes países?**

- Penso que é uma forma de nos aproximar cada vez mais. Isso ajudaria, não só em termos financeiros, mas também para formar novos quadros e novos cineastas. ■



## Vinte anos de música

*Desde 1987 que existe o Festival Internacional de Música de Macau, que se encena anualmente nos ambientes intimistas do Outono macaense.*

*Estrelas dos palcos dos mundos vêm brilhar no território, cuja população vem acarinhando o, cada vez mais, seu festival*

Foi para lançar a imagem cultural de Macau e afinar o tom das trocas entre Oriente e Ocidente que nasceu o Festival Internacional de Música, carinhosamente apelidado a nível local de FIMM. Arrancou com um programa de oito espectáculos e um conceito de intimidade único na Ásia. Ainda hoje, 20 anos depois, o FIMM marca a toada da cultura da Região. Já não por uma semana mas ao longo de todo o mês de Outubro. Sempre romântico e íntimo pelo cenário de Macau.

António Carmo foi o primeiro coordenador geral e Adriano Jordão o seu director artístico. No número 1 da Travessa do Paiva uma pequena equipa, o secretariado permanente, formado por técnicos dos

vários serviços da administração, arrancava da estaca zero com um projecto único na Ásia. Mais tarde, o FIMM viria a ser organizado pela Direcção dos Serviços de Turismo e, em 1991, passava para sempre para as mãos do Instituto Cultural (IC).

Em parceria com o actual director do Museu de Arte de Macau, Ung Vai Meng, Carlos Marreiros assinava a ilustração do primeiro catálogo, que se multiplicou ao longo dos anos.

São actualmente concebidos por uma equipa de *designers* liderada pelo seu irmão, Victor Hugo Marreiros. A imagem gráfica do festival é de tal forma apreciada que tem sido premiada em concursos internacionais e locais.

La Bohème: um dos maiores sucessos da história do FIMM



Em 1992, Adriano Jordão passava a pasta da direcção artística a João Pereira Bastos. Foi algo insólita a forma como Bastos recebeu tamanho convite: “Estava de partida. Foi no terminal do jetfoil que me perguntaram se queria ser o director artístico do FIMM. Quando aterrei em Lisboa já tinha decidido aceitar o convite”, formalizado depois por Carlos Marreiros, que assumia em 1989 a presidência do IC.

“O festival passou a ser conhecido na Europa”. A influência de Bastos nos meios artísticos viria a concretizar um dos maiores sonhos para o FIMM, a internacionalização. E ganhou ainda fama na Ásia. Afinal, a primeira produção da ópera “*Turandot*” da China era encenada em Macau, mais precisamente no Fórum.

Foi nesses anos que se insistiu na “utilização dos cenários próprios de Macau”, ou seja, no

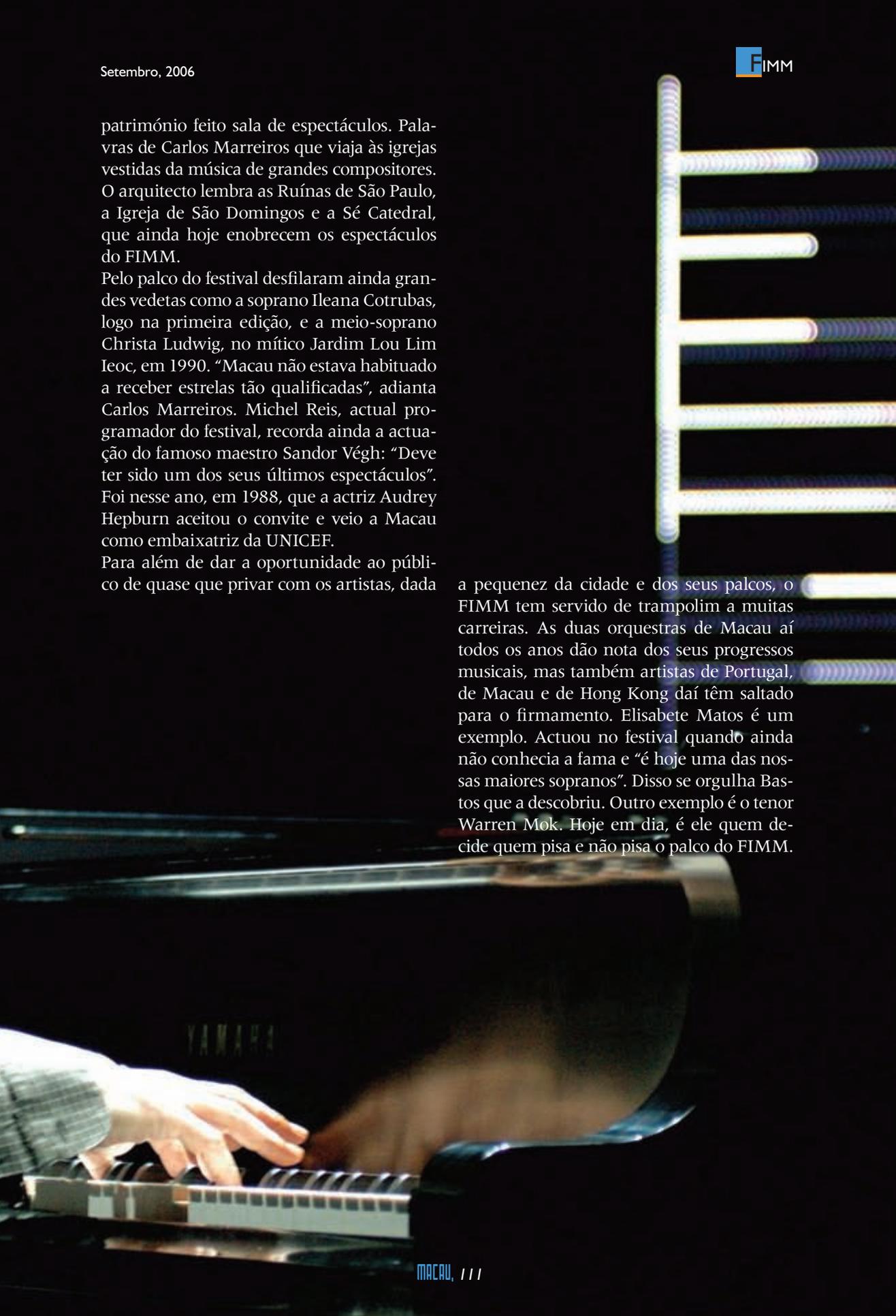


Ryuichi Sakamoto

património feito sala de espectáculos. Palavras de Carlos Marreiros que viaja às igrejas vestidas da música de grandes compositores. O arquitecto lembra as Ruínas de São Paulo, a Igreja de São Domingos e a Sé Catedral, que ainda hoje enobrecem os espectáculos do FIMM.

Pelo palco do festival desfilaram ainda grandes vedetas como a soprano Ileana Cotrubas, logo na primeira edição, e a meio-soprano Christa Ludwig, no mítico Jardim Lou Lim Ieoc, em 1990. “Macau não estava habituado a receber estrelas tão qualificadas”, adianta Carlos Marreiros. Michel Reis, actual programador do festival, recorda ainda a actuação do famoso maestro Sandor Végh: “Deve ter sido um dos seus últimos espectáculos”. Foi nesse ano, em 1988, que a actriz Audrey Hepburn aceitou o convite e veio a Macau como embaixatriz da UNICEF.

Para além de dar a oportunidade ao público de quase que privar com os artistas, dada



a pequenez da cidade e dos seus palcos, o FIMM tem servido de trampolim a muitas carreiras. As duas orquestras de Macau aí todos os anos dão nota dos seus progressos musicais, mas também artistas de Portugal, de Macau e de Hong Kong daí têm saltado para o firmamento. Elisabete Matos é um exemplo. Actuou no festival quando ainda não conhecia a fama e “é hoje uma das nossas maiores sopranos”. Disso se orgulha Bastos que a descobriu. Outro exemplo é o tenor Warren Mok. Hoje em dia, é ele quem decide quem pisa e não pisa o palco do FIMM.

## Variedade e qualidade

É com “muito orgulho” que Warren Mok é, desde há seis anos, o director artístico do evento. Respeita as características essenciais do festival e acredita que o que hoje em dia o distingue dos outros eventos culturais do género na zona do Delta do Rio das Pérolas é a grande variedade de programas de grande qualidade: “Temos ópera, musical, concertos sinfónicos e de world music, pop e até rock.” O cruzamento cultural que existe em Macau entre as culturas chinesa e portuguesa é outra das características do FIMM, “é um privilégio que os outros não têm”.

Mok destaca actuações como a do maestro Lorin Maazel e da Orquestra Filarmónica de Nova Iorque. Também a ópera “*La Bohème*” e o musical “*Chicago*” merecem ser recordados com saudade. Este ano quer festejar o aniversário com romantismo e convida o prodígio chinês Lang Lang para a grande arrancada no dia 6 de Outubro. Trinta espectáculos sucedem-se até 5 de Novembro. Pelo Teatro Dom Pedro V passam os Musica Antiqua Colónia (16 de Outubro) conhecidos pela sua genuinidade na música barroca, aquecendo para o surpreendente jazz da Orquestra *Instant Composers Pool* que ali despertará a criatividade de todos dez dias depois. Pela Fortaleza do Monte vão ecoar os sons modernos da electrónica de “*Insen*”, o projecto do famoso Ryuichi Sakamoto e do jovem alemão Alva Noto.

Mais ecléticos do que nunca os programas do FIMM ganharam um carácter mais generalista. Já na sua nota de abertura da 14ª edição a presidente do IC, Heidi Ho, dava a conhecer as novas linhas que iriam coser o futuro do FIMM: “Privilegiou-se, por um lado, a divulgação de pessoas e países, por outro, a simbiose do clássico e do moderno, o que lhe traz um maior ecletismo, logo uma maior aptidão para satisfazer o diversificado gosto do público”.

Nesse primeiro FIMM depois da transferência, a programação incluía ainda uma série de actividades que ainda hoje perduram como *workshops*, palestras e acti-



Warren Mok, actual director artístico do FIMM

vidades nas escolas, apostando assim na formação do público de Macau. Segundo uma fonte do departamento de promoção do IC, seis anos idos e já se colhem frutos desse esforço: “Cada vez mais jovens aderem ao FIMM. Essa é a meu ver uma das grandes mudanças”.

Muitos e famosos artistas de todo o mundo pisaram os palcos de Macau, mas mais do que quem os convidou foi quem promoveu esses concertos que merece o aplauso, depois de anos de casas por encher dada a excessiva generosidade na oferta de ingressos. Foi preciso inverter essa tendência, Carlos Marreiros recorda: “Nos últimos anos a venda de bilhetes aumentou muito e as taxas de ocupação são bastante significativas”. E prossegue: “Os objectivos da promoção mais atempada parecem mais bem marcados, há uma utilização de canais próprios e uma cooperação com instituições asiáticas”.

O IC partilha os louros: “Muito tem mudado em Macau. O público está mais aberto às propostas mas é ainda de louvar o trabalho de outras instituições como o Centro Cultural de Macau”.

Para a mesma fonte do IC, o festival tenderá a evoluir à medida do desenvolvimento de Macau, que nos últimos anos tem sido tão rápido. “Sentimos de facto a pressão das mudanças do mercado, mas estamos atentos e procuramos satisfazer as necessidades actuais”.

Warren Mok acredita que “o sucesso do FIMM deve-se ao apoio total do Governo. O público de Macau reconhece e aprecia a qualidade dos artistas que vêm cá actuar”. Em termos pessoais, o actual director artístico considera ainda que a visão do

Governo e a liderança do Instituto Cultural fizeram deste festival uma janela para o mundo cultural. Por isso, vai seguir a política do IC e continuar a “atrair até Macau os artistas internacionais de grande qualidade, procurando fazer do FIMM um evento diferente dos outros da região circundante, usando a música clássica como a base estruturante, agregando uma variedade de estilos musicais e formas de arte”. E se os bilhetes quase que esgotam todos os anos, é porque a fórmula funciona: “O festival é bem aceite por todos”. ■



*A Orquestra de Macau  
sob a batuta do maestro En Shao*

# Fado e rock luso dão charme ao FIMM

Foram ainda muitos os artistas portugueses que passaram pelo Festival Internacional de Música de Macau, do grande Carlos Paredes ao *Ballet*, ao Coro e à Orquestra da Gulbenkian, passando ainda por Mísia, Pedro Burmester ou mesmo Maria João e Mário Laginha. Todos ajudaram a firmar os laços culturais entre portugueses e chineses em Macau. Este ano é a vez de Carlos do Carmo e Xutos e Pontapés darem a conhecer ao Oriente um pouco mais do seu Portugal. “Pode acontecer que este seja o último espectáculo da minha carreira, mas não gosto muito de especular”. Afinal sempre são 43 anos de vida dedicada aos mistérios do fado, orgulha-se Carlos do Carmo, do alto dos seus 66 anos de idade. O fadista está ansioso por voltar ao Teatro Dom Pedro V, onde há cerca de 15 anos fez a sua estreia em Macau. É um regresso especial e, embora admita que “a água nunca corre duas vezes por debaixo da ponte”, promete reviver alguns dos êxitos desse tempo. Cantar o fado no mundo lusófono “é absolutamente fantástico porque o português é forte na ausência. Gosta francamente da sua terra, o que é comovente para quem canta”. Já lhe aconteceu “ficar com a voz embargada por sentir a emoção que as pessoas estão a partilhar. Não é por acaso que a palavra saudade é portuguesa”. E se o público

Carlos do Carmo: “A linguagem da alma não requer tradutor”



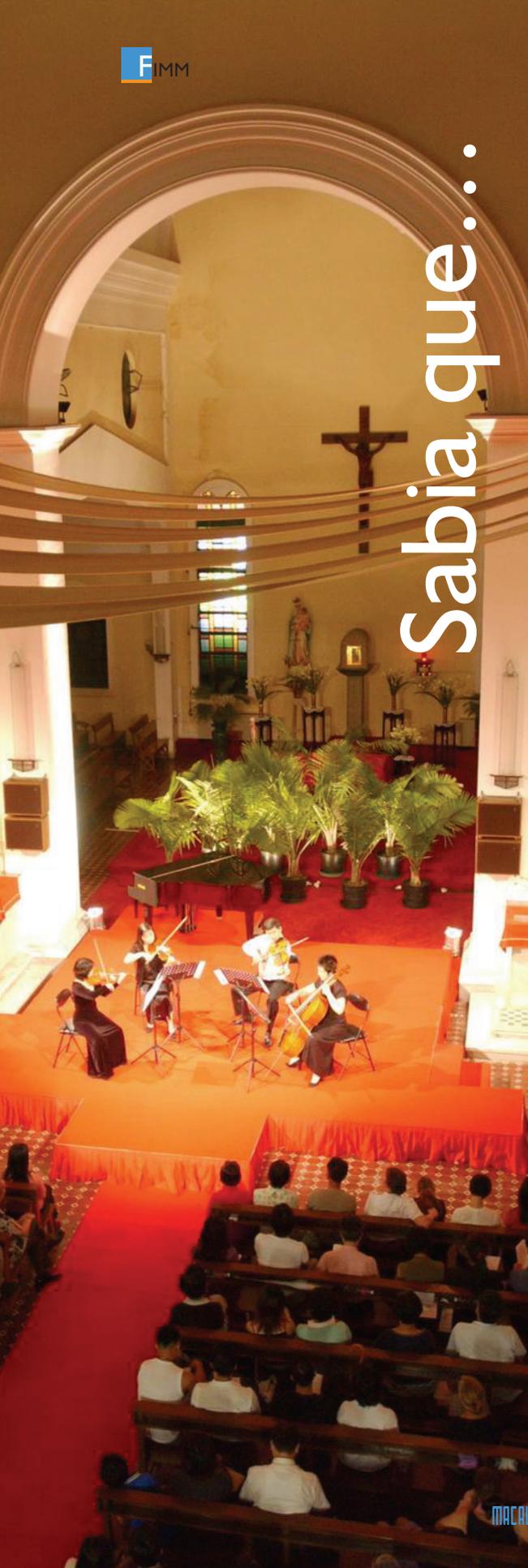
Da clássica ao jazz:  
 Maria João e Mário Laginha,  
 Pedro Jóia e Mísia.

que o aplaudir nas noites de 11 e 12 de Outubro for mais chinês do que aquele que vibrou nas outras suas duas passagens por Macau, nada há a recear, porque “a linguagem da alma não requer tradutor”.

O mesmo sentem os Xutos e Pontapés, que no dia 27 de Outubro vão repescar os seus grandes sucessos nos Lagos Nam Van. Os chineses já não estranham o seu rock de pronúncia portuguesa, como nos anos 90. Para Zé Pedro, tocar para pessoas de culturas diferentes nesse tempo era diferente. Hoje em dia, com a Internet a exposição ao que se passa no mundo é maior. É tudo uma questão de atitude em palco”. ■



Rockossauros: Xutos e Pontapés



# Sabia que...

- Nunca houve tantos espectáculos de entrada livre como no XX FIMM.
- Só seis anos depois de ter arrancado o Festival Internacional de Música passou a ser organizado pelo Instituto Cultural.
- A Abertura Sinfónica nº3 de Joly Braga Santos foi a primeira peça a soar no FIMM.
- Foi no palco do FIMM que começaram as trocas entre a Orquestra Chinesa de Macau e os artistas portugueses.
- o director artístico Warren Mok regressa ao palco do FIMM depois do ano passado ter falhado presença. O tenor de Hong Kong será Turiddu em “Cavalleria Rusticana” e Canio em “I Pagliacci”.
- A famosa WDR Orquestra Sinfónica de Colónia toca este ano a Abertura Carnaval, op. 92 de Antonin Dvovák, a mesma peça que a Orquestra da Radiodifusão da República Popular da China apresentou no primeiro concerto do I FIMM, em 1987.
- Três grupos pop e rock da China desvendam as raízes da sua tradição numa maratona de concertos na Fortaleza do Monte.
- Os indonésios Batavia Madrigal Singers cantam a música coral da Europa do século XV. Uma tradição antiga para iluminar a Igreja de São Domingos.
- Carlos Paredes tocou em Macau em 1991, sendo recordado 11 anos depois nas Ruínas de São Paulo pelo guitarrista Pedro Jóia em “Variações sobre Carlos Paredes”.
- Um dos maiores conjuntos de música barroca e da Renascença, The Sixteen and Harry Christophers, levaram a Sé Catedral ao rubro num grande concerto em 1995.
- O grande compositor chinês Tan Dun fechou a edição do XVII FIMM nas Ruínas de São Paulo com a grande “Paixão de Água, segundo São Mateus”.
- Em 2003, um estudo revela que 87,9 por cento dos espectadores estão globalmente satisfeitos com a organização do FIMM e 72 por cento admitem ter um espectáculo da sua preferência. É o resultado de 5100 inquéritos analisados pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Macau.
- Em 2003, no primeiro dia de abertura das bilheteiras do XVII FIMM são vendidos 4156 ingressos, representando um salto significativo comparativamente ao ano transacto em que se venderam 3634 bilhetes no mesmo período de tempo.



*O pintor cabo-verdiano Mito realizou a sua primeira exposição em Macau em Maio passado, por ocasião do 30º aniversário do estabelecimento de relações diplomáticas entre a República de Cabo Verde e a República Popular da China. Aqui deixa as impressões desse encontro esperado*

**M**acau sempre fez parte do meu imaginário. Talvez seja por ter uma prima casada com um macaense, que viveu em Cabo Verde. Talvez por isso sempre tenha acalentado o sonho de um dia conhecer Macau. Entre Abril e Maio de 2006, concretizei finalmente a viagem.

Cheguei a Macau vindo de Pequim. A primeira impressão foi a de estar num gigantesco centro comercial non-stop. Uma semana depois descobria aqueles que viriam a ser os meus lugares favoritos de Macau, o Mercado Vermelho, as Ruínas de São Paulo, a Ilha de Coloane, e também a simpatia das pessoas.

Reencontrei velhos amigos e fiz muitos outros. Um dos episódios que mais me tocou foi o reencontro com Joana Ling, a viúva do pintor Kwok Woon. Meia hora de conversa depois e entregávamo-nos às lembranças do tempo em que éramos colegas de curso na Arco, em Lisboa, nos idos anos de 90.

A minha visita ao Oriente permitiu-me ainda consolidar as relações entre as técnicas, os suportes, o imaginário da minha pintura e as tradições visuais do Oriente. A importância que sempre dei ao exercício da manualidade, à escrita, ao desenho de caracteres e também à pesquisa de novas e velhas grafias encontrou eco em cada momento da minha estadia. Foi ainda muito especial o encontro com a sonoridade do patuá, tão próxima do crioulo de Cabo Verde.

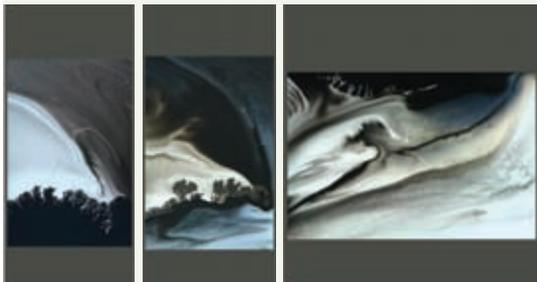
São exactamente estes, para além das outras razões que as palavras não alcançam e a própria razão desconhece, os motivos que me fazem desejar regressar tão breve quanto possível a essas paragens. ■

**Um gigantesco centro comercial**

A arte e a Natureza andam de mãos dadas no trabalho da pintora de Macau Cindy Ng, que em Novembro apresenta o vídeo “Caos” na colectiva “Horizontes de Macau”, na Galeria Tap Seac. “Quero expressar uma parte da cultura chinesa através da beleza da tinta sobre qualquer meio artístico”. Este foi um compromisso que assumiu ainda nos anos 90. Lançava então sobre o papel de arroz os primeiros jactos de tinta e a reacção natural dos materiais sugeria um mar de nuvens, uma cascata do céu das altas montanhas. A abstracção com reminiscências da pintura tradicional chinesa nascia de forma surpreendente na arte de Cindy Ng.

Dois anos mais tarde, em Londres, desenvolveu um intenso trabalho de pesquisa sobre tinta-da-china no *British Museum*, sob recomendação de Bartolomeu dos Santos. A passagem pelo Ocidente abriu o leque de experiências artísticas, atalhando sempre pelo caminho da sensibilidade e inovação. No Inverno de 1997 rumou a Taipé para estudar restauro de pintura chinesa. E por lá ficou a viver até hoje duas grandes paixões: a tinta-da-china e o marido.

Há alguns anos convidou o vídeo para resgatar “o tempo da tinta” no festim natural dos jactos de água, feitos pincéis. Está feliz por voltar a expor em Macau, aonde regressa sempre várias vezes por ano.



## Rebentos do Oriente



*Cindy Ng,*  
a tinta ao natural

EXPOSI



### Horizontes de Macau

O fotógrafo Wong Ho Sang e o arquitecto João do Ó Bruno Soares são outros nomes que saltam à vista em “Horizontes de Macau”, uma mostra de arte contemporânea com o carimbo do Instituto Cultural de Macau.

Os trabalhos daquele que é considerado por muitos o mais importante fotógrafo de Macau, Wong Ho Sang, “procuram – como o próprio disse - demonstrar o contraste entre o velho e novo”, em combinações de elementos opostos para reflectir sobre o drástico e rápido desenvolvimento de Macau. A par de Juliana Wong e Maria Isabela Eusébio, os outros portugueses representados nesta colectiva de arte contemporânea são João do Ó Bruno Soares e Manuel Correia da Silva que optam pela instalação para captar mais uma vez a emoção da cidade. Dividida em duas partes, em exposição estão 12 trabalhos seleccionados pelo artista Mio Pang Fei, pelo director do Museu de Arte de Macau, Ung Vai Meng e pelo arquitecto macaense Carlos Marreiros, entre outros.

**Galeria Tap Seac, Macau**

10 de Julho a 2 de Setembro

9 de Setembro a 5 de Novembro



### Bienal de Xangai 2006

É sob o signo de “*Hyper Design*” que a mais importante bienal de arte contemporânea da China abre as portas ao mundo no dia 5 de Setembro. Assim se estimula a criação de várias imaginações culturais sem perder a vertente local. Este ano, a bienal explora a complicada sobreposição das relações sociais e os significados culturais que se escondem por detrás do fenómeno do *design*. Com direcção artística de Zhang Qing, o evento tem como curadores Huang Du, Gianfranco Maraniello e Jonathan Watkins, entre outros. Osman Khan e Jinsong Shi são alguns dos artistas representados.

**Museu de Arte de Xangai**  
Até 5 de Novembro



### Recortes de Papel da Suíça e da China

Afirma-se como uma ponte entre o Oriente e o Ocidente. O Museu de Macau honra essa missão com uma exposição que põe lado a lado culturas de dois países muito diferentes: a Suíça e a China. É exactamente para possibilitar ao público a comparação de duas tradições tão diferentes numa mesma arte que esta mostra chega a Macau depois do teste em Hong Kong.

**Museu de Macau**

A partir de meados de Novembro

### Sopro do Universo

Um conjunto de pinturas e caligrafias de Qing Teng e Bai Yang desvenda parte da colecção de dois dos mais notáveis espaços culturais da China, o Museu do Palácio, de Pequim e o Museu de Xangai. Inaugura no dia 1 de Setembro e promete surpreender os visitantes. O Museu de Arte de Macau vai ainda acolher uma exposição de Educação pela Arte em Outubro e um grupo de fotografias da República Checa viaja a esta montra de arte no mês seguinte.

**Museu de Arte de Macau**

Até 19 de Novembro

## Memórias de Vida e Melodias de Amor

Não é tão popular como a fotografia ou a pintura, mas ganha cada vez mais adeptos em Macau. A cerâmica é uma arte nobre cuja expressão contemporânea merece maior popularidade. As peças do mui aclamado Joseph Chiang e de Kevin Lin, dois artistas de origem chinesa que fizeram do continente americano morada, dão provas disso mesmo a partir do dia 27 de Outubro na Taipa. Dias antes o mesmo espaço cultural acolhe uma mostra colectiva de fotografias alusivas ao universo da língua portuguesa. É uma das muitas actividades que preenchem o cardápio da Festa da Lusofonia na Zona do Carmo, entre os dias 13 e 15 de Outubro.

*Casas-Museu da Taipa, Macau  
Até 4 de Fevereiro de 2007*



## Sonhos de Verão de Niki de Saint Phalle

É dona de um simbolismo misterioso e de uma intuição libertária. Niki de Saint Phalle liga a realidade ao mundo ideal. Numa atitude rebelde, a sua arte criticou abertamente doutrinas e a hipocrisia, reafirmando o espírito igualitário e a dignidade do ser humano. A escultora francesa pertence ao movimento do Novo Realismo francês e das obras em mostra escorre a tinta do seu subconsciente, onde assume várias atitudes criativas sem nunca esconder o sentimento que a comanda.

*Museu de Arte de Macau  
Até 6 de Outubro*



## Pintura de Jess Chan

Dez quadros em técnica mista sobre tela dão a conhecer a arte de Jess Chan. A exibição promovida pelo Instituto Português do Oriente inclui obras desta autora que já expôs no Museu de Arte de Macau e deu a conhecer muito trabalho noutras cidades chinesas e na Europa, em Portugal e França.

*Galeria da Livraria Portuguesa, Macau  
A partir de meados de Outubro*

## Prémios Novos Talentos 2005

É uma das exposições com mais tradição em Macau. Muito orientada para a pintura, revela todos os anos os novos talentos das artes de Macau. A partir do dia 13 de Setembro os trabalhos das vencedoras do concurso da XXII Exposição Colectiva dos Artistas de Macau, Lei Ka In, Hoi Leng Iam e Mok Hei Kei, são partilhados com o público. Cada artista apresenta 20 obras nas áreas de pintura chinesa e ocidental e caligrafia, respectivamente.

*Sala Comendador Ho In, Clube Militar de Macau  
Até 4 de Outubro*





## Contingent Republic de Joaquim Barreto

A moda não escapa à objectiva do residente de Macau Joaquim Barreto, que anda por Londres a aperfeiçoar a sua técnica. É, desde a primeira hora, membro do Centro de Indústrias Criativas, que em Agosto festejou o terceiro aniversário. Dezasseis imagens representam o que de melhor reserva a sua obra a partir e 26 de Outubro.

*Centro de Indústrias Criativas, Macau*

*Até 15 de Novembro*



## A Arte Italiana de Hoje (1990-2005)

É o ano da Itália na China. Por todo o país as galerias decoram as paredes com as cores do país de Da Vinci para assinalar a troca cultural. Em Pequim, inaugura no dia 7 de Setembro uma retrospectiva de arte italiana dos últimos 15 anos de manifesta liberdade de expressão. Mais de 60 trabalhos de pintura, escultura e vídeo descobrem a fina-flor da cena de arte contemporânea daquele país. A identidade, o quotidiano e a política são alguns dos temas suscitados.

*Museu de Arte Nacional da China, Pequim*

*Até 11 de Outubro*

## Mirror Me de Catherine Herédia

É o acrílico que serve a técnica da norueguesa Catherine Bjerke Herédia. Pintora nos tempos livres, garante reflectir na arte o seu próprio eu. Aprecia uma variedade de estilos e cores e isso transparece nos quadros que vão estar em exibição a partir do dia 28 de Setembro. Um mundo fantástico no abstracto que a pintora, a residir em Macau desde 1992, convida à tela.

*Centro de Indústrias Criativas*

*Até 20 de Outubro*



## L-Shirts de Clara Brito & Manuel da Silva

São portuguesas e uma das duplas de jovens designers mais dinâmicas em Macau. A partir de 1 de Setembro, Clara Brito e Manuel Correia da Silva levantam a ponta do véu das suas *L-Shirts*, um produto que se insere na linha *Derma*, criada a partir de um conceito de reciclagem. Desta série de produtos, o casal lançou este ano um conjunto de malas com selo da sua empresa, a *Lines Lab*.

*Centro de Indústrias Criativas*

*Até 22 de Setembro*





Setembro, 2006

Espectáculos

**Parabelo & Lecuona, por Grupo Corpo**

É um conhecido ensemble de dança contemporânea no Brasil. O Grupo Corpo dança no palco coreografias de hoje e dos tempos antigos ao som do samba e de canções da tradição brasileira. Valendo-se de um jogo de luz intenso e da linguagem do teatro, oferece em Macau um espectáculo de fusão afro-brasileira que ainda combina o *ballet*, o *jazz* e a dança moderna.

É com um cheirinho do interior brasileiro, em Parabelo, que o grupo primeiro se aventura no palco de Macau. Lecuona compõe a segunda parte da apresentação, numa homenagem ao compositor cubano Ernest Lecuona.

*Centro Cultural de Macau – Grande Auditório*  
Dia 11 de Novembro

**Comemoração do 57º Aniversário da RPC**

A acrobacia chinesa comemora o aniversário da Implantação da República Popular da China. Uma trupe de ginastas de Wuhan sopra as velas num espectáculo organizado pelo Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais e pelo Gabinete de Ligação do Governo Central Popular na RAEM.

*Fórum de Macau*  
Dias 1 e 2 de Outubro

**Stacey Kent**

Nasceu em Nova Iorque mas foi na Europa que encontrou o canto do *jazz*. Stacey Kent colecciona vários troféus na sua carreira, como o de Melhor Vocalista nos Prémios *Jazz* da BBC, em 2002. Comparada a Billie Holiday ou Ella Fitzgerald, interpreta clássicos de Frank Sinatra e James Taylor, entre muitos outros nomes importantes da música mundial.

*Centro Cultural de Macau – Grande Auditório*  
Dia 9 de Setembro

### **Madame Bovary is Me**

Inspirando-se na obra literária de Madame Bovary, o dramaturgo Edward Lam reuniu as elites dos palcos de Taiwan e Hong Kong para apresentar esta peça que cruza a literatura clássica e o teatro moderno..

*Centro Cultural de Macau - Pequeno Auditório  
Dias 22 e 23 de Setembro*

### **Andanças 2006**

É um dos festivais de dança com maior expressão em Portugal. Mais de 50 grupos bailam ao som da música em São Pedro do Sul desde 31 de Julho. É um evento único pela forma como convida o público a partilhar o palco com os artistas. Para além dos espectáculos, o cruzamento de tradições e experiências marca ainda as oficinas de dança e as *jam sessions*. Os portugueses Alafum e Um ou Uma Coisa Em Forma De Assim são algumas das sugestões musicais. Do País Basco chegam os *Akiakule Folk Vasco* e de França os *Place Des Miracles*.

*São Pedro do Sul, Portugal  
Até 6 de Agosto*





## Sete Sóis Sete Luas

O Festival Sete Sóis Sete Luas liga cerca de 30 cidades de Cabo Verde, Grécia, Itália, Portugal ou Espanha. Israel estreia-se na rota do festival que aprofunda o diálogo na bacia do mediterrâneo. Este ano a aposta é na música popular de raízes tradicionais, no teatro de rua, nas artes plásticas. Vão cantar por estes palcos Ana Moura, Ana Sofia Varela e a Ronda dos Quatro Caminhos.

*Oeiras, Odemira, Santa Maria da Feira, Castro Verde, Vila Real de Santo António, Montemor-o-Novo e Ponte-de-Sor, Portugal*

*De Junho a Setembro*



## Festa do Avante 2006

A Quinta da Atalaia, no Seixal, é mais uma vez o cenário natural da Festa do Avante. June Tabor + Oyester Band e os canadianos La Bouitne Souriante acertam agulhas musicais na grande festa comunista. Do Brasil chegam os Mawaca, uma formação de São Paulo que aposta nas músicas do mundo, fazendo ainda muitas incursões na tradição musical portuguesa. Da Guiné-Bissau aguarda-se a actuação dos Djumbai Jazz e de Cabo Verde de Marya Andrade.

*Quinta da Atalaia, Portugal*

*De 1 a 3 de Setembro*



## RECTIFICAÇÃO

*Por lapso, na página 119 da passada edição de Junho, a obra "Ponte entre a China Y América Latina" foi referida erroneamente como uma edição do Instituto Internacional de Macau. Trata-se de uma edição da Associação de Macau para a Promoção de Intercâmbio entre Ásia-Pacífico e América Latina (MAPEAL), subsidiada pela Fundação Macau, e com o apoio logístico do Instituto Internacional de Macau.*

## Everything in Style – Harriett Low's Macau,

por Rosmarie W. N. Lamas

É a intimidade da jovem americana Harriett Low que W. N. Lamas mergulha para analisar a Macau do século XIX. À época as mulheres nem andar sozinhas na rua podiam e os portugueses perdiam o seu poderio mercantil na região. Harriett Low foi uma das primeiras americanas a viver no Oriente, dedicando a Macau quatro anos da sua vida. Numa série de cartas que enviava à irmã retratou os costumes da sociedade local: chinesa e estrangeira. Cartas que viriam a ser publicadas num diário. Lamas examinou esse relato na primeira pessoa, dividindo-o por temas, da religião à vida das mulheres estrangeiras no Oriente.

Junho de 2006, University Press com a colaboração do Instituto Cultural de Macau, Hong Kong

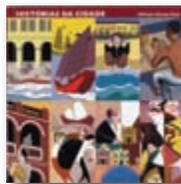


## Histórias da Cidade,

por Alfredo Gomes Dias

Um trabalho baseado na Correspondência Oficial Trocada entre as Autoridades de Cantão e os Procuradores do Senado, 8 Volumes, Macau, Fundação Macau, 2000, "Histórias da Cidade" reúne ainda vários textos do autor publicados na revista MACAU, nos anos de 2003 e 2004. Nas suas páginas espreguiça-se a rua, o bazar, a praia - a Macau onde todas as acções se desenrolam.

Junho de 2006, Livros do Oriente, Macau



## Os Novos Descobrimentos – Do Império À CPLP: Ensaio Sobre História, Política, Economia e Cultura Lusófonas,

por Luís Ferreira Lopes e Octávio dos Santos

Comprometidos com os valores da lusofonia, os autores analisam o conhecimento

da génese e da evolução do projecto da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que este ano comemora o décimo aniversário.

Alguns dos capítulos são "Celebrar a Lusofonia", "Comunidade lusófona: para que te quero?" e "Herdeiros de Camões: alguns factos e tendências recentes das culturas lusófonas.

Timor, daqui Portugal!"

Julho de 2006, Almedina, Coimbra



## A Internacionalização das Empresas Portuguesas e a China,

por Fernanda Ilhéu

Apesar do crescente interesse pela China, as empresas portuguesas enfrentam muitas dificuldades para penetrar no grande mercado do mundo. Este é o primeiro livro que confronta a China com as empresas portuguesas e o seu processo de internacionalização, inevitável nos tempos da globalização. Identifica as oportunidades que a China oferece e desvenda as estratégias mais utilizadas e o processo de negociação com os chineses.

É que, segundo a autora, a maioria das empresas portuguesas com escritórios na China (70 por cento) tenciona aumentar o seu investimento no país, mesmo as que não estão satisfeitas com o seu desempenho actual.

Abril de 2006, Almedina, Coimbra

## O português Arcaico - Fonologia, morfologia e sintaxe,

por Rosa Virgínia Mattos e Silva

São páginas que valorizam o estudo do passado da nossa língua. Reunindo dois pequenos livros publicados anteriormente, a autora, para quem quase nada nas línguas se perde, cria uma nova obra, mais completa.



Rosa Virgínia Mattos e Silva é uma das maiores especialistas em português arcaico do Brasil.

Agosto de 2006, Contexto, São Paulo

### O Português da Gente, por Rodolfo Ilari e Renato Basso

Apesar de ser falado por mais de 170 milhões de pessoas, o português do Brasil teima em afirmar-se. Ilari e Basso seguem o caminho encetado por Mário de Andrade e Amadeu Amaral trabalhando sobre a língua falada no Brasil e que tem vindo a conquistar os seus direitos.

Agosto de 2006, Contexto, São Paulo



### Nassau, por Evaldo Cabral de Mello

De João Maurício de Nassau-Siegen, governador dos Domínios Conquistados pela Companhia das Índias Ocidentais no Brasil no século XVII, nasceu uma alternativa progressista ao projecto colonial português. Importante figura da história do Brasil, Nassau instaurou o livre comércio, permitiu a prática a liberdade de culto e urbanizou a cidade do Recife, capital da Nova Holanda, revitalizando a economia açucareira. Nassau conseguiu dar prossecução ao domínio holandês até ao outro lado do Atlântico, a Angola e São Tomé.

2006, Companhia das Letras, São Paulo



### Architecture Timeline Chart

Cada um dos 17 países-membros da Arcasia tem nestas páginas a oportunidade de dar a conhecer a sua arquitectura. Muito informativo, inclui listagens com a mais importante cronologia das obras e arquitectura de cada país, do Japão ao Paquis-

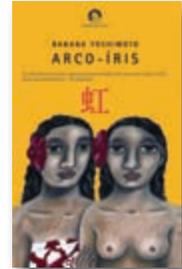
tão. Segundo o editor Johannes Widodo, a publicação “vai contribuir para o avanço e solidificação das bases do ensino desta disciplina na Ásia, para além de ser um registo histórico pictórico da arquitectura dos membros da ARCASIA”.

Setembro de 2006, Arcasia, Hong Kong

### Arco-íris, por Banana Yoshimoto

Esta é uma história simples mas profunda, bem ao jeito da pena da conhecida escritora Yoshimoto. Aborda a dificuldade de acreditar no amor depois da experiência dor e da traição.

2006, Cavalo de Ferro, Lisboa



### Uma Nova Política Económica ao Serviço das Pessoas e de Portugal, por Eugénio Rosa

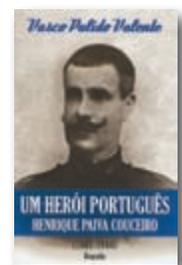
Pejado de informação sobre a actual situação da economia portuguesa, o volume analisa a crise que o país atravessa. Mais do que uma recessão económica, o autor chama atenção para as consequências sociais da crise que se instalou em Portugal. Pretende assim contribuir para uma melhor consciência do “estado da nação”.

Junho de 2006, Editorial Caminho, Lisboa



### Um Herói Português: Henrique Paiva Couceiro, por Vasco Pulido Valente

É o retrato de um homem que viveu em Angola, em Moçambique e regressou a Portugal para enveredar pela política, desafiando a República para restaurar a monarquia. Henrique Paiva



Couceiro era inimigo de Salazar e até esteve exilado em Granadilha, nas Canárias.

Julho de 2006, Aletheia, Lisboa

## Retrovisor – Uma Biografia Musical de Sérgio Godinho

de Nuno Galopim

O jornalista do Diário de Notícias passa em revista as muitas histórias da obra de Sérgio Godinho, que se estende a várias artes, como sejam o cinema, o teatro e a literatura. O músico português constrói ainda pontes entre artes, linguagens, gentes e gerações.

Junho de 2006, Assírio e Alvim, Lisboa



## Mil Tsurus.

por Yasunari Kawabata

Escrito entre 1949 e 1951, período de reconstrução de um Japão devastado pela Segunda Guerra, o livro descreve uma sociedade em reestruturação que se defronta com valores culturais vindos do Ocidente. Kawabata traz à tona os valores tradicionais de seu país, fazendo da cerimónia do chá o pano de fundo da história de "Mil Tsurus".

Agosto de 2006, Estação Liberdade, São Paulo



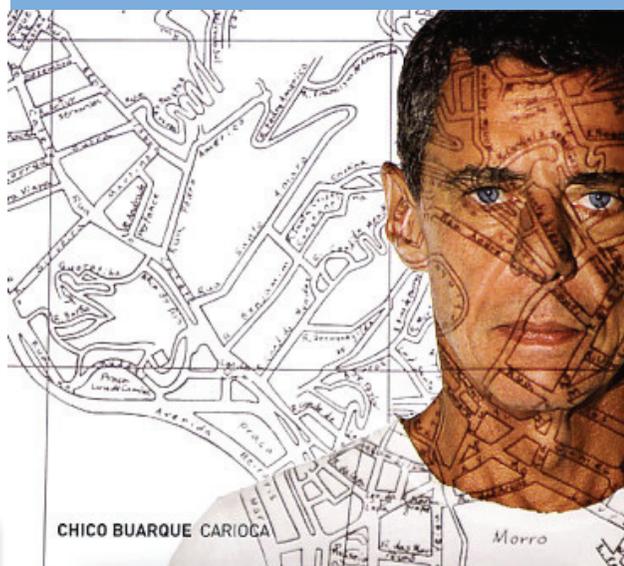
## Urgências

"O que é que tens de urgente para me dizer?" é o ponto de partida das 17 peças que compõem este registo. Filipe Homem Fonseca, João Quadros, Luís Filipe Borges e Nelson Guerreiro são alguns autores que escreveram os pequenos textos que o compõem.

Julho de 2006, Livros Cotovia, Lisboa



# Discos



## O fado por um carioca

"As palavras de Chico Buarque são autênticas pérolas", acredita Carlos do Carmo, que vai cantar o fado no Festival Internacional de Música de Macau já em Outubro. Mas antes desse grande reencontro com Macau garante que vai ouvir muitas vezes o novo trabalho de Chico Buarque, e recomenda-o "vivamente". Oito anos passados do último registo de originais, o brasileiro lança "Carioca", "um disco notável", onde se renova a beleza no trato da vida e dos sentimentos. Um músico que Carlos do Carmo conhece há muitos anos e que não se cansa de ouvir.

"Carioca", Chico Buarque  
Biscoito Fino, 2006

# GAITEIROS DE LISBOA



# SÁTIRO



## Sátiro de Gaiteiros de Lisboa

Quase a celebrarem 15 anos de carreira, os Gaiteiros de Lisboa lançam um novo disco cheio de criatividade e novas sonoridades. Depois de mais de um ano em busca de editora, o grupo conseguiu finalmente o carimbo para aquele que muitos anunciam já como o melhor trabalho dos Gaiteiros até à data, pois tem entrado no alinhamento dos espectáculos. Destaca-se a incursão ao Fado no poema de Florbela Espanca cantado por Mafalda Arnauth. Também os cordofones são uma novidade neste álbum, com a participação especial do violinista Manuel Rocha.

Agosto de 2006. (editora ainda não anunciada)

## Farrópe d' Poesia de Jon Luz

Depois de anos a partilhar os palcos com alguns grandes nomes da música lusófona, como Cesária Évora, Maria Alice ou Tito Paris, o músico de Cabo Verde Jon Luz lança-se a solo para ligar os ritmos tradicionais às sonoridades contemporâneas da world music. Destacam-se os duetos com Filipa Pais e Nancy Vieira, as participações nos coros de Lura e Marta Dias, além das intervenções de Yuri Daniel, Tomás Pimentel ou Paulo Temeroso.

Julho de 2006, Vachier & Associados

## Tora Tora dos Tora Tora Big Band

Funk, afro, latin, arabic e coordenadas jazz assinam o carácter multicultural deste registo dos artistas Lars Arens e Johannes Krieger. Criaram em Lisboa um colectivo com mais de dez músicos, os *Tora Tora Big Band*, e convidaram Pedro Abrunhosa, Tito Paris, Dulce Pontes, Terrakota, Né Ladeiras, entre outros músicos, para colaborar nesta sua estreia na cena musical portuguesa.

Julho de 2006, Music Mob

## Raquel Tavares de Raquel Tavares

É um álbum de estreia. No fado de Raquel Tavares se revigora a tradição. Levada pelo padrinho Jorge Fernando ao altar da música portuguesa, é considerada uma nova promessa no panorama do fado.

Julho de 2006, Movieplay

# Discos

# PRÉMIO

*Sophia de Mello Breyner Andersen*

**MOP\$ 25.000,00**

O Instituto Português do Oriente (IPOR) lançou o  
Prémio Sophia de Mello Breyner Andresen,  
**no valor de MOP\$25.000,00,**  
que se destina a premiar  
**um conto para crianças ou jovens  
em língua portuguesa ou chinesa.**

Tema: \_\_\_\_\_ “Macau e as suas Gentes”  
(trabalhos inéditos)

Concorrentes: \_\_\_\_\_ Todos os residentes permanentes da RAEM  
**de todas as idades**

Data limite: \_\_\_\_\_ 18:00 horas do dia 29 de Dezembro de 2006

Local de entrega: \_\_\_\_\_ Secretaria do IPOR



INSTITUTO PORTUGUÊS DO ORIENTE

Para informações contacte o IPOR, Rua Pedro Nolasco da Silva  
nº 45, 1º andar, Macau - Telef.: 530227 Fax: 530227

# Open the Door for an International Legal Career

enroll in

Master and Postgraduate of Law in 2006/2007

## European Union, International & Comparative Law

The Faculty of Law, University of Macau invites applications for its unique international programs which are aimed at training and creating legal experts for a global career.

### The Features

- ◆ Taught by distinguished full-time and visiting professors from diverse parts of the world including Africa, Asia, Australia, Europe, South America and USA.
- ◆ Learn in an international environment with a mix of Oriental, European and International Students.
- ◆ Choice to obtain a postgraduate qualification in one year or to expand further.
- ◆ Opportunity to enhance your legal research, language and writing skills to match international standards.
- ◆ Suitable class hours to enable working students to enrol and qualify.
- ◆ Offered by a University with international standards and reputation, which enjoys exchange agreements with leading universities worldwide.
- ◆ Offered at a place, where Chinese, Civil and Common Law traditions closely interact, providing opportunities for a stimulating learning experience.
- ◆ Choice of topics includes EU Institutional and Trade Law, Common Law as in UK, USA and Australia, WTO and Trade Law, International Criminal Law, International Law of Transactions, Chinese Law, Hong Kong Law and Comparative Legal Systems.
- ◆ Proximity to explore legal traditions and legal markets in China, Hong Kong, Macau and Asian region.

### How to Apply

Submit completed applications and other documents to the Registry, University of Macau, Avenida Padre Tomás Pereira, Taipa, Macau.



Further information:

Email: [fl.enquiry@umac.mo](mailto:fl.enquiry@umac.mo) - Phone: (853) 3974797 Fax: (853) 3974798

University of Macau  
Faculty of Law

[www.umac.mo/fl/master](http://www.umac.mo/fl/master)

## E depois da transferência

Visitei Lisboa pela primeira vez depois do retorno de Macau à administração chinesa em 1999 (o chamado “handover”) entre 20 e 24 de Junho de 2006.



Antes de prosseguir com este breve artigo sobre a visita, preciso de reconhecer um interesse pessoal, o que quer dizer que estas minhas impressões da visita nem sequer têm a pretensão de ser objectivas: eu sou um aficionado incurável de Lisboa, que é, sem dúvida, uma das cidades mais bonitas do mundo.

Neste contexto, tenho de confessar que a minha primeira visita à capital portuguesa seis anos e meio depois da minha última viagem, quando tive a honra de entrevistar o então Presidente português Jorge Sampaio e o ex-primeiro-ministro Aníbal Cavaco Silva (agora sucessor de Sampaio), começou com alguma decepção em relação ao ritmo aparentemente lento do desenvolvimento urbano e do visivelmente necessitado estado de manutenção dos bairros antigos de Lisboa.

Por outro lado, a cobertura intensiva da transferência pela televisão portuguesa em 1999 parece ter produzido o efeito secundário positivo de ter finalmente “espalhado a palavra” sobre alguns factos básicos relativos a Macau, nomeadamente a sua história e, last but not least, a sua localização geográfica. Ainda me lembro de uma série de experiências “cómicas” durante as minhas deslocações em reportagem a Lisboa durante os fins dos anos 80 e o início dos 90, quando muitos “alfacinhas” pareciam ser, sem a mínima consciência, virtualmente ignorantes sobre quase tudo o que dizia respeito a Macau.

Todas as pessoas que encontrei desta vez sabiam que Macau tinha retornado à China “há alguns anos” – e sempre tive de responder a perguntas do género: “Ficou algum português em Macau?” (Sim, de facto); “Ainda há lá quem fale português?” (Sim,

de facto). Alguns também fizeram a pergunta quase obrigatória: “Macau é ainda a lendária ‘árvore das patacas”” (Bem, hoje em dia em Macau mais pessoas do que nunca ganham salários decentes graças à liberalização do sector do jogo).

À margem da cobertura da visita do Chefe do Executivo Edmund Ho Hau Wah, consegui encontrar vários “velhos amigos de Macau” que estão a viver presentemente em Portugal. Sem excepção, todos eles expressaram doses um tanto fortes de “saudosismo” em relação a Macau. Muitos deles mostraram-se, sem procurar escondê-lo, arrependidos da sua decisão de se mudarem para Portugal nas vésperas da transferência e parecem achar a vida nesse país “muito mais difícil” do que em Macau (para pôr as coisas de uma forma suave). Todos reconfirmaram, uma vez mais, o velho ditado segundo o qual quem bebe a água da fonte do Lilau ficará ligado a Macau para todo o sempre – pelo menos espiritualmente.

A visita de Edmund Ho incluiu uma sobrecarregada ronda de encontros com vários ministros portugueses, o Presidente, o primeiro-ministro e o presidente do Parlamento, além de uma grande recepção oferecida pelo Governo de Macau. A cobertura da visita permitiu-me reconfirmar a opinião que tinha desde há muito tempo de que Macau conta com um verdadeiro “clube de fans” nos corredores do poder na capital portuguesa. É difícil encontrar algum ministério ou alguma entidade governamental de topo que não tenha entre os seus funcionários superiores alguém que tenha trabalhado em Macau – todos eles, certamente, beberam da água do Lilau. Isso resultou, como seria de esperar, num ambiente amistoso entre muitos membros da delegação de Macau (que incluiu cerca de três dúzias de homens de negócios de Macau) e muitos dos seus anfitriões.

Pense-se o que se pensar do passado sombrio do colonialismo europeu, o facto é que Macau foi governado por Portugal durante quatro séculos, um tempo tremendamente longo que resultou no estatuto presente de Macau como um destino do património mundial e o seu estilo de vida único.

Ao contrário de outras situações deixadas pela história em outros lugares do mundo, a China e Portugal conseguiram resolver a Questão de Macau de uma maneira bastante suave. É por isso que as visitas do Chefe do Executivo de Macau a Portugal no período pós-transferência se tornaram numa questão de amizade. ■

\*Director do The Macau Post Daily

*Luís Trabuco*

**Macau é confortável**





Foto: Luís Almoister

**– Como descobriu a paixão pelo Kendo?**

– Sempre me interessei pela cultura japonesa. Li muito sobre a história do Japão, mas a maior influência foram os filmes a preto e branco dos samurai. Foi a partir deles que conheci e me comecei a interessar pela arte marcial japonesa do Kendo. Como não havia qualquer movimento na modalidade em Macau comecei a praticar sozinho com uma espada de madeira talhada, seguindo os padrões utilizados no treino dos guerreiros japoneses do século XVII.

**– Qual é a sensação que experimenta quando pratica?**

– De harmonia, interior e para com os outros praticantes. No Kendo o importante é esforçarmo-nos por fazer os movimentos da maneira mais perfeita e mais bonita que for possível. Ajuda-me muito a relaxar. A maioria dos praticantes chega aos treinos cansada e cheia de stress mas, depois de duas horas de Kendo, sentem-se revitalizados e bem dispostos.

**– Que evento gostaria um dia de poder organizar?**

– O campeonato mundial de Kendo, que se realiza de três em três anos em três continentes. Neste momento ainda é prematuro porque a modalidade está numa fase de crescimento. Somos cerca de 120 praticantes, o que não é mau para uma modalidade com apenas dez anos de existência. Por este andar talvez ainda não seja possível realizá-lo daqui a nove anos, quando o campeonato voltar a ser realizado na Ásia, mas na volta seguinte, daqui a 18 anos, espero que Macau já esteja em condições de organizar o evento.

**– Que reacções lhe provoca o momento que actualmente vive Macau, com este rápido crescimento económico e as transformações que ele provoca?**

– É evidente que a cidade está muito diferente da Macau antiga, onde nasci e cresci. Mas ainda assim, se comparar com outras sociedades, como Hong Kong, mesmo aqui ao lado, por exemplo, continuo a achar Macau muito confortável e conveniente. Viver na península pode ser cansativo mas ainda temos as ilhas da Taipa e Coloane. Por outro lado Macau continua a ser conhecida como uma cidade casino o que é pena porque também temos as Ruínas de S. Paulo, o templo de A-Má e outros pontos de interesse para além dos casinos e da vida nocturna. Talvez se lembrem dessa herança daqui a uns vinte anos, depois de ultrapassado este período de crescimento.

**– Se alguma vez pensasse em sair de Macau, qual seria a cidade dos seus sonhos?**

– Como português, que me sinto, gostava mesmo era de ir viver para Portugal. Mas por causa do Kendo gostaria de viver numa cidade japonesa. Okinawa, por exemplo, no sul do país, que é mais tropical.

**– Quais são os seus grandes amores?**

– A minha família. A minha mulher, as minhas três filhas e o meu filho, que também pratica Kendo desde muito jovem. ■



**ANGOLA****Lello, SARL**

Lg. David Cervant

Luanda

Tel: +(244) 2 333 144

**BRASIL****São Paulo****Casa de Macau de São Paulo**

Rua Mário Martins de Almeida, 234

04772-150 - SP

Tel: +(55 11) 56685888

**FNAC – São Paulo**

Loja Paulista

Av. Paulista, 901, ext. Alameda

Santos, 960 - Bela Vista

**Rede Siciliano****Banca Cidade Jardim**

Pr. Deputado Dário de Barros, no 15

05670-090 - SP

Tel: +(55 11) 3812-7299

**Barão**

Rua Barão de Itapetininga, 227

01042-001 - SP

Tel.: +(55 11) 3255-6641

**Shopping D**

Av. Cruzeiro do Sul, 1100

- Canindé - 2o Piso

03033-020 - SP

Tel: +(55 11) 3313-1944

**Shopping Ibirapuera**

Av. Ibirapuera, 3103

Indianópolis - Piso Jurupis

04029-903 - SP

Tel: +(55 11) 5543-0071

**Shopping Iguatemi**

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2232

Jd. América - Piso Térreo

01451-000 - SP

Tel: +(55 11) 3031-9434

**Shopping Jardim Sul**

Av. Giovanni Gronchi, 5819

Piso 1 - Morumbi

05724-003 - SP

Tel: +(55 11) 3744-1901

**Shopping Metrô Santa Cruz**

Rua Domingos de Moraes, 2564

- Loja L1/2

04035-100 - SP

Tel: +(55 11) 5083-4616

**Shopping Metrô Tatuapé**

Rua Domingos Agostim, 91

Segundo Piso

03314-030 - SP

Tel: +(55 11) 6192-9562

**Shopping Paulista**

Rua 13 de Maio, 1947 -

Piso Maestro Cardim - Bela Vista

01327-020 - SP

Tel: +(55 11) 3289-3507

**Shopping Pátio Higienópolis**

Av. Higienópolis, 618

Piso Higienópolis

01238-000 - SP

Tel: +(55 11) 3823-2669

**Shopping Plaza Sul**

Praça Leonor Kaupa, 100

Piso Térreo - Jardim da Saúde

04151-100 - SP

Tel: +(55 11) 5073-8040

**Shopping Sp Market**

Av. das Nações Unidas, 22540

- Jurubatuba

04795-100 - SP

Tel: +(55 11) 5685-3552

**Shopping West Plaza**

Av. Antártica, 380 - Bloco A

Segundo Andar - Água Branca

05003-020 - SP

Tel: +(55 11) 3872-7195

**Espaço Siciliano - Vila Olímpia**

Rua Cardoso de Melo, 630

04548-003 - SP

Tel: +(55 11) 3842-9811

**Rio de Janeiro****Casa de Macau do RJ**

R. Gonzaga Bastos, 325, Vila Isabel

CEP 20541-000 - RJ

Tel: +(55 21) 22887225

**Rede Siciliano****Leblon**

Ataúfo de Paiva, 1063 A - Leblon

22450-010 - RJ

Tel: +(55 21) 2540-8725

**Botafogo Praia Shopping**

Praia de Botafogo, 400

Loja 408/409 - Botafogo

22250-040 - RJ

Tel: +(55 21) 2237-9100

**Copacabana**

Av. N. S. de Copacabana, 766

22050-000 - RJ

Tel: +(55 21) 2548-2683

**Rio Branco**

Av. Rio Branco, 156 - Centro

20040-006 - RJ

Tel.: +(55 21) 2544-432

**Barra Shopping**

Av. das Américas, 4666

Primeiro Piso - Barra da Tijuca

22631-004 - RJ

Tel: +(55 21) 2431-9507

**São Conrado Fashion Mall**

Estrada da Gávea, 899

Segundo Piso - São Conrado

22610-000 - RJ

Tel: +(55 21) 3322-0637

**Norte Shopping**

Av. Dom Helder Camara, 5474

Piso S - Del Castilho

20774-004 - RJ

Tel: +(55 21) 2595-7504

**Brasília****Rede Siciliano****Brasília Shopping and Towers**

Setor Coml. Norte B, QD 05 Lote A

70710-500 - DF

Tel: +(55 61) 3326-6946

**Conjunto Nacional**

SDN/CNB - Lojas 2083/2087

70077-900 - DF

Tel: +(55 61) 3328-5813

### Shopping Liberty Mall

SC/Norte, Quadra CN 02

70710-900 - DF

Tel: +(55 61) 3328-0694

### Pátio Brasil Shopping

SCS/B - Lote A, Nível 1

70307-902 - DF

Tel: +(55 61) 3323-6789

### Park Shopping

SAI/SO Área, 6580 - Primeiro Piso

71211-970 - DF

Tel: +(55 61) (61) 3362-0918

## MOÇAMBIQUE

### Livraria Minerva

Rua Consiglieri Pedroso, 66/84

Maputo

Tel: +(258) 21 322 092

### Mabuko

Av. Julius Nyerere, 820

Maputo

Tel: +(258) 21 415 865

### Europa - América (MOC), Lda.

Av. 24 Julho, 377

Maputo

Tel: +(258) 21 491157

## PORTUGAL

### Lisboa

### Casa de Macau em Portugal

Av. Gago Coutinho, 142,

1700-033, Lisboa

Tel: +(351) 21 849 5342

### Centro de Promoção

### e Informação Turística

### de Macau em Portugal

Direcção dos Serviços de

## Turismo da RAEM

Av. 5 de Outubro, n.º 115, r/c

1069-204 Lisboa

Tel: +(351) 217 936 542

### Livraria Nobel

Rua Azedo Gneco, no 60-R/C

Sto Condestável

1350-037 Lisboa

(Campo de Ourique)

Tel: +(351) 213869475

## Porto

### Livraria Latina

Rua de Santa Catarina, 2

4000-441 - Porto

Tel: +(351) 22 200 12 94

## Aveiro

### Livraria Nobel Académica

Rua Eça de Queirós 62

3810-109 Aveiro

Tel: +(351) 234421494

## Espinho

### Livraria Nobel

Avenida 24, 887

4500-201 Espinho

Tel: +(351) 227328210

## R.A. Madeira

### Funchal

## Livraria Nobel

Rua Vale d'Ajuda-Monumental

Palace II - Loja F

9000-116 S.Martinho Funchal

RA Madeira

Tel: +(351) 291774036

## Canico

### Livraria Nobel

Est. João Gonçalves Zarco, Canico

Shopping, Loja 10

9125-018 Canico

RA Madeira

Tel: +(351) 291933900/21

## TIMOR-LESTE

### Hotel Timor

Rua Mártires da Pátria

Dili

Tel: +(670) 723-2007

## MACAU

### Livraria Portuguesa

Rua São Domingos, 18-22

Tel: +(853) 566 442

### Livraria S. Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"

Tel: +(853) 323957



**Se deseja ser assinante da Revista Macau (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.**

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,

Edf. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau

email: assinaturas@revistamacau.com Tel: + 853 323660 Fax: + 853 323601

Nome: .....

Morada: .....

Telefone: ..... Fax: .....

E-mail: .....

Angola: 1,150.00 AON

Brasil: R\$ 29.00

Cabo Verde: 1,200.00 CVE

Guiné Bissau: 7,000.00 XOF

Macau: 100.00 MOP

Mundo: US \$13.00

Moçambique: 350,000.00 MZM

Portugal: € 10.00

S. Tomé: 94,000.00 STD

Timor: US \$13.00



delta edições



07.10.2006 - 15.10.2006



# 第一屆葡語系運動會 1.ºs Jogos da Lusofonia

聯系同一語言，

雲集四大洲的體育聚會

**4 Continentes, 1 Língua**

**UNIDOS PELO DESPORTO!**



Portugal  
葡萄牙

Cabo Verde  
佛得角

Guiné-Bissau  
幾內亞比紹

Guiné Equatorial  
赤道幾內亞

São Tomé e Príncipe  
聖多美和普林西比

Brasil  
巴西

Angola  
安哥拉

Moçambique  
莫桑比克

Timor - Leste  
東帝汶

MACAU, CHINA  
中國澳門

[www.macau2006.org](http://www.macau2006.org)



第一屆葡語系運動會籌辦委員會

Comissão Organizadora dos 1.ºs Jogos da Lusofonia

澳門氹仔體育路185-195號 ■ Rua do Desporto, n.º 185 - 195, Taipa Macau

電話 Tel: (853) 702006 ■ 傳真 Fax: (853) 712006 ■ 電郵 E-mail: cojol@macau2006.org